

REVISTA DA SEMANA

N.º 32

11-8-945



50
TUDO
MARI



Esso SUPRINDO PETROLEO AO BRASIL

**OPERAÇÃO
IMPOSSIVEL**

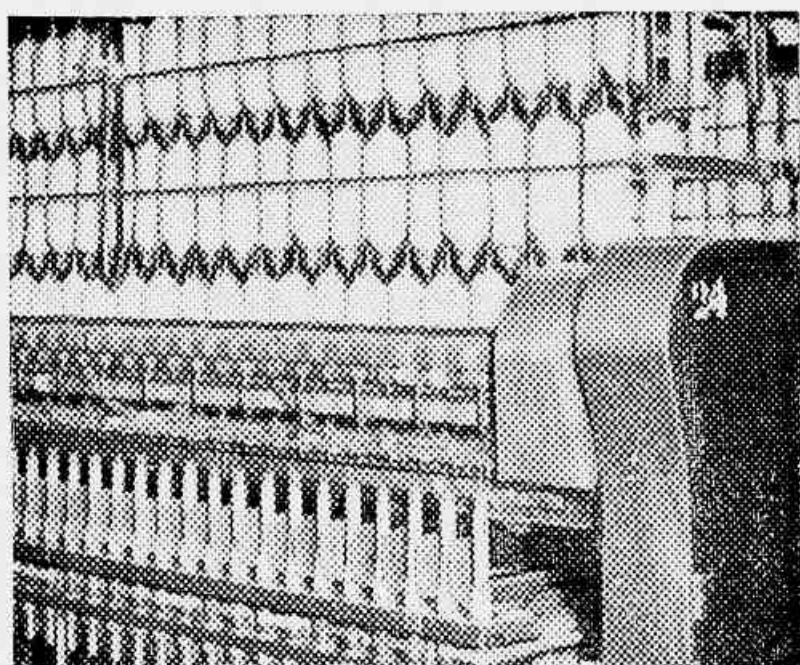
— Sem o Auxilio da Lubrificação

Os dedos de sua mão são excessivamente insuficientes para enumerar as operações mecânicas, o trabalho das máquinas, motores, engrenagens, as funções de mil e um instrumentos, que não se poderiam realizar se não se dispusesse do auxilio da lubrificação.

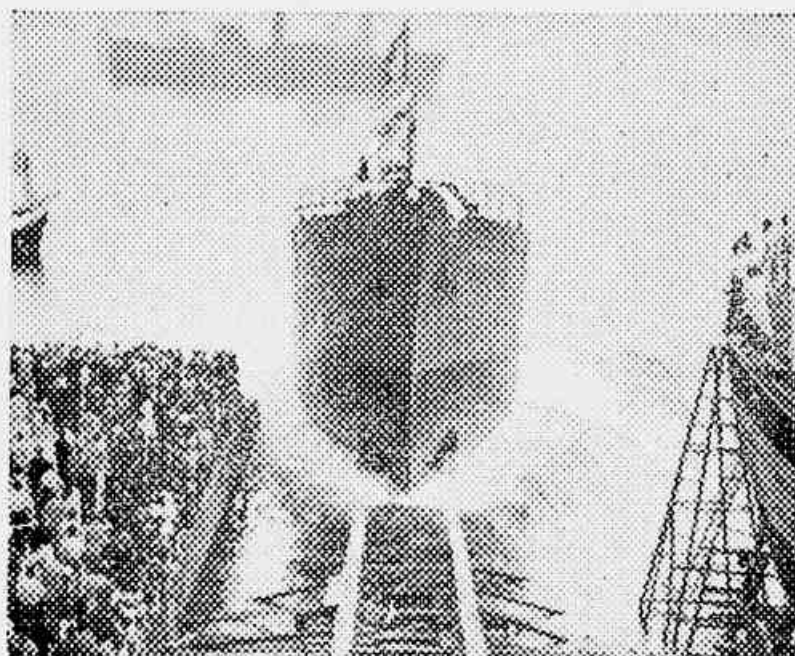
Neste mesmo anuncio aparecem três operações importantes na vida industrial-econômica do país; operações que não seriam realizáveis sem o auxilio de lubrificantes. Mas não simplesmente lubrificantes, e sim bons lubrificantes, lubrificantes adequados para cada caso.

Este é justamente o maior trabalho da industria do petroleo: o de ir ao encontro dos problemas técnicos que surgem com a lubrificação de cada novo tipo de maquinaria. Por isto, não basta dispor de petroleo: é preciso dispor tambem da experiencia que permite saber como fazê-lo util em face de qualquer problema de lubrificação ou alimentação de máquinas.

Atrás de nós, há uma experiencia de longas décadas, de penosos sacrificios, de custosas tentativas. Por isto é que podemos por, à disposição de qualquer ramo da industria ou da produção brasileira, todos os produtos de petroleo de que ela precise para movimentar sua maquinaria — fonte do progresso deste grandioso país.



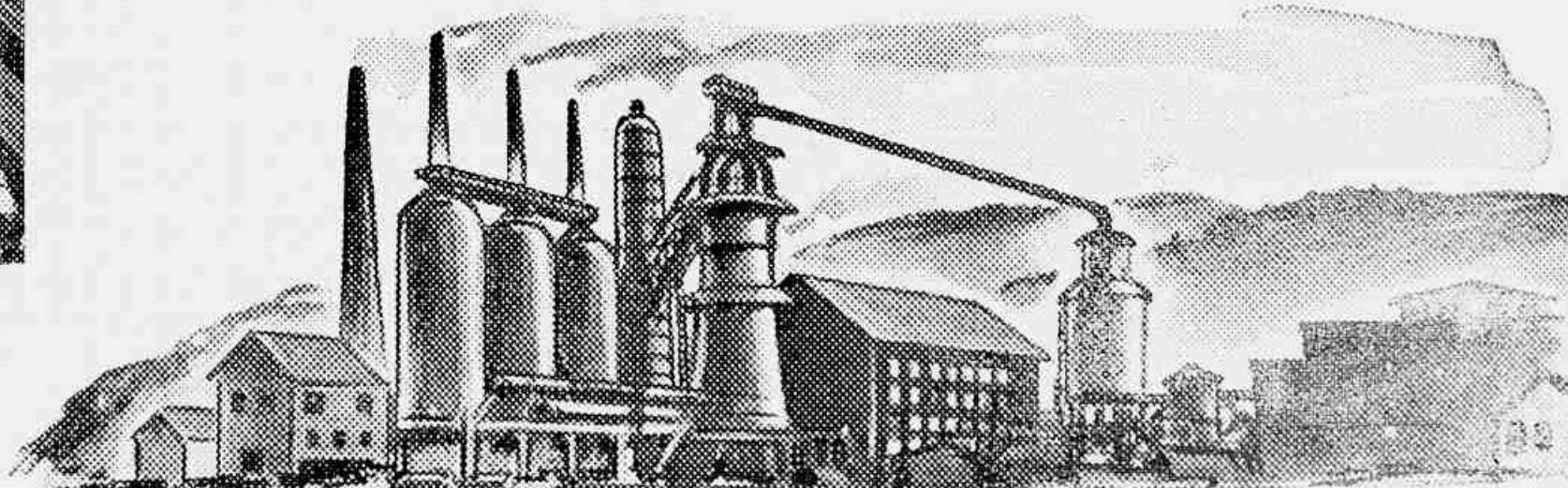
Na foto maior, de cima, vê-se uma operação delicada: retificação de uma engrenagem nova. Na foto menor: Banco de fusos a alta rotação só trabalham com um óleo especial, que não mancha o tecido e resiste.



Tipos de graxas especiais são necessários para suportar os milhões de quilos de um navio quando este desliza do estaleiro para o primeiro batismo no oceano. (Cena do lançamento de um navio da Marinha de Guerra brasileira).

★ Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional do Rio (ondas longas e curtas); Record, de São Paulo; Inconfidência de M. Gerais, Belo Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre e Radio Clube de Pernambuco, de Recife (ondas longas e curtas).

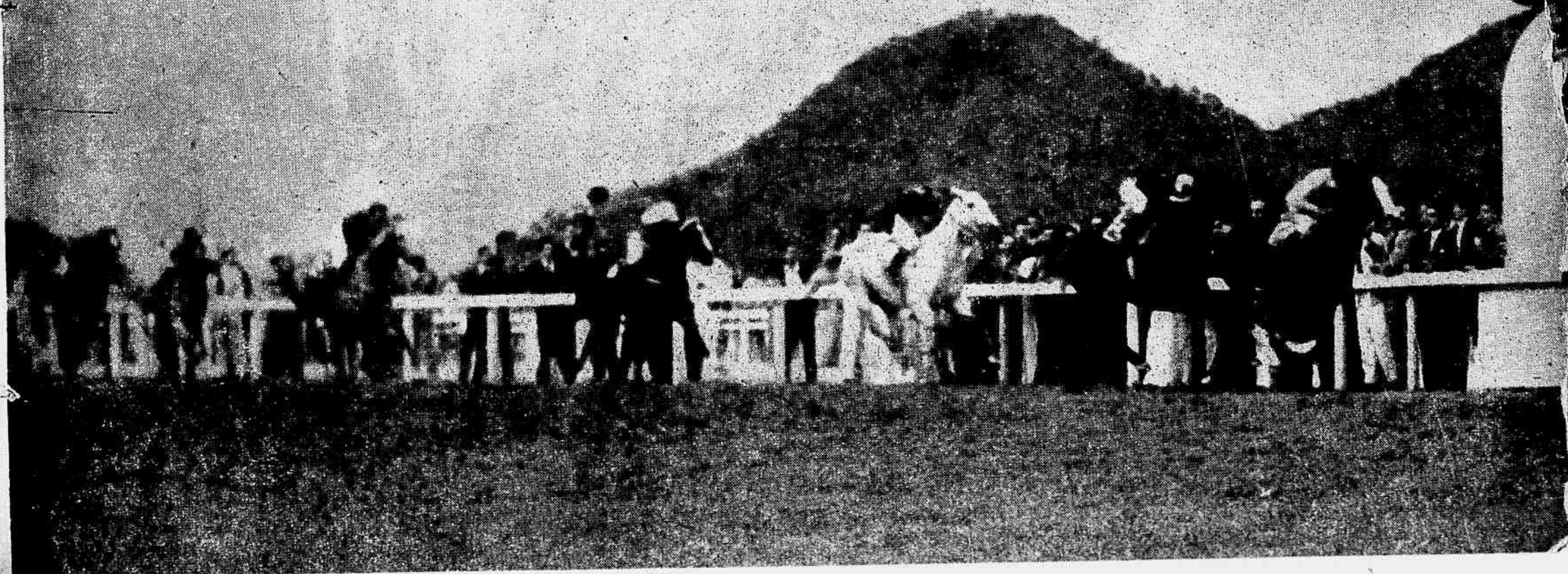
Esso STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

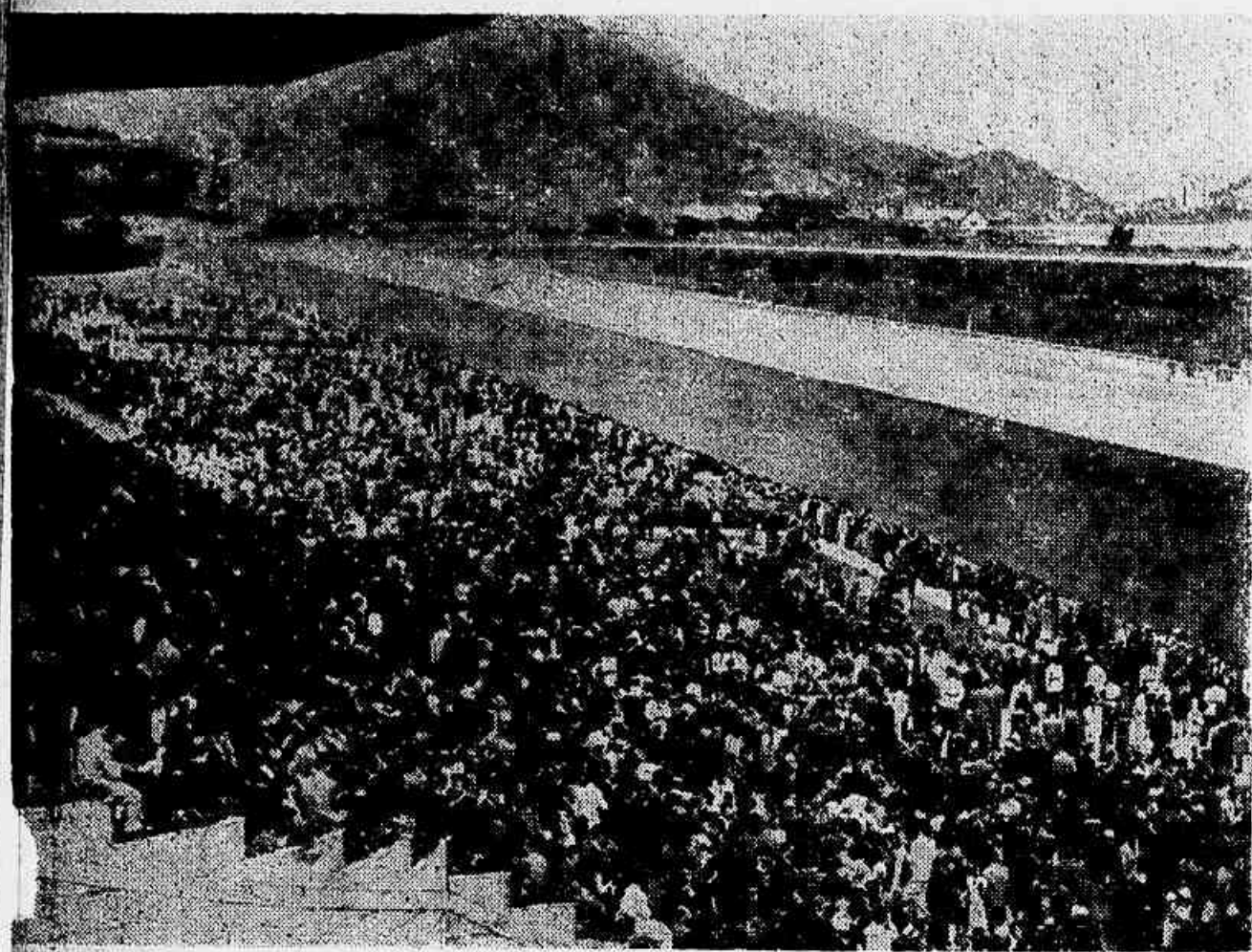




A VITORIA DE LEQUISAMO E FILON NA GAVEA

Ao alto: depois do triunfo, Filon, pilotado por Leguisamo, na maior carreira do ano, é conduzido para fora da pista, entre o entusiasmo de seus apostadores. Em baixo, a chegada.





Alguns sugestivos aspectos do grande "meeting" de domingo último, que assinalou a realização de mais um "sweepstake". Ao alto, à esquerda, um apanhado de parte da numerosíssima assistência que compareceu ao prado da Gávea. Em cima, Irineo Leguisamo, piloto de Filon, a quem se deve em grande parte a vitória do parreheiro argentino. Ao lado, o sr. Oswaldo Aranha cumprimentando o proprietário de Filon, sr. Buarque de Macedo. Em baixo, um grupo de elegantes damas da nossa sociedade, fotografado na tribuna de honra.

(Fotos gentilmente cedidas por "O Globo")





A HORA ANTES DO AMANHECER

Foi ali que tudo começou. Um dia em Madrid, em Barcelona, em Segovia, em Valência, em Bilbao, em Toledo saíram para as ruas os batalhões mercenários do exército espanhol, metralhando com suas "Colts" e "Hotchkiss" automáticas os operários milicianos, que se ocultavam nos umbrais, enfrentando as tropas bem treinadas, com o seu valor de dinamiteiros e a sua coragem de franco-atiradores. Os generais foram derrotados nas

ruas das cidades heróicas da Espanha. Formou-se o exército miliciano. Arregimentaram-se as brigadas internacionais. Ao destino da Espanha estava prêso o destino de todos os anti-fascistas do mundo. E Franco falou: "Trago-vos a bênção de Deus, trago-vos uma nova ordem". A bênção de Deus eram os obuses cento e cinco alemães; a nova ordem era a Gestapo. Agora, depois da queda de Berlim, após a Conferência de Postdam, a Espanha está novamente em foco. Dizem os jornais que Franco não se sustentará durante muito tempo. O sol de um novo dia se esboça sobre a terra de Cervantes. O horizonte torna-se róseo. E' a hora antes do amanhecer.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

AS ÚLTIMAS HORAS DE JUDAS

Muito significativo o fato de ter sido Pierre Laval, o "quisling" francês que há algum tempo se encontrava numa prisão espanhola, entregue às autoridades de seu país pelo próprio governo do generalíssimo. Laval foi levado a um avião, que decolou serenamente rumo ao território metropolitano da República Francesa, que ele havia entregue à ambição ilimitada dos exércitos de Hitler.

Há longos anos, esse político corrompido e venal, numa vilazinha situada nos arredores da Cidade Luz, recebia todos os diplomatas e espiões nazistas, que já premeditavam a investida contra a França. E com eles o traidor estipulava o preço da venda de sua pátria. Um dia, passando sobre a ponte do Comitê de Não Intervenção, os alemães caíram sobre a Espanha. Esta foi a primeira fase da invasão da Europa pelas hordas nazistas. E quem fez a "não intervenção"? — Laval. Depois veio a paz em separado firmada pela França. Quem foi o culpado de tudo? — Laval. Os Pirineus e a Riviera foram ocupados. Quem estimulou os alemães? — Laval.

Feito tudo isto era justo que ele recebesse os trinta dinheiros. Recebeu-os. Depois, quando tudo estava perdido, fugiu para a Espanha, para os braços paternos de Franco. Mas Postdam foi um aviso. O crânio tremeu. E Pierre Laval foi entregue aos franceses. Tão ingrata é a sua causa, que nenhum advogado quer tomá-la sob sua responsabilidade.

Ele teve os trinta dinheiros. Agora, o ramo da fúlgora...



A SEMANA EM REVISTA

UMA TRAGÉDIA NACIONAL



Em Crato, no Ceará, dizem os jornais, aconteceu uma dessas coisas impressionantes, das quais só temos notícia uma vez por século. Ali, cidade conhecida pelo grande número de cangaceiros que transitavam pelo seu centro urbano e pelos arredores, acaba de surgir o mais assombroso caso de delinquência infantil, um caso clínico que chegaria a embasbacar o próprio Freud, um fato diante do qual Lavater abriria a boca e Lombroso tiraria o chapéu. Acreditem ou não, na cidade de Crato, Ceará, Brasil, existe um criminoso de quatro anos de idade. Menino que ainda deve andar em camisola, o terrível delinquente, entre uma porção e outra de mingau, idealiza e perpreta os crimes mais hediondos, entre os quais se pode citar um ato quase consumado de incêndio. Há pouco tempo, burlando a vigilância paterna, o pequeno criminoso tentou lançar fogo a várias casas da localidade onde reside, sendo porém o seu gesto evitado a tempo por pessoas que observavam os seus gestos. Outras tentativas de crimes deste calibre levou a efeito o garoto-prodígio do cangaço. Mas

tôdas elas fracassaram, em virtude da pouca força física do menino, que quase nunca conseguiu levar a cabo os seus intusos macabros. O pior delito, entretanto, cuja prática tentou o perigoso menino, foi o duplo parricídio: certo dia, possuído de furor assassino, armou-se de uma faca e investiu contra os seus pais, disposto a matá-los. Não fôsse a reação violenta que estes se viram forçados a esboçar, o pequeno teria mesmo consumado o seu sinistro intento, tirando a vida aos seus genitores. Estes ainda foram crimes apenas ensaiados. Mas um deles, um impressionante infanticídio, não pôde ser a tempo evitado. O menor criminoso do mundo, armado-se com uma enorme pedra, descarregou diversas pancadas na cabeça de uma criança menor que ele, esfacelando-lhe o crânio.

Este é, em linhas gerais, o fato que os jornais comentam e registram como sendo um caso pitoresco. Ele entretanto nos revela a intensa tragédia das populações abandonadas do Nordeste, presas durante séculos às garras do cangaço, que tem sido ali uma verdadeira barreira contra o progresso e contra a civilização.

Este fato é, por si só, a história da mais ampla tragédia nacional. A tragédia que tem um nome curto e seco — Ceará.

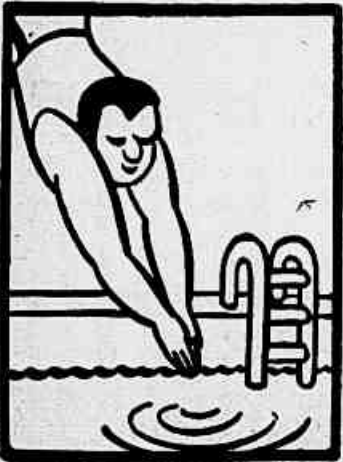
O CRIME DO SILÊNCIO



Aconteceu em 1918. Um navio espanhol aportou ao Rio, trazendo entre bagagens e passageiros um claudicante diabólico — a gripe. Sem pagar imposto alfândegário, sem passar pela inspeção sanitária, milhões de bilhões de bacilos de Pfeiffer desembarcaram na Cidade Maravilhosa, provocando o mais tremendo flagelo que jamais havia sido assistido nas ruas de São Sebastião. Até hoje, ainda podemos nos comover com as histórias contadas pela gente daquele tempo, a respeito da "Espanhola". Agora volta ela de novo, a terrível influenza, trazida não se sabe por quem, vinda não se sabe de onde. Chegou e venceu. Encontrou pela frente uma cidade aberta, habitada por uma população de sub-nutridos, coberta por uma atmosfera de doença. Correu os bairros da miséria, subiu pelas favelas de ruas esburacadas, onde a água pútrida dos enxuros se estagna nas valas profundas. Voltou e venceu de novo. Entrou nos pulmões do comerciante, que se encontrava no cinema depois de haver jantado uma média. Atacou o estômago do operário que comia a refeição

magra do "china" num prato mal lavado. E ninguém disse nada. Um jornal, em vez de prevenir a população contra os perigos da gripe, alarmou o povo, dando ao surto um aspecto terrífico, que ele em verdade ainda não tem, e noticiando casos de morte que de fato não se verificaram. Esta foi a atitude lamentável de um órgão de imprensa. Outros jornais, quase a totalidade de nossos diários, silenciaram diante da gripe. E esta continua o seu caminho de dor. Os casos multiplicam-se pela cidade; a influenza continua a atacar escolas e oficinas. Rara é a família que ainda não tem o seu doente. E a nossa imprensa, o nosso rádio, longe de ensinarem o homem do povo a prevenir-se ingerindo limão, laranja e outros alimentos ricos em vitamina "C", em vez de prevenirem a todos contra o perigo das aglomerações, trancam-se num mutismo injustificável, sem tomar conhecimento daquilo que pode vir a transformar-se em calamidade pública. A gripe, como qualquer doença de caráter epidêmico, atravessa sua fase benigna. Mas, de um dia para outro, uma oscilação barométrica ou térmica, poderá trazer de novo ao Rio as horas trágicas de novembro de 1918. E então, apanhado de surpresa, sem a defesa de uma profilaxia eficiente, o povo carioca pagará por uma falta que apenas alguns cometeram. Uma falta que pode assumir as proporções de um crime — o crime do silêncio.

A HISTÓRIA DE JOHN, O MARUJO DE SORTE



Um dos últimos corsários submarinos que percorria o Atlântico Norte, meteu a pique o navio de John, o marujo de sorte. A ordem de abandonar o barco foi dada, e John viu-se perdido no meio do oceano infinito dentro de um bote de borracha. A pequena e insegura embarcação era jogada de um lado para outro ao sabor das ondas, embalando a agonia do pobre marinheiro, que contava as horas intermináveis de martírio. E as horas se prolongaram pelos dias tristes de desespero. O marujo esperava em vão um navio providencial, que o salvasse da morte pela fome e pela sede. Dentro da enorme massa líquida a garganta ressequida reclamava água. A língua encolhia-se toda, na ânsia de uma gota; o estômago dolorido pedia pão. Durou nada

podiam ser prestados pela moderna ciência médica. A fome desapareceu, graças à exemplar alimentação. Um mês depois John, o marujo da sorte, estava convalescente. E após outros trinta dias de repouso foi dado como completamente restabelecido. Os seus camaradas exultaram. Resolveram homenageá-lo e organizaram uma festa sensacional, dessas capazes de provocar um ano de ressaca. Beberam em todos os "dancings" de Miami, fizeram discursos, comeram do bom e do melhor, dançaram com as mais lindas "taxi-girls" do mundo. Ali pela madrugada, quando o sol já punha manchas róseas na praia maravilhosa, os marinheiros se encontravam no mercado, bicando uns mariscos. O pileque era geral. E um deles, mais entusiasmado, sugeriu que a festa terminasse com um banho de piscina. A idéia foi logo aceita por todos, e pouco depois os rapazes davam gostosas braçadas num tanque de natação. Divertiram-se todos com aquilo, exceto John que, por um motivo qualquer, perdeu as forças no meio da piscina, perecendo afogado. O leitor com certeza está decepcionado, pois esperava encontrar aqui, naturalmente, uma história de interesse. Talvez a história de John seja tão pau, tão cacete, tão amolante como aquela do "barquinho pequenino, que não sabia navegar". Mas, assim ou assado, esta é a verdadeira história de John, o marujo de sorte.

"ÇA IRA"



Vimos de assistir, num dos nossos Cineacs, o primeiro jornal "Atualidades Francesas", no qual aparece em toda a sua plenitude, a parada do 14 de Julho em Paris, desfile que congregou, além das forças militares e das F. F. I., centenas de milhares de civis, que marchavam triunfalmente pelas ruas da cidade libertada e vitoriosa, cantando o seu velho canto de glória e de guerra: "Ça ira... ça ira", diziam os parisienses. Os rostos inflamados pelo entusiasmo guerreiro, eram as mesmas faces famintas que gritavam diante da Bastilha no dia da redenção. As vozes quentes eram as mesmas que levaram à Vendéia o grito da República, nos dias heróicos de 93. Parecia que as notas do "Ça ira" estavam cobertas pelo sangue dos soldados; parecia que a música tinha as tonalidades do pendão tricolor. A velha canção, tinta pelo sangue de mil massacres, queimada pelo fogo de infinitos combates,

era a mesma canção gritada nos bosques da "Ciudad Universitaria", quando os batalhões de voluntários franceses das Brigadas Internacionais ofereciam seus peitos destemidos aos "tanks" alemães das colunas de Franco. Era a música que vivera encarcerada em Paris, durante os anos tenebrosos da ocupação nazista.

Ao ser exibida no Rio esta fita documentária, Pétain está sendo julgado em Paris. Um marechal de França que não soube cumprir o seu dever de cidadão da República está agora diante de um júri popular, que resolverá sobre sua vida e sua morte. Enquanto isto, vibram ainda nas ruas da Cidade Luz as notas heróicas do "Ça ira". Que elas sejam um lembrete aos homens que compõem o júri de Pétain. Que as suas palavras não sejam esquecidas. Através da letra dessa canção disseram os parisienses de 1789: "Esta noite levaremos os nobres à lanterna". E levaram. Pelos postes de iluminação pública ficaram pendurados os corpos dos membros do "Primeiro Estado" que a plebe enforcara. A guilhotina é uma invenção posterior a isso. De qualquer modo, com ou sem guilhotina, esperamos que as medalhas honoríficas de Pétain não façam o povo de Paris esquecer a sua velha e heróica canção: "Ça ira".

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro. Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5609

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL. REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 32 --- 11-6-945

LITERATURA

Os grandes concursos literários da REVISTA	8
Como Simpson roubou as joias (Edgar Wallace)	23
Souza Correia (Escragnolle Doria)	26
A experiência do dr. Heidegger (Nathaniel Hawthorne)	32/33
O Cuco (André Maurois)	35
Livros Novos (J. L.)	36/37

REPORTAGENS

A vitória de Leguisamo e Filon na Gávea	3/4
Os relógios do Rio e o seu Tempo (Celius Aulicus) ..	9/15
Figuras e Fatos	16/17
Jockey Club Mundano	18

SECÇÕES

Acontecimentos da Semana	5
A semana em revista	6
Aconteceu há 21 anos	7
Aconteceu no Rio	19
Cinema e Música	20/21
Artes Plásticas	28

CINEMA

A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	46/47
---	-------

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Gesy Barbosa)	29
Modelos Shirley Temple	30, 31 e 34
Modelos avulsos	38 e 42
Seu tricot	39

CURIOSIDADES

O Q. G. de Montgomery na Alemanha	24/25
---	-------

CARICATURAS

De Bom Humor	22
"Charge" de Luiz Sá	27
"Charge" de Raul	52

NOVELA

Ressurreição	53/54
--------------------	-------

TEATRO

Sua Excelência	56/57
----------------------	-------

NOSSA CAPA

Cumprindo o nosso propósito de apresentar sempre aos nossos leitores, em nossas sobrecapas, as mais bonitas "new-faces", pois elas são, incontestavelmente, os paradigmas da beleza feminina contemporânea, damos hoje mais uma dessas graciosas figuras: Sheyla Ryan, da R. K. O-Radio Pictures, que talvez venha a ser ainda uma das maiores expressões da sétima arte.

No texto deste número, reportagens atuais, contando-se entre elas o serviço fotográfico em torno do "meeting" de domingo último na Gávea, durante o qual sagrou-se campeão o parreheiro argentino Filon, magnificamente pilotado por Irineo Leguisamo. Outra interessante reportagem apresentamos ainda, sobre os relógios públicos do Rio de Janeiro e a sua utilidade, em função de seu tempo.

Completem a presente edição secções de teatro, cinema, música, além da costumeira parte feminina, amplamente ilustrada com modelos de Hollywood e outras capitais da moda, e o prosseguimento da novela de Jesy Barbosa, "Ressurreição".



Comer Muito! Beber Demais!



Tôdas as vezes que praticar alguma imprudencia ou extravagância, comer demais, beber muito vinho, muita cerveja, licores ou outra qualquer bebida alcoólica, para não ter indigestão ou outro desarranjo do estômago e intestinos, convem muito tomar à noite, quando fôr dormir, duas ou três colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de água.

Quem costuma ter indigestões, perturbações do Estômago e fermentações tóxicas dos intestinos, e não se trata, está arriscado a sofrer de doenças mais graves, porque essas substâncias infectadas invadem o sangue e afetam todo o organismo, causando grande mal aos nervos e prejudicando as funções do fígado, baço, coração, rins, etc.

Para evitar esses sofrimentos, tenha o seu estômago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**.

Use Ventre-Livre

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e suas consequências: falta de apetite, gosto amargo na boca, mau hálito, vontade exagerada de beber água, vômitos causados pela indigestão, arrêtos, gases, dores, cólicas, fermentações e peso no estômago, dores, cólicas e inflamação intestinal produzida pela demorada retenção de resíduos pútridos e tóxicos dentro dos intestinos.

Olhe

Ventre-Livre não é purgante.

Ventre-Livre é um vigorizador das camadas musculares dos intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre a mucosa do estômago e as funções do fígado.

Por esta razão, **Ventre-Livre** faz sempre muito bem!

Use **Ventre-Livre**

Não esqueça nunca:

Ventre-Livre não é purgante

Aconteceu...

HA 21 ANOS

Da REVISTA DA SEMANA de 12 de janeiro de 1924:
CASAMENTO NEGRO

Efetou-se recentemente em Nova York uma das mais suntuosas cerimônias que o mundo negro já viu: o casamento de miss Mae Walter Robinson com o dr. Henry Gordon Jackson, de Chicago.

A noiva, que ostentava um magnífico vestido branco, é neta duma astuta dama da aristocracia negra que, ao tornar-se famoso na Europa certo processo de ondulação de cabelos, fundara um soberbo estabelecimento, no qual se encarregava de tornar lisas as lanuzadas cabeleiras dos negros aristocráticos de New York. Assim ganhou uma enorme fortuna, e, tendo adquirido uma vivenda admirável à margem do Hudson, deixou proibido por testamento que essa propriedade fosse jamais vendida a algum branco.

Isso aconteceu em 1924. Muitos conhecimentos tiramos de tal notícia. A primeira delas é a perfeita, completa e absoluta falta do que fazer dos reporters de então, que se encarregavam de escrever sobre coisas da importância dessa um artigo talvez maior que o tratado de paz firmado sobre a Alemanha. Além disto, ainda se encarregavam de espalhar pelo mundo a notícia de um casamento negro de secundária repercussão, dando, além da árvore genealógica da noiva, a profissão de cada um de seus maiores.

Assim, ficou célebre em todo o mundo, durante um curto espaço de tempo, uma dama negra dos Estados Unidos, simplesmente porque fazia um serviço de terraplenagem na gatorinha de suas irmãs de raça.

Justo é pois que façamos célebres agora, por motivos análogos, todos os oficiais de cabeleiros da rua da Lapa. Glória aos que descobriram o óleo capilar com sede cáustica! Glória aos fígados de gafeira!

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

Os grandes concursos literarios da «Revista da Semana»

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a "REVISTA" publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLONIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" e "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como temos noticiado amplamente, a REVISTA DA SEMANA instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aqueles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Esses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a selecionar peças teatrais, outro a contos, e

o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmios relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patricios e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolônia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRÊS EM TRÊS MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENRÊDO, ESTILO e UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remetentes, na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.

- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO "APOLÔNIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

O CONCURSO DE CONTOS E OS ORIGINAIS RECEBIDOS

O concurso de contos tem caráter permanente, obedecendo os originais ao julgamento periódico, que se fará de três em três meses. Nessas apurações serão selecionados os originais a serem publicados nos três meses imediatamente posteriores. Cada trabalho premiado será remunerado com a quantia de Cr\$ 100,00.

Até o presente momento já nos chegaram vários originais de contos e o da peça teatral "A mulher que voltou", de autoria do sr. Homero Lobo.

Os contos até agora recebidos são os seguintes:

"A sentinela", de Valério Hoffli; "Feia", de Lucília Figueiredo; "Ao crepitar da floresta", de Braz Mendonça; "O diário da morfética", de Elora; "História em dois quadros", de Florzinha; "Asclepiades, julgador de contos", de Homero Lobo; "A desventura do Maquias", de Altino Bondesan; "Copacabana", de Henrique Oscar; "O cheiro", de Plauí de Souza; "Sinfonia inacabada", de Naylor Vilas Boas; "Como é triste recordar", de Violeta Benedetti; "Ainda não sei viver", de Alvaro Lourenço dos Santos; "Renúncia", de Odete Serpa Levy; "Fruto da Nogueira", por João de Queiroz; "A imagem perdida", de José Escobar Faria; e "Sto-transit", de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

OS RELOGIOS DO RIO E O SEU TEMPO

CRONÔMETROS QUE MARCARAM AS HORAS HISTÓRICAS DO RIO DE JANEIRO — O RELÓGIO DA GLÓRIA
E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA DOS NAMORADOS — OS ENCONTROS NA GALERIA
CRUZEIRO — GASÔMETRO VERSUS D. PEDRO II

Escreveu Célius Aulicus

Fotografou Arnaldo Vieira

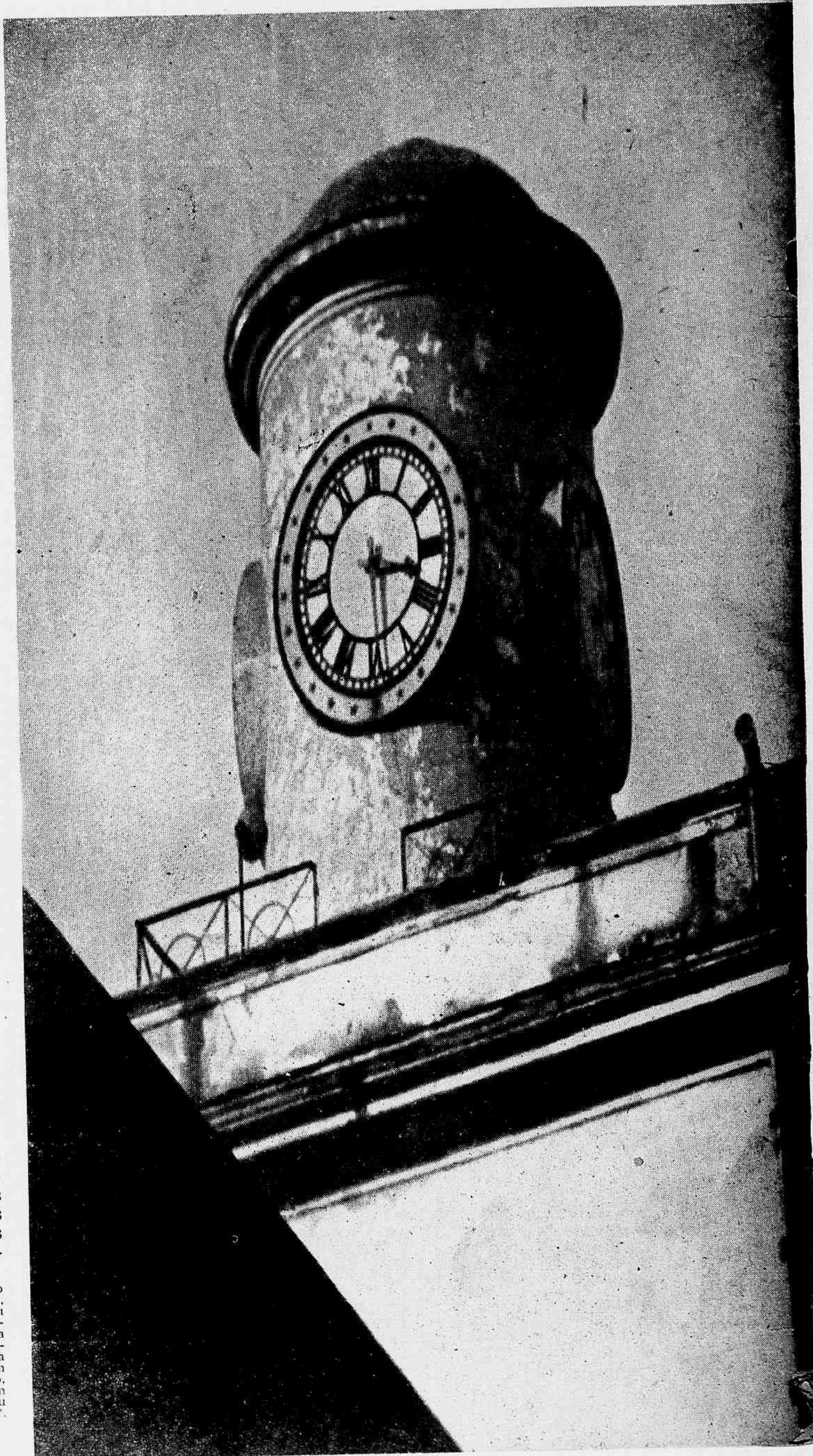
HÁ pouco tempo, relativamente é claro (mesmo porque tudo no mundo é relativo, até o próprio absoluto), um homem descobriu que todo o universo, desde os mais microscópicos dos infusórios, até as mais gigantescas massas cósmicas, vivia e se movimentava em função de dois fatores: tempo e espaço. Da relação existente entre esses dois fatores abstratos e ilusórios surgiu uma nova ciência, criada por esse cidadão, de quem todos falam e que muito poucos conhecem: Albert Einstein. A "teoria da relatividade", por ele criada, veio transformar completamente a física, a matemática, a filosofia, prendendo todos os sistemas planetários e todas as leis científicas às cadeias severas do tempo e do espaço. São estes, pois, os nervos motores de toda a vida universal, e em função deles se traça todo o ciclo da existência humana. A intensidade e o valor de uma vida podem portanto ser medidos por dois aparelhos muito vulgares e conhecidos: o relógio e o telêmetro. Este último nos pode contar com precisão o valor de uma existência, através das distâncias percorridas por um homem e através das longitudes alcançadas por sua fama. Mas o relógio é mais importante. Ele mede todos os incidentes de todas as vidas humanas, desde as mais gloriosas às mais apagadas. Ele exerce tanta influência sobre a vida de Atlee, como sobre a do operário José da Silva que mora em Mangueira. Cientistas, maestros, poetas, "boxeurs", generais, políticos, caixeiros e funcionários, todos acordam, trabalham, pensam, se alimentam e se divertem de acordo com o que lhes ditam os ponteiros dos relógios. E, embora muito se difiram no formato, na estrutura e na apresentação dos relógios de que cada um deles se utilize, o tempo, o eterno e cruel tempo, é um só para todos, perpétuo e imutável. Onde quer que se encontre, um homem tem sempre pela frente um relógio, pois essas máquinas se espalham agora por todo o mundo — nas torres das igrejas, nos cimos dos arranha-céus, nas salas das repartições, nas marquises das lojas, pondo sempre em presença do cidadão a lembrança das horas que passam.

OS RELÓGIOS DO RIO

O Rio não escapa à regra geral. Além dos cronômetros de pulso e de bolso que usam os cavalheiros e as damas, de acordo naturalmente com suas posses e representação social, há espalhados pela "urbs" centenas de relógios públicos, para aqueles que nunca entraram num relojoeiro ou que já entraram numa agência do "Monte de Socorro".

Há relógios mesmo tradicionais, que marcaram as horas mais históricas da vida citadina. Existem no Rio de Janeiro cronômetros que vêm servindo ao público carioca há mais de meio século. Entre esses estão os relógios das torres da igreja de São Francisco de Pau-

VENCIDO PELO TEMPO — Se o relógio do gasômetro falasse, talvez nos dissesse alguma coisa semelhante a isto, em tic-tacs gaguejados: "Já fui rei. Rei no duro. O meu reinado era toda a zona norte da Cidade, que se movimentava de acordo com o que eu lhe ditava, e me consultava sempre. Milhares de pessoas agiam de acordo com a posição de meus ponteiros. Era eu que lhes ditava a hora de comer, de dormir, de levantar. Eu era rei mesmo, com reinado e tudo. Hoje estou vencido. Vencido pelo tempo, que me tirou a visibilidade construindo arranha-céus em redor do meu trono. Vencido pelo tempo, que construiu o prédio da Estação D. Pedro II. O meu tempo passou".





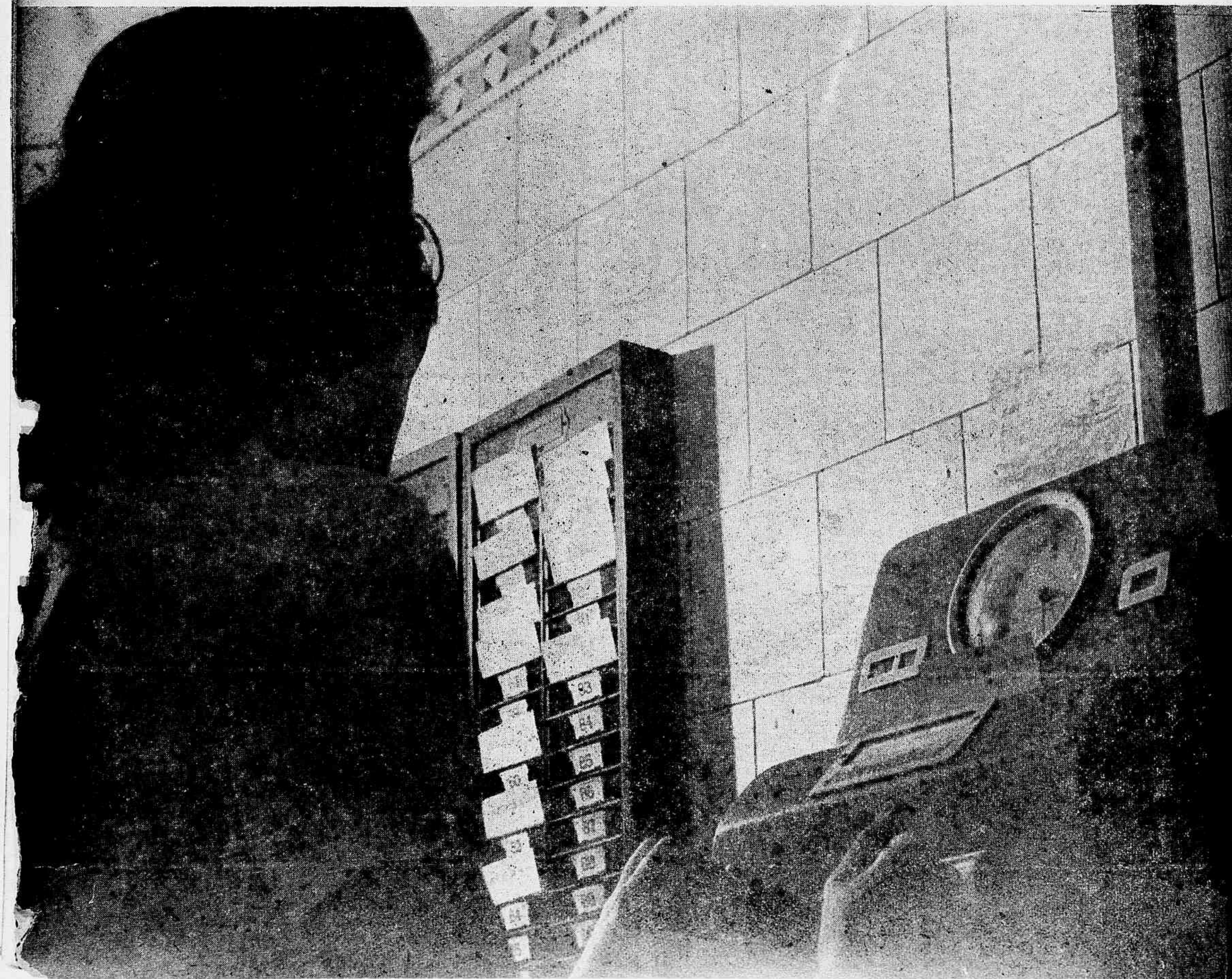
"DORMIR, SONHAR TALVEZ"... — Nada para coroar uma noite agradável de sonhos maravilhosos, que a campainha sonora e meiga do despertador camarada. O rapaz, irritado, acorda, sentindo ainda na boca o gosto do último whiskey. A noite é bela, mas está terminada. Começa agora um novo dia amargo de aulas monótonas e estudos enfadonhos. Como é bom dormir, dormir, sonhar talvez! Shakespeare cedeu lugar agora ao professor de Direito Romano. "Hamlet" foi desbancado por Clovis Bevilaqua. Assim começa o dia do estudante e poeta Antonio Miguel, aquele que descobriu que o mais feliz dos seres vivos ou inanimados é o rio, que consegue fazer todo o curso sem sair do leito.

A HORA DO BATENTE — Todos medem a sua vida por vários relógios. Pelo despertador, que nos acorda de manhã com seu tinido adverso. Pelo relógio da igreja próxima, que obriga o sino a nos mandar através dos ares o badalar das Aves-Maria. Pelo relógio da Central, que marca o atraso do trem nosso de cada dia. Mas de todos os relógios o que exerce maior tirania sobre uma pessoa que trabalha é sempre o relógio do ponto. Este é o mais severo dos carrascos, o mais vigilante dos guardas, o mais astucioso dos espíes, o mais inteligente dos chefes. É, em suma, o mais antipático de todos os personagens. Com ele não é possível a desculpa do atraso do bonde; o seu carimbo inexorável não se comove com um "memorandum" da Central. Para ele só há duas espécies de pessoas: as que marcam cartões e as que os conferem. E' o maior inimigo das primeiras e o melhor auxiliar das últimas.

la. Dois mostradores colocados na frente das torres marcam as horas do dia. O relógio da esquerda vai além: sobre marcar, como qualquer cronômetro banal as horas e os minutos, indica também o dia, a semana, o mês e o ano. Durante todo o dia o relógio é consultado por uma multidão apressada, que vem dos mais remotos subúrbios encaminhando-se para os mais longínquos pontos da zona sul. À tarde o movimento do largo de São Francisco inverte-se: operários, comerciários, vendeuses, todos procuram apressadamente um lugarzinho no bonde que os conduzirá de regresso ao lar. E todos, na agonia da espera do transporte que demora, olham repetidamente para os mostradores das torres, que vão assinalando os minutos fugitivos.

Chegou um bonde Cascadura. Uma avalanche de gente invade o veículo, que já entrou no largo superlotado. São dezoito horas e quarenta e cinco minutos precisamente, hora certa da igreja de São Francisco. Já dentro do bonde, em pé, espremidos entre os outros passageiros, o homem cansado do trabalho, o habitante do Meier e de Madureira, a menina do comércio, lançam um último olhar ao relógio da igreja, que marca agora o fim de um longo dia de labuta e fadiga.

Há muitos anos funcionam assim, a serviço do público carioca, os dois relógios da igreja de São Francisco, oferecendo a certeza



precisa do tempo a todos quanto passam pelo largo. Agora, porém, encontram-se em conserto as tôrres em que êles se encontram, de maneira que o relógio da esquerda, o tal que marca até a passagem dos séculos, está inteiramente coberto pela madeira de um andaime, enquanto o outro mostrador também se oculta em parte atrás das táboas trançadas. Isto obriga os transeuntes que não possuem relógios a tomar o bonde sem conhecimento preciso do atraso com que o mesmo chegou ao local.

PONTUALIDADE INGLÊSA

Um dos mais certos relógios do Rio de Janeiro e também um dos mais antigos é, sem dúvida, o chamado "relógio do gasômetro", que tem esse nome por pertencer aos escritórios da Societé Anonyme du Gaz, situados no Mangue, em frente ao depósito metálico de gás.

E' um relógio sem grande aparato, com quatro mostradores, postos no alto da pequena torre mourisca do prédio. Esse relógio funciona há muitos anos, tendo mesmo assinalado o primeiro minuto do século vinte.

Desde que foi pôsto ali aquêle grande cronômetro muitas coisas aconteceram. Os anos transcorreram rápidos ou morosos, alegres ou trágicos, monótonos ou cheios de acontecimentos palpitantes. E o velho relógio, com a sua pontualidade imutável, ia indiferentemente marcando os minutos e as horas, sem sentimentalismos humanos e sem paradas regulares.

A sua função era essa; correr sôbre os minutos vividos era o seu trabalho obrigatório. Servia ao público com precisão e generosidade, ouvia sem resmungar as injúrias dos que se atrasavam, que lhe lançavam no pobre rosto numerado a culpa de todos os contratempos. A felicidade dos namorados que passavam as horas nas sombras das palmeiras, era para êle tão indiferente como a irritação do guarda-noturno, que olhava furiosamente o seu mostrador, à espera do companheiro que o deveria render. Isso era antigamente. Durante longos anos o relógio do gasômetro foi um personagem importante do Rio de Janeiro. Êle marcara os momentos mais emocionantes da guerra de 14-18; a hora "H" de 1930 fôra assinalada por êle. Durante a epidemia de gripe que assolou a Cidade Maravilhosa, os seus ponteiros se arrastaram dolorosamente pelo mostrador, na progressão sinistra dos dias de pavor.

A cidade cresceu em tôrno dêle. Sincronizaram-se com o seu fraco tic-tac de relógio antiquado o barulho das perfuratrizes e o martelar dos bate-estacas. Outrora o mostrador do popular cronômetro dominava tôda a extensão da Cidade Nova. Hoje o próprio termo "Cidade Nova" nos parece uma ironia. A "urbs" evoluiu, cresceu, lançou para o céu a estrutura arrojada de seus colossos arquitetônicos. E o pobre relógio do gasômetro dorme agora, quase inútil, raramente lembrado, à sombra dos arranha-céus, que o ocultam



COMO EM ROMA, ANTIGAMENTE — Nos jardins do Aeroporto Santos Dumont encontra-se um relógio de sol. Esse aparelho compõe-se tão somente de uma lage de mármore, ao centro da qual está fixada uma paleta de metal. A sombra da ponta dessa peça projeta-se sôbre os algarismos romanos do mostrador. Assim são marcadas precisamente as horas e os minutos do dia. À noite o relógio descansa, como qualquer operário. Ai está uma senhorita consultando o relógio de sol, à espera de alguém que deve chegar ao Rio por via aérea. No fundo a silhueta de uma aeronave, num contraste marcante com o anacrônico e arcaico aparelho. Duas épocas retratadas por dois inventos: uma "granfa" do Rio olhando um relógio de sol, como se fazia em Roma antigamente...

das vistas dos transeuntes apressados. E como se não bastasse tudo isso, lá adiante, meio quilômetro além, quase cinquenta metros acima, se ergue o colossal relógio da Estrada de Ferro, num contraste humilhante de atleta

jovem a competir com um octogenário inválido. Assim é a vida. O relógio marca insensivelmente os ciclos das existências humanas, sem pena das máguas, sem piedade das dôres. Mas para todos chega a hora fatal. Passou

o tempo, em sua faina destruidora, sobre o próprio relógio. E ali se encontra ele hoje, esse pobre operário das horas, aposentado e triste, olhando melancolicamente para um cartaz que diz: "O seu dia chegará"...

O GIGANTE DEVORADOR DE MINUTOS

No alto da torre, sobre a massa colossal de concreto, ergue-se o gigante devorador de minutos. Visto de baixo, o relógio não nos apresenta em sua estrutura mais que o aspecto de uma circunferência de diâmetro de dois metros aproximadamente. Se entretanto o observarmos de perto, da pequena varanda que circunda a torre um pouco abaixo do mostrador, sentimo-nos diminuídos diante da armação gigantesca dos ponteiros e das marcas das horas e dos minutos.

Esse é o relógio monstruoso, que exhibe os seus quatro mostradores gigantes nas quatro faces da torre da estação D. Pedro II. Cronômetro que serve a uma grande parte da população carioca, e é uma espécie de oráculo para todos os moradores da zona norte, ele representa, porém, parte de um grande sistema de cronômetros regulados pelo mecanismo de precisão de um relógio de pêndulo, que se encontra no sub-solo do prédio.

Para a elaboração desta reportagem, ocupámo-nos em visitar a dependência da estação D. Pedro II, onde está situada a complexa maquinaria que dirige os relógios, colhendo informações pormenorizadas sobre os mesmos.

Tão vasto e complicado é esse sistema, que para cuidar dos relógios a Central emprega dois homens: o técnico Oto Cantarino Mota e o mecânico Rubens Duque Estrada, funcionários que se dedicam exclusivamente a manter em funcionamento a grande rede de cronômetros, fazendo por que todos os mostradores indiquem a hora com regularidade e precisão.

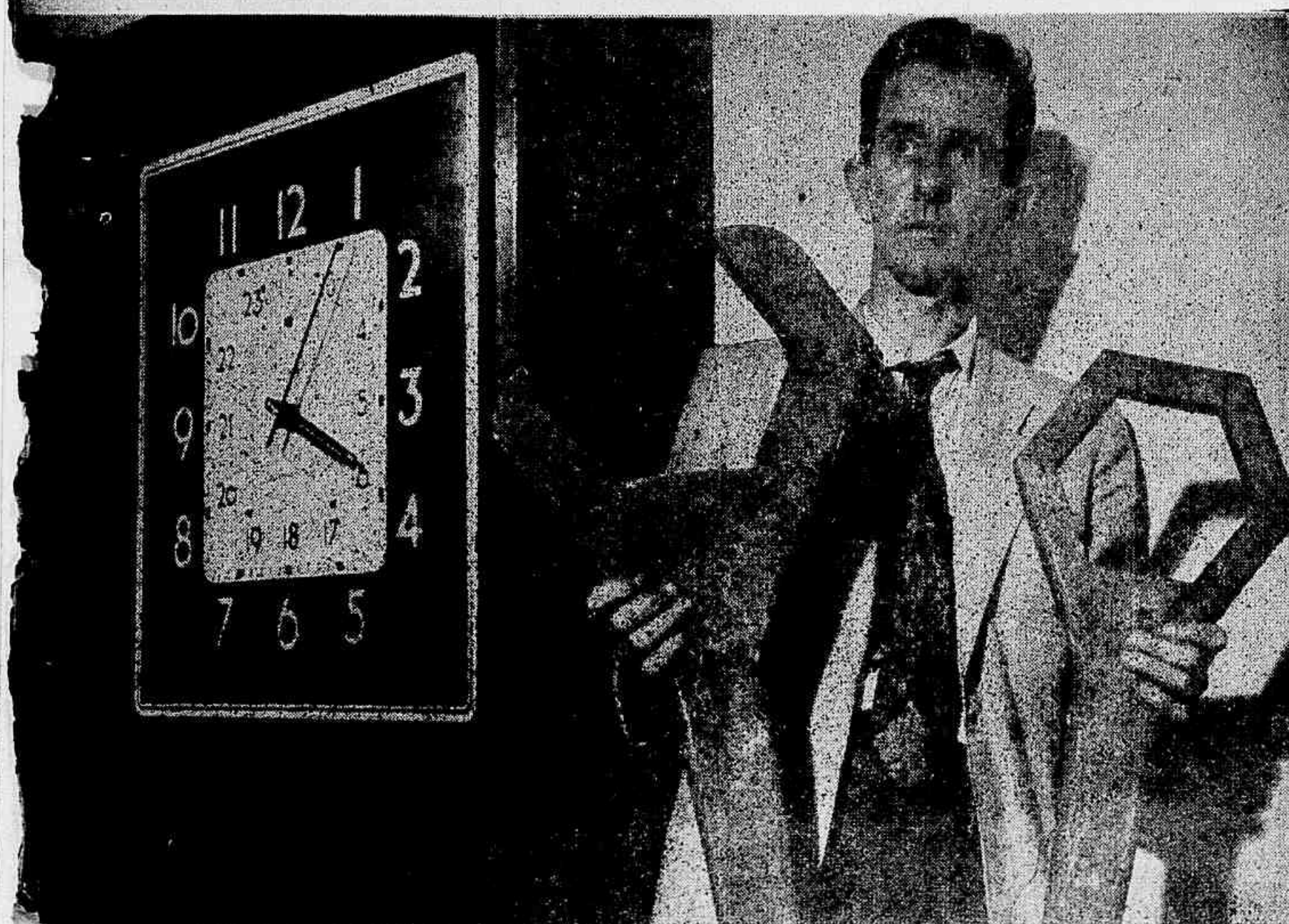
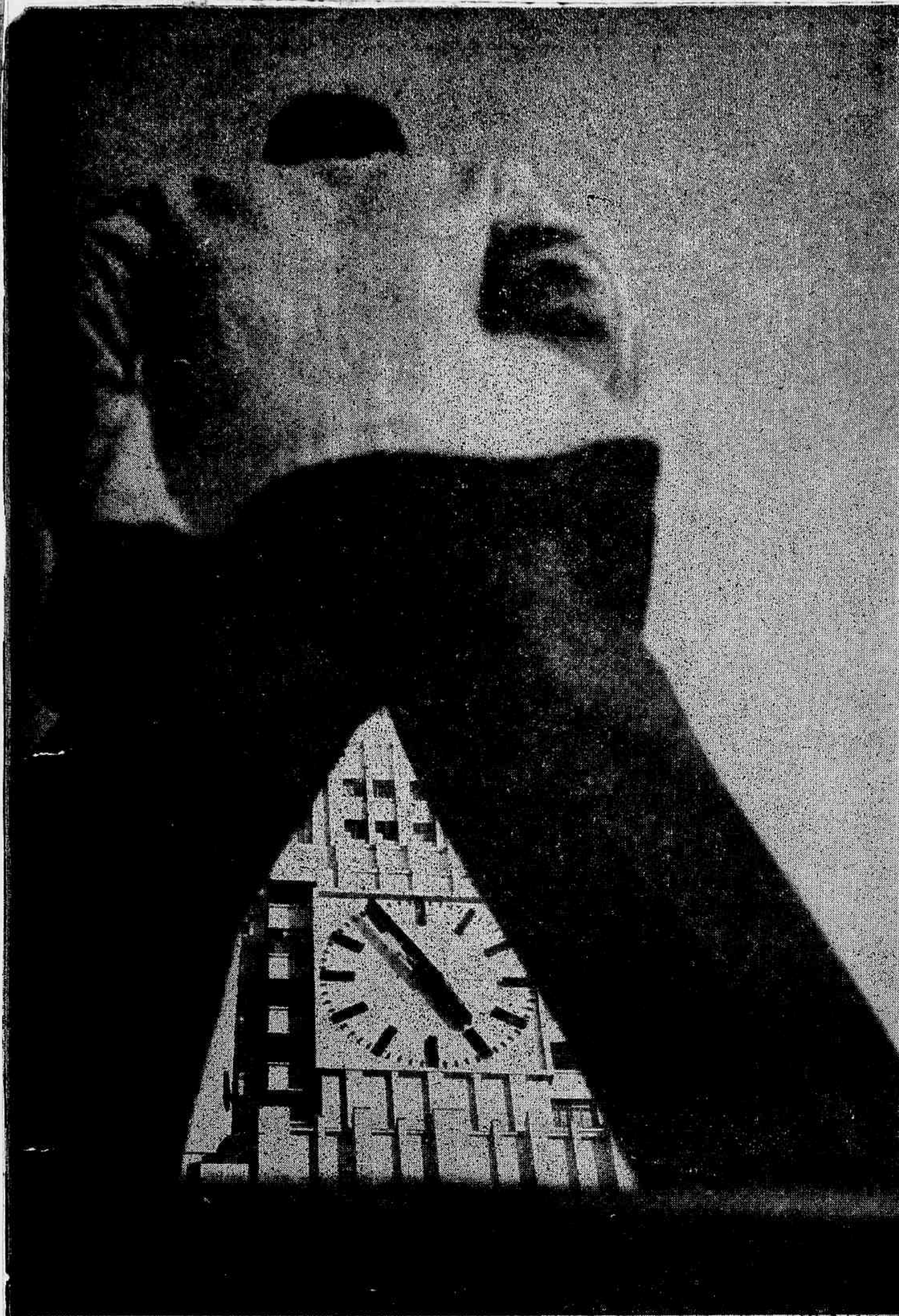
E' o sr. Oto Cantarino Mota quem nos dá explicações sobre o relógio da Estrada de Ferro:

— Isto aqui — diz-nos ele indicando um relógio de parede comum, pôsto na cabine do sub-solo — é o cérebro de todo o sistema. Este relógio de pêndulo dirige o circuito que faz funcionar os aparelhos elétricos comandados pelos quatro painéis que o senhor tem em sua frente. A cada um destes painéis corresponde uma secção de relógios. O grande relógio da torre está entre eles.

— Mas como este pequeno mecanismo aciona os enormes ponteiros?

— De minuto em minuto a corrente elétrica faz acionar a engrenagem ligada aos grandes ponteiros. Esses dão o salto que corresponde ao espaço existente entre as duas marcas. Assim aliás acontece com os outros

O DEVORADOR DE MINUTOS — Visto assim, através das pernas de um homem que está no terrasso do oitavo andar, o relógio da Central parece pequeno. Tão importante é esse relógio, que para mantê-lo sempre em andamento a Estrada de Ferro Central do Brasil emprega dois homens. Na foto de baixo aparece o relógio que comanda os movimentos de todos os mostradores que se encontram na Estação D. Pedro II. Em frente a esse relógio de pêndulo está o sr. Oto Cantarino Mota, técnico encarregado dos relógios, segurando as duas pesadas e gigantescas chaves de boca, que são empregadas para afrouxar e apertar as porcas do ponteiro do relógio da torre.



oitenta e nove relógios ligados ao circuito. Todos eles são dirigidos pelo relógio-chefe, estando o movimento da totalidade dos ponteiros rigorosamente sincronizados. Quando, por qualquer motivo, um dos relógios atrasa ou adianta, acerta-se automaticamente no último minuto da hora, em virtude da imantação da placa que liga o seu maquinismo ao aparelho central.

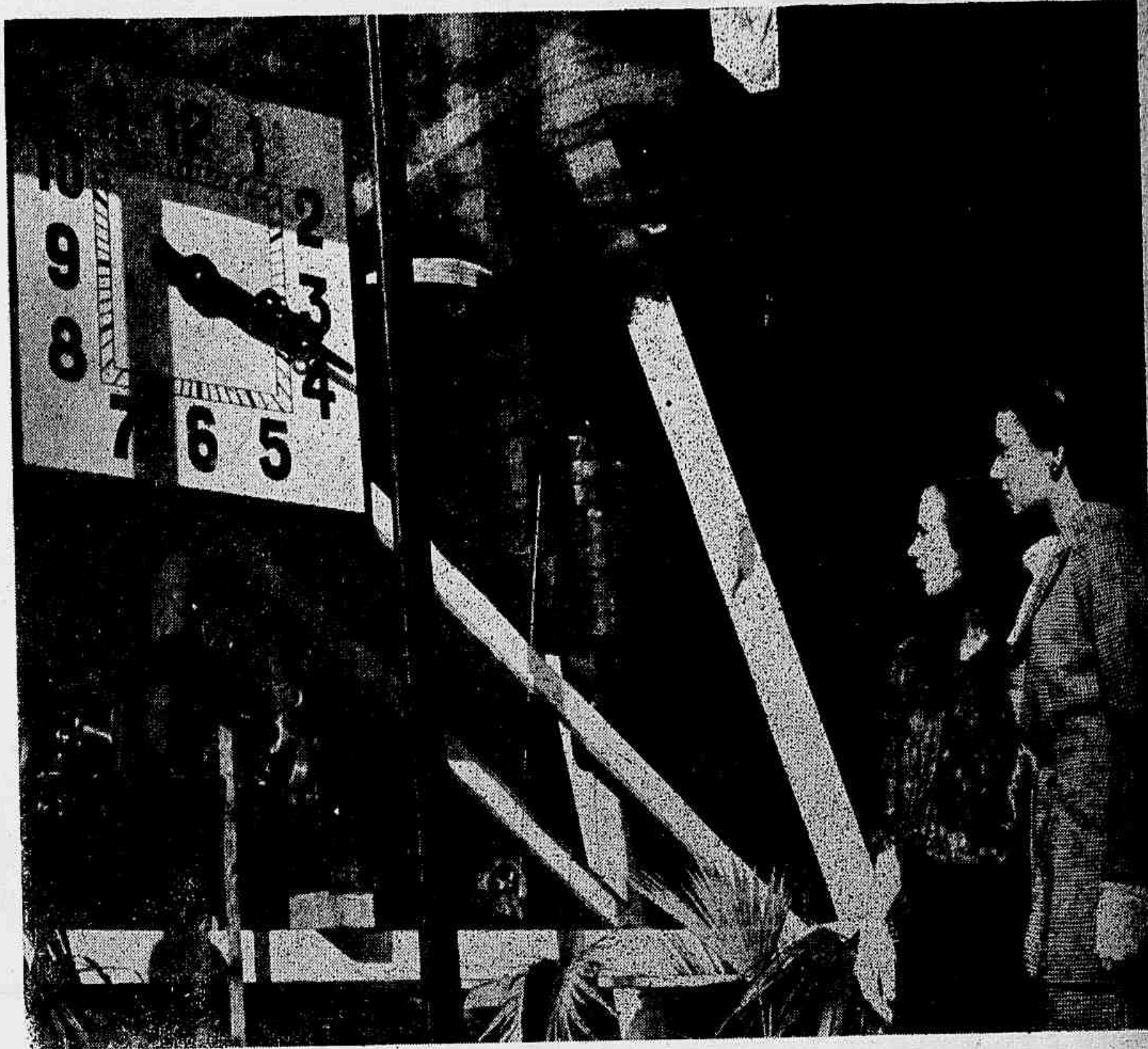
O sr. Cantarino oferece-se como cicerone:

— Agora vou levá-los à torre, para que possam ver de perto o grande relógio.

Subimos pelos elevadores comuns até o 19.º andar. Daí para diante a ascensão foi feita num pequeno elevador, que mal comportava quatro pessoas. Chegámos por fim ao alto do edifício da Central do Brasil. Entrámos no pequeno terraço que circunda o prédio. Acima de nossa cabeça o enorme mostrador de 10 metros de altura. As horas ali nos pareciam maiores. Lembrámo-nos involuntariamente da história daquele relógio de Coimbra, que era tão grande que o ponteiro de minutos gastava uma hora para ir de um número a outro. O sr. Oto Cantarino continuava entretanto a falar:

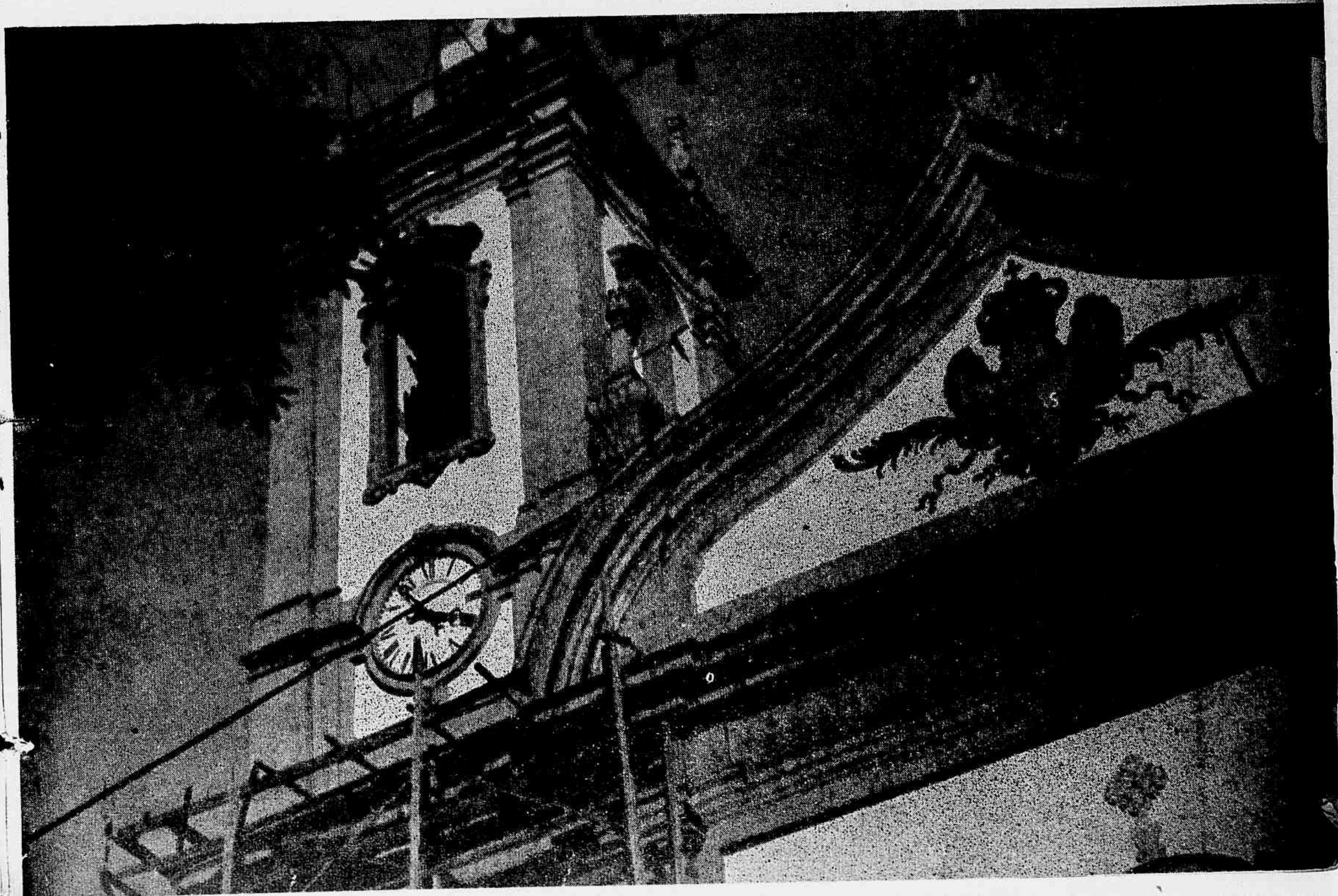
Esse é o relógio principal do nosso sistema, sendo além disso um dos maiores do mundo. Uma engrenagem de aço movimenta os seus ponteiros com precisão.

Quisemos saber algumas características



A HORA CERTA — Este relógio está ficando também muito conhecido pelos que transitam pela Esplanada do Castelo. Ele pertence a uma grande empresa que explora a venda de relógios portáteis. A guisa de publicidade, a firma em questão mantém um serviço destinado exclusivamente a informar por telefone a hora certa, sempre que solicitada. Várias telefonistas são empregadas nesse mister, e o número de chamadas diário a que elas respondem é sempre superior a cinquenta mil. O relógio que dita a "hora certa" é o que aparece na gravura sendo consultado por duas moças. Um mecanismo complicado impulsiona os ponteiros e faz tocar os sinos que marcam as horas.

OS RELÓGIOS DE SÃO FRANCISCO — As torres da igreja de São Francisco de Paula estão em reparo. O relógio da esquerda, que assinala os dias, as semanas, os meses e até os anos, não pode mais ser visto do Largo, pois o madeirame o oculta dos olhares dos que estão em baixo. Em breve também o outro relógio desaparecerá por trás dos andaimes. Mas tão logo fiquem as torres reformadas, os relógios da igreja de São Francisco passarão a servir novamente à grande multidão que passa todos os dias por perto da igreja. Operários, empregados no comércio, homens de negócio, todos os que trabalham no centro da cidade e moram na zona suburbana têm forçosamente que ver o relógio de São Francisco. E é por ele que se regulam muitos relógios de bolso e de pulso. Mas nem sempre quem mora nos afastados subúrbios da Central e da Leopoldina pode comprar um cronômetro. Eis por que é tão grande a popularidade dos relógios das torres de São Francisco.



dos ponteiros. O nosso cicerone nos informa sobre os mesmos:

— O ponteiro das horas mede 5m,60 e pesa aproximadamente 220 quilos. O maior tem uma altura de 7m,25 e um pêso de 270 quilos.

Descemos e deixámos o nosso entrevistado entregue ao seu serviço no sub-solo da estação, entre as bobinas e os acumuladores. Na gare iam apitando os trens que chegavam, com os atrasos sempre assinalados pelos noventa relógios do prédio.

SAUDOSOS TEMPOS

Um relógio que vai ficando esquecido, mas que serviu de ponto de referência a muita gente, é o da Galeria Cruzeiro. Colocado numa das colunas que ali existem, com os seus números romanos e os seus ponteiros negros, aquêle relógio tem uma longa história.

Junto ao seu mostrador se encontravam tôdas as noites os grandes literatos boêmios do Rio de ontem. Os encontros de políticos, namorados, amigos eram sempre realizados ali. "Em baixo do relógio às tantas", dizia. E todos já sabiam aonde seria o encontro.

O relógio marcava o próprio centro da cidade, para onde convergia todo o movimento da "urbs". Em frente do relógio existia a "casa das balas", cujo proprietário era o único comerciante do centro da cidade que guardava embrulhos para os outros. E de tal maneira o pessoal que passava "em baixo do relógio" se aproveitava disso, que o pobre homem vivia e trabalhava dentro de uma verdadeira muralha de pacotes multicores. Por quinhentos réis de balas comprados na "bom-bonnière" podia-se andar por tôda a cidade desimpedido dos embrulhos. E à hora de voltar passava-se sempre "por baixo do relógio", para apanhar os pacotes que haviam guardado na "casa das balas".

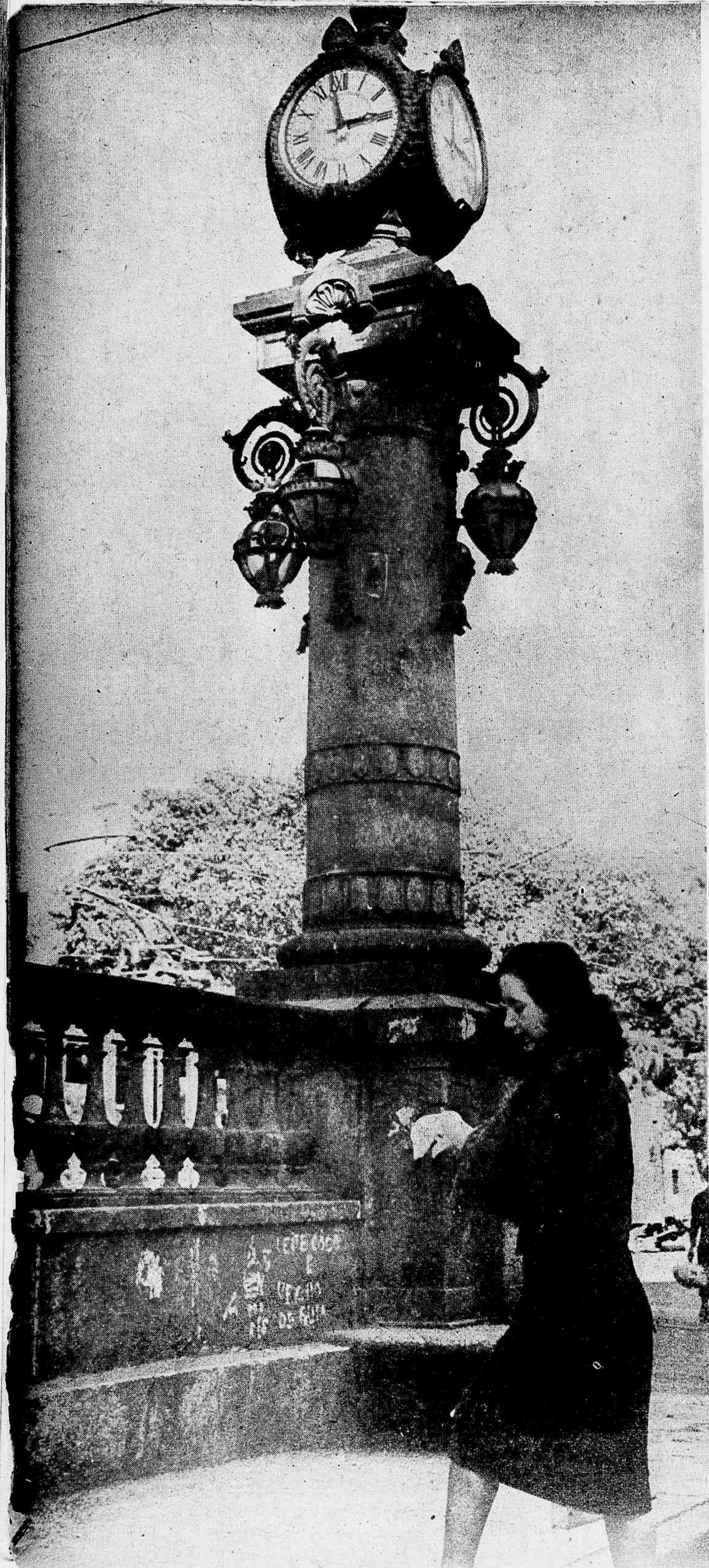
Mas a expressão "em baixo do relógio" passou a ser o designativo de tôda a parte da Galeria Cruzeiro situada na frente do Hotel Avenida. O relógio ficou sendo mais que um simples cronômetro. Era uma instituição municipal, um logradouro público.

HORAS DE IDÍLIO

O relógio preferido pelos namorados do Rio para os seus encontros, era entretanto o que fica no largo da Glória, na última coluna da amurada que separa o jardim da rua da Glória. Relógio pequeno, de mostradores redondos, sem grandes enfeites, êle é entretanto consultado por todos os que moram por aqueles lados, pelo menos duas vêzes por dia: de manhã, quando a turma se encaminha para o "batente", e à tarde, quando todos voltam do trabalho.

Há anos, porém, o relógio tinha outra atribuição que acabou com o tempo: era ali que se marcavam, através dos anúncios dos

ELE NÃO É PONTUAL! — Antigamente sob êsse relógio eram marcados os encontros de namorados que se conheciam através dos anúncios de jornal. Agora êsses anúncios estão proibidos. Mas o relógio da Glória continua a servir com muito boa-vontade a Cupido. Aqui está uma pequena preocupação com o atraso do namorado, que marcara encontro às três menos cinco. Enquanto espera ansiosamente por êle, não pode deixar de comparar o seu pequeno relógio de pulso com o velho relógio público. E o rapaz não aparece. O mundo é mesmo assim. Muita gente não sabe dar o devido valor ao que é bom.



jornais, os encontros românticos dos "precisa-ses" líricos.

Então era comum encontrar-se nas seções dos "classificados", em negrito berrante, coisas como esta: "Rapaz solteiro, de boa aparência e bons costumes, precisa encontrar-se com moça morena, com idênticas credenciais. — (as.) Lírio do Vale".

No dia seguinte lá aparecia a resposta: "Lírio do Vale. Estarei amanhã às 11 horas, em baixo do relógio da Glória. Estarei de branco, cabelos soltos, com um ramo de rosas na mão — (as.) Açucena".

E no dia seguinte, às onze em ponto, Lírio do Vale e Açucena eram vistos de mãos dadas no local do crime.

Muitos encontros se marcavam assim, tendo como referência o infeliz e inocente relógio, que nada tinha a ver com aquilo. Mas apesar de tudo ele marcava sempre com boa vontade a hora certa de Cupido. As vezes, identificado o Lírio ou a Açucena, o anunciante desistia do encontro, por não ver satisfeita a sua expectativa. O relógio então devia se vingar com um tic-taczinho irônico. ninguém porém o ouvia.

Acontece que um dia a Polícia de Costume lembrou-se de promover uma campanha enérgica contra os lírios e as açucenas do vale que se encontravam sob o relógio da Glória. A publicação dos anúncios foi interdita. E uma vez ceifada a flora do canteiro, o relógio passou a marcar apenas os encontros de namorados que já se conheciam.

DOCES MINUTOS, HORAS AMARGAS...

Esses são os relógios do Rio. Têm formas múltiplas, pois infinita é a variedade dos cronômetros. Muito evoluiu o mundo, através dos séculos, desde as velhas clepsidras até os modernos relógios elétricos. Mas o tempo é um só, incomensurável em sua eternidade, imutável em sua marcha.

As horas se desenrolam umas atrás das outras impreterivelmente. Os minutos se sucedem, marcando alegrias e tragédias.

E acabou-se... Temos diante de nós a última lauda branca, que marca o fim de uma reportagem a mais, epílogo de algumas horas de labor. O relógio da redação nos diz que está finda mais uma jornada de trabalho árduo. Aí está tudo o que podemos falar a respeito dos relógios. E mesmo terminado este pequeno apanhado, mesmo terminada a sua leitura, nós e você, leitor, viveremos ainda presos aos relógios e ao tempo. E a tirania dos ponteiros continuará a nos perseguir. Teremos horas alegres e horas amargas.

Tristes serão as horas de trabalho ingrato, comandadas pelo despotismo do relógio do ponto; doces serão os minutos passados ao lado da mulher amada, ao sonoro tic-tac do despertador. Para cada minuto de prazer teremos um ano de amarguras. E assim será sempre, através dos séculos e séculos, quando estas palavras e estas folhas mais não forem do que cinzas de um passado extinto, memória de horas para sempre perdidas.

Pela gentileza que tiveram para com a **REVISTA DA SEMANA**, queremos agradecer a todos os que aparecem nas fotografias que ilustram esta reportagem. O nosso "muito obrigado", pois, à sta. Wanda Lacerda, do Teatro Universitário, sta. Glorinha Fernandes, da Rádio Globo, e mlle. Eloyta Silva, nossa companheira de trabalho.

EM BAIXO DO RELÓGIO — Este cronômetro chegou a dar nome a um quarteirão. Quando os bondes ainda passavam pela Galeria Cruzeiro, era aqui que todos olhavam as horas. E a parte do quarteirão situada em frente ao Hotel Avenida ficou com a denominação de "em baixo do relógio". Marcavam encontros no local desde os políticos mais em evidência até os namorados mais românticos. E o velho relógio ia assinalando amores novos e projetos de novas revoluções. Hoje desapareceram da Galeria os namorados e os conspiradores. Os ponteiros continuam, entretanto, a moverem-se com a mesma regularidade.





Realizou-se no dia 29 de julho, na Escola Nacional de Música, às 21 horas, uma noite de arte, oferecida pelos artistas líricos em benefício do Abrigo Olimpia Belem. Tomaram parte na audição, entre outros, Gabriella Besanzoni Lage, Heloisa de Albuquerque, A. Tomassini, Angelo Chinelli e Paulo Fortes. O programa artístico da festa foi organizado pelo barítono Francisco José Perdigão. O clichê nos mostra d. Gabriella Besanzoni Lage quando agradecia os calorosos aplausos da seleta assistência.

FIGURAS E FATOS



31.º ANIVERSÁRIO DO CENTRO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO — Grupo tirado após o tradicional almoço de confraternização promovido pelos associados do Centro de Materiais de Construção, do Sindicato do Comércio Atacadista de Materiais de Construção e do Sindicato da Indústria de Mármore e Granitos. Entre os presentes, como convidados de honra, vêem-se o ministro Raul Machado, o coronel Jonas Corrêa e o presidente do Instituto Nacional do Pinho.

Transcorreu no dia 27 do mês de julho último o aniversário da menina Maria Lucia, filha do sr. Djalma Scharth e sua exma. esposa d. Durvalina Chaves Scharth. A foto que acima estampamos é um aspecto da mesa de finos doces que os pais de Maria Lucia ofereceram aos seus amiguinhos.



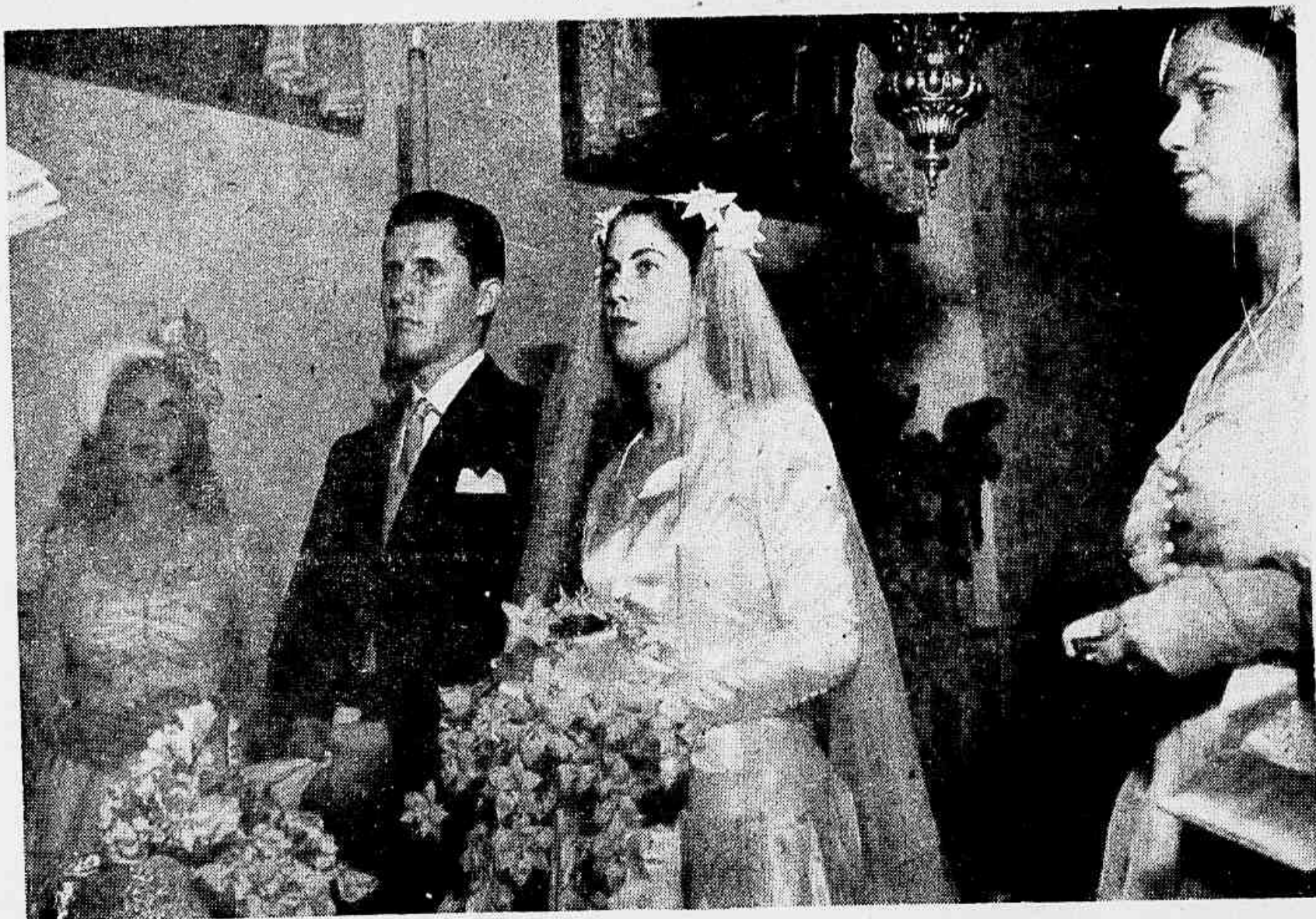
O sr. José Assunção, do alto comércio local e membro da Diretoria do Banco Popular e Agrícola de Lucelia, no Estado de São Paulo.



Sr. Antonio Machado da Nobrega, do alto comércio de São Paulo, que vem de transferir sua residência para esta Capital, onde desenvolverá suas atividades.



Sr. João Canedo, funcionário da Rádio Nacional, cujo aniversário natalício transcorreu em junho último.



Flagrante tomado na igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, nesta Capital, no dia 31 de julho p. passado, por ocasião do enlace matrimonial do sr. Alberto Mibieli de Carvalho com a senhorita Sarah Machado. Ao ato compareceram os mais destacados elementos da nossa sociedade.



Margarida Maria, apesar de sua pouca idade já é uma virtuose. Isto foi o que demonstrou em seu último recital de piano, realizado a 30 de julho último, na A. B. I., interpretando clássicos, românticos e modernos. Margarida Maria é aluna de d. Lucia Branco.

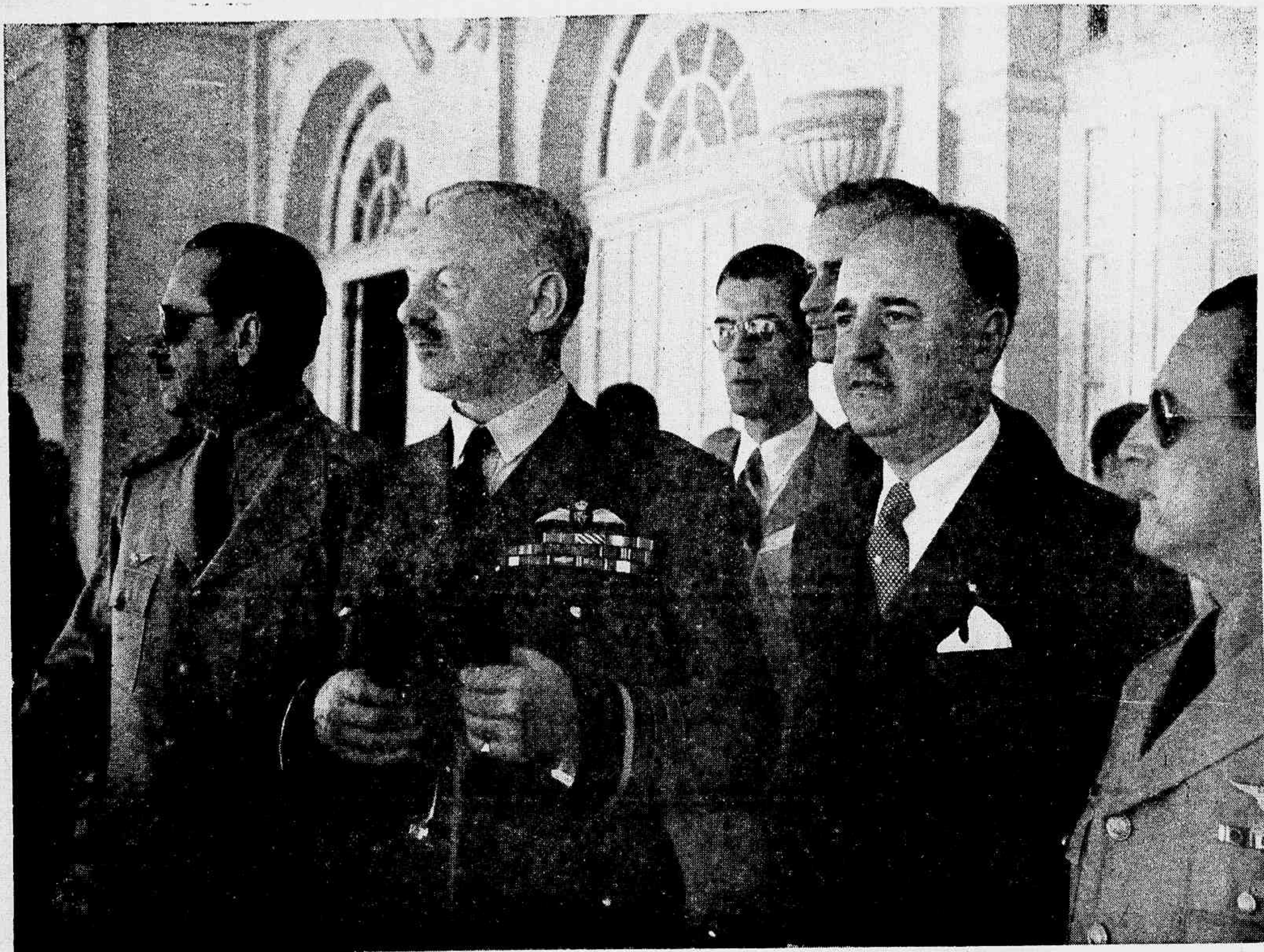


Em avião da Panair, acaba de regressar dos Estados Unidos a sta. Lya Maria Müller Botelho, filha do engenheiro Ormeo Junqueira Botelho e sua esposa, a sra. Dora Müller Botelho, da sociedade de Leopoldina, Minas Gerais. Na gravura, a sta. Lya Maria cercada pelos seus pais, parentes e amigos que a foram receber no Aeroporto Santos Dumont.

Realizou-se no dia 30 de julho último, nesta Capital, um concerto do soprano ligeiro Alma Cunha de Miranda, com acompanhamentos pelo brilhante pianista Afonso Martinez Gráu. O programa, selecionado e interessante, mereceu muitos aplausos.

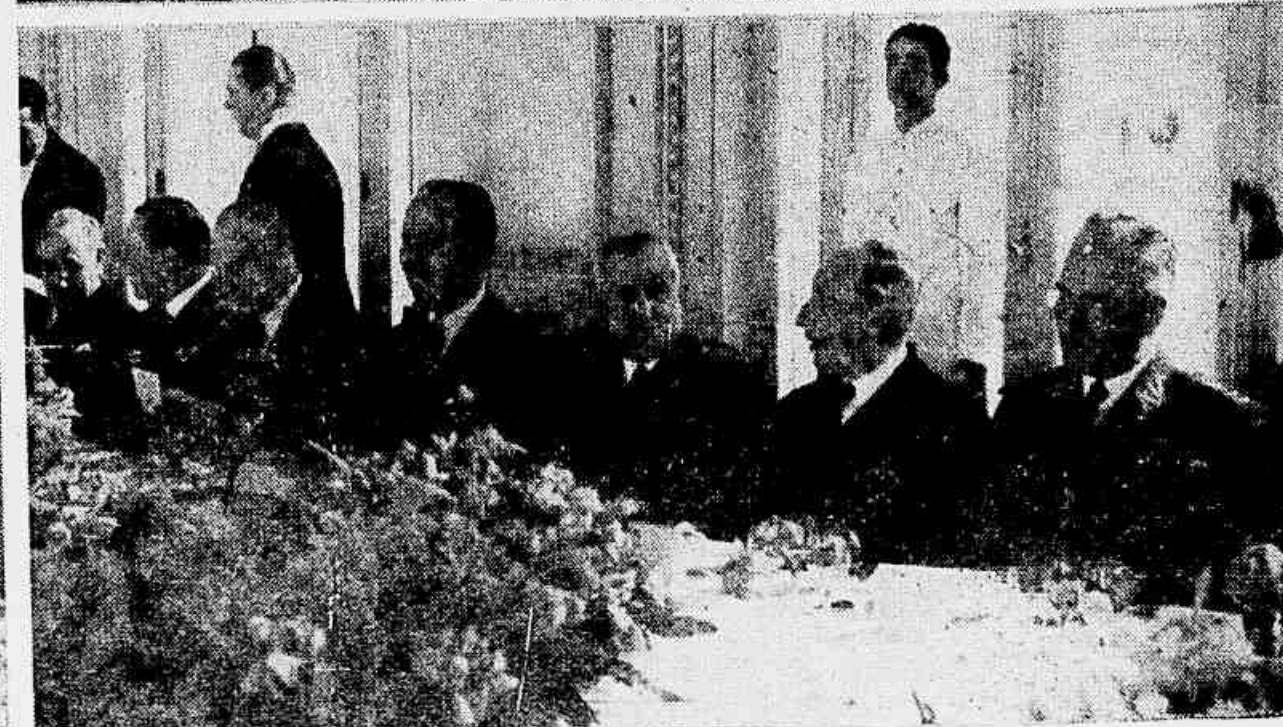
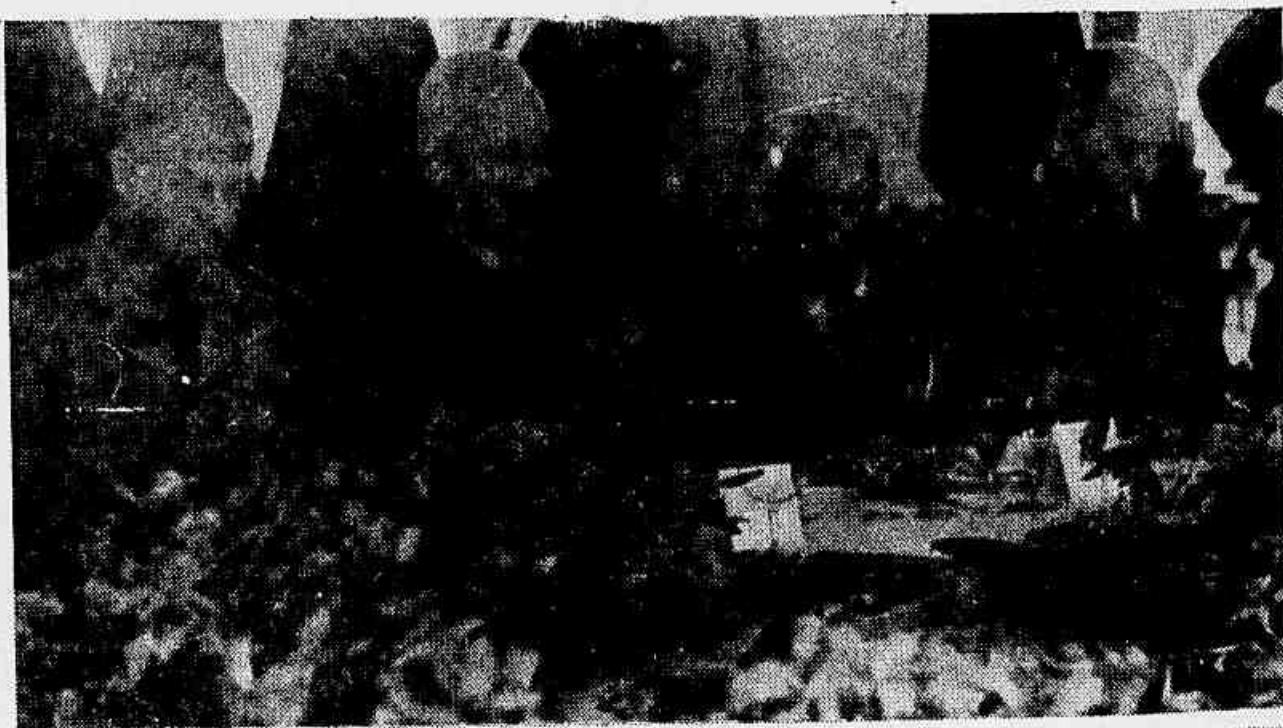
Ingressou no quadro do Teatro Municipal a apreciada cantora Sonia Luz, que já se tem apresentado ao público recebendo merecidos aplausos. Jovem ainda, possuidora de linda voz, de timbre agradável, a novel artista tem agora uma futura carreira que se abre com a sua entrada para a nossa principal cena lírica.





JOCKEY CLUB MUNDANO

No dia 29 de julho último teve lugar, no Hipódromo da Gávea, o almoço oferecido pelo Jockey Club Brasileiro a sir Arthur T. Harris, marechal do Ar e chefe do Comando de Bombardeio da Royal Air Force. O grande herói da batalha da Alemanha mostrou-se encantado com o acolhimento que lhe dispensaram os dirigentes do Jockey e com o que pôde ver no mais belo prado de corridas do mundo. Nesta página reproduzimos alguns aspectos fotográficos da visita de sir, Arthur T. Harris ao Jockey. Ao ágape compareceram figuras representativas do mundo oficial e da aviação brasileira, entre as quais o ministro Gaspar Dutra, ministro Salgado Filho e major brigadeiro Eduardo Gomes, que aparecem nas fotos aqui estampadas ladeando o ilustre visitante.



ACONTECEU NO RIO

Voltou a ser distribuída aos proprietários de automóveis particulares uma cota mensal de gasolina. Coincidiu com a data marcada para a volta dos carros ao tráfego a passagem da "Semana do Trânsito", realizada com o fito de educar os pedestres a se movimentarem nas ruas.

Várias faixas foram traçadas no centro da cidade, afim de que o aumento do tráfego de automóveis não viesse de início provocar um grande número de acidentes. Mais se fez ainda: durante a "Semana do Trânsito" foram colocados na Avenida vários alto-falantes, através dos quais "speakers" das nossas estações de rádio indicavam aos transeuntes como deveriam se locomover, de acôrdo com as determinações da Inspetoria do Tráfego. As faixas estavam policiadas, e os que tentavam atravessar a pista fora delas eram advertidos pelos locutores, que os convidavam a entrar nos "corredores".

No Rio é frequente um pedestre atravessar uma rua de movimento em dois tempos, isto é, com uma etapa entre a mão e a contra-mão. Isto é uma prática perniciososa e arriscada, que pode redundar em acidentes muitas vezes fatais.

Agora a Inspetoria do Tráfego está interessada em fazer tudo o que venha redundar em benefício da educação dos pedestres.

Pensamos, porém, que enquanto não forem creadas leis rigorosas contra as infrações, o carioca continuará a ser o mais despreocupado dos transeuntes, andando como bem entende e por onde lhe der na veneta.

Em São Paulo o povo já se acostumou de tal maneira a andar sempre na mão, que se faz desnecessário até o próprio policiamento. Aqui, ainda teremos que evoluir muito, antes que todos aprendam que, em seu próprio benefício, devem entrar na faixa.



M U S I C A

Objecções a Firkusny e parabens a Alice Ribeiro

NÃO sei se é impressão minha simplesmente, mas o fato é que me pareceu perceber em alguns artigos que li sobre a personalidade de Rudolf Firkusny, a par dos elogios, uma certa insatisfação, mais sugerida do que precisada. Na verdade, também comigo aconteceu isso. Não pude deixar de admirar as magníficas qualidades do artista tcheco; porém, com toda franqueza, poucos foram os momentos, durante seus concertos, em que ele me satisfez plenamente.

Verifico, antes de tudo, que ele tem uma intuição verdadeiramente espantosa do estilo de cada compositor; isso me lembra o problema das limitações do temperamento de artistas, a que aludi recentemente falando de Claudio Arrau. De fato, para Firkusny não existe essa asa negra que impõe restrições à maioria dos intérpretes. Nenhum dos compositores cuja obra executa fica incompleto nas suas mãos. Ele apreende, com uma facilidade admirável, as distinções, as "nuances" que os individualizam, e evidencia uma sensibilidade muito aguda na tradução dessas impressões. Entretanto, apesar de tudo, persiste a sensação de que falta qualquer coisa a Firkusny. Creio que poderemos dizer que as suas execuções carecem de maior solidez. Isso, na verdade, não parece atributo indispensável num artista, e no entanto basta pensar num Gieseking para se poder compreender que solidez não exclui leveza. É, antes, uma qualidade que provém do estudo minucioso e esclarecido, da pesquisa paciente e também de uma personalidade fortemente marcada. A arte de Firkusny tem demasiadas características de improvisação brilhante e inconsistente.

É curioso notar que aquela intuição surpreendente que falta a tanto intérprete honesto e seguro, Firkusny, evidentemente, tem. Mas, digamos com sinceridade, ele sabe empregá-la? Não será consequência do emprego indiscriminado e impaciente, sem o devido polimento, de um dom maravilhoso o que a meu ver deixa Firkusny a dois passos aquém da perfeição?

O sucesso demasiado fácil talvez tenha certa influência nisso. Mas o talento que a crítica sabiamente notou não basta: é preciso cultivá-lo e apoiá-lo numa base de cultura e de estudo. A probidade do intérprete não consiste unicamente no emprego um tanto arbitrário da intuição produzindo uma interpretação por lampejos de compreensão.

Firkusny demonstra, de certo modo, o seu caráter pouco definido que apreende com finura quase tudo, mas na realidade conserva sempre a mesma deficiência demasiado evidente. Aliás, talvez mesmo a própria facilidade, o golpe de vista seguro com que ele encara a obra talvez contribua para a dispersão da sua personalidade, alargando-a e ao mesmo tempo roubando-lhe o vigor necessário que a faria transpor os dois passos que o separam de realizações inteiramente satisfatórias. Apesar de tudo, todavia, ele nos dá prazer, se bem que seja um prazer que traz consigo aquela insatisfação a que me referi no início dessa crônica e que tentei analisar.

★

Já não é primeira vez que ouço alusões desdenhosas ao pequeno volume da voz de Alice Ribeiro. Breve estarão a censurá-la, também, pela extensão, encontrando grave deficiência no fato de que ela não é um soprano absoluto. Não acho justa essa crítica que exige do artista que se despoje da sua personalidade e seja o que não é. Levada

(Continua na pág. 58)

Alice Ribeiro



**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



**DÔRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL

**Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-
cidade da Capital da República, anunciando nos:**

**— Altofalantes localizados na Estação D.
Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000
pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos
Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil
(7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bica-
lho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação
feita simultaneamente.**

**Informações: — Serviço de Turismo e Publi-
cidade da Estrada de Ferro Central do Brasil —
7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas
700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.**

C I N E M A

FRANCISCO SERRADOR E A CINELÂNDIA

HÁ vinte e um anos, precisamente no dia 27 de julho, o Rio ingressava em uma nova fase, no capítulo das casas de diversões. De fato, nessa data inaugurava-se a Cinelândia, com a abertura do primeiro cinema naquele reduto. Em 27 de julho de 1924 Francisco Serrador via, enfim, o seu grande ideal pôsto em prática, e dava uma satisfação aos que — não eram poucos — tanto vinham duvidando da realização do seu projeto. De direito, aquele dia devia ser de festa na Cinelândia. Vinte e um anos depois a Cinelândia atinge, enfim, a sua maturidade. Vinte e um anos passaram daquele dia em que um pequeno grupo de amigos de Serrador se encaminhavam para os terrenos onde, pouco antes, ainda existia um convento, e assistiam à primeira exibição de um filme cinematográfico, ali mesmo, onde as freiras da Ajuda desfiavam as contas do seu rosário. Foi Norma Talmadge quem inaugurou a Cinelândia, ela a "estrêla" tanto da predileção da época e, particularmente, do velho Serrador. Será de inteira justiça, portanto, render homenagem à memória do homem a quem devemos, nós todos, esse serviço inestimável, partido de uma iniciativa particular e individual. Nem os governos da época se atreviam a estimular o empreendimento de Serrador, pois quando o movimento maior da cidade estava circunscrito, na Avenida, entre a Galeria Cruzeiro e Ouvidor, quem se atreveria, de juízo perfeito, a profetizar esse deslocamento das multidões, de beira-mar à beira-mar? Os terrenos da Ajuda continuariam na escuridão, abandonados, desvalorizados por muito mais tempo, se o Serrador não se alertasse e, enfrentando tôdas as intempéries, prejudicado embora nos seus interesses particulares, não metesse ombros à tarefa. E que tarefa, senhores! É preciso ter conhecido as lutas do homem, para sentir-lhe o mérito da obra. Hoje levantar um prédio de cinquenta andares não exige tão grande soma de esforços quanto os que despendeu Serrador; e no entanto ele não levantou um prédio, mas um bairro inteiro. Não fez um cinema, porém meia dúzia. E o capital não o ajudava, e os interesseiros da Hora H do sucesso procuravam levar a melhor deixando-o à margem, e os fornecedores de filmes negavam-lhe os filmes só porque o Patheinho, o Palais e o Avenida davam mais, naquele tempo, e ninguém acreditava que existisse gente para encher um único cinema na Cinelândia, muito menos seis! Serrador foi a alma de tudo aquilo que os senhores desfrutaram. Pesquisava as obras, pela calada da noite, de vela em punho, descendo e subindo andaimes. Tornava-se sócio de todos os negócios que ali se aventuravam — e nós o vimos inaugurar o primeiro "cachorro quente" da Cinelândia, a primeira sorveteria, até o primeiro engraxate. Ele estimulava, ele prometia lucros que de fato vieram — e depois deixava os negócios em poder dos outros, querendo para si apenas a satisfação de ter atingido o seu ideal. E os próprios cinemas, mais tarde, ele devia deixá-los em mãos de terceiros, ficando apenas com o Alhambra. Depois a Cinelândia, filha dileta do Serrador, cresceu por si mesma. Ampliou-se quase até à Lapa. Entrou pela rua Alvaro Alvim. Vai, hoje, até à rua Senador Dantas. Todos ganham dinheiro, todos enriquecem, todos desfrutam a tarefa do velho cinematografista tão amigo do Brasil, tão brasileiro, tão nosso. Milhões e milhões de cruzeiros que a Cinelândia tem dado, e mais ainda os que dará, são oriundos do sonho de Francisco Serrador. E hoje os continuadores de sua obra, seus filhos, aí estão com a mesma e rija temperança, mantendo um teatro que traz o nome histórico do chefe da família, satisfeitos porque levantaram ali mesmo, na Cinelândia, o hotel que o pai tanto desejava ver pronto. E hoje o público que, indiferente, está entrando nos cinemas da Cinelândia, nas confeitarias da Cinelândia, nas livrarias, nas casas de chá, nas alfaias-

(Continua na pág. 58)

Serrador, visto por Garibaldi



Brilhe com o brilho dos seus metais!

Brasso
- DÁ BRILHO AOS METAIS!

J.W.T.

ROUGE & BATON
Nivra
DOIS SEGRÊDOS de BELÉZA

TINTURA FLEURY
DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - São Paulo

Nome
Rua
Cidade Estado

R.S.



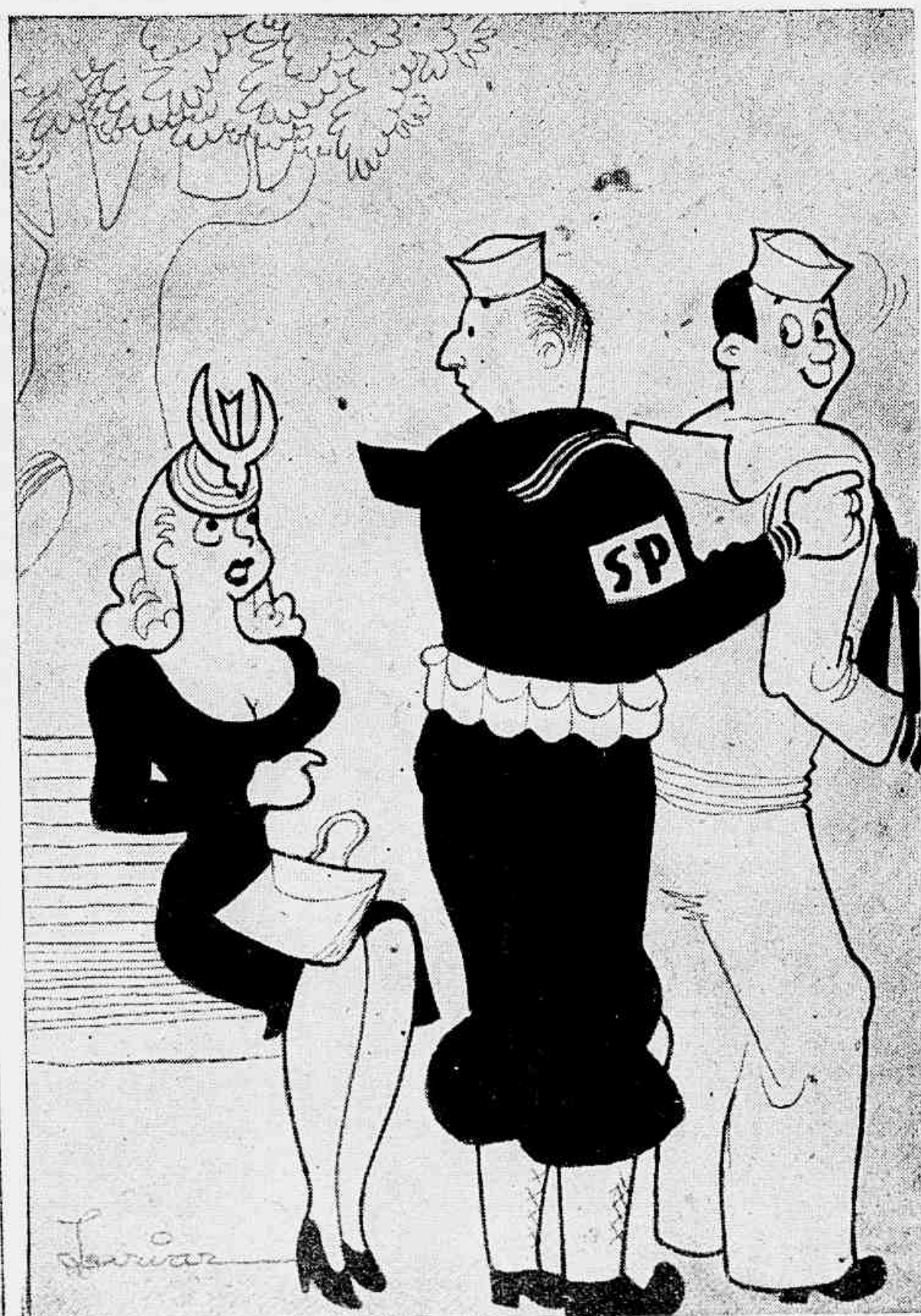
— Dê-me um perfume de efeito rápido: ele tem apenas três dias de licença.



— Não sei por que deixam esses cavaletes no meio da pista; isto dificulta muito a corrida.



— Não é preciso ficar no escuro. A lâmpada não está queimada.



— Quantas vezes já lhe disse que ele não estava me importunando?

Ele era um ladrão sentimental.

— Francamente, não compreendo como foi que isso aconteceu — disse o dono da casa, que era detective amador.

O verdadeiro detective, um inspetor do Scotland Yard, ouviu-o fumando seu cachimbo.

— De acordo com os indícios que pude examinar, parece-me que o roubo, ou melhor, a tentativa de roubo — chamá-la-emos assim — é obra de um homem canhoto, pois ele serrou justamente a veneziana da esquerda. Ora, isso para um homem que de ordinário trabalha com a mão direita seria muito incômodo na posição que ele deveria estar.

Vendo que sua longa tirada era acolhida com um silêncio respeitoso, o amador continuou:

— Além disso, as pegadas que ele deixou provam que se trata de um homem que usa sapatos de bico quadrado.

Diante disso o detective sorriu e perguntou, finalmente:

— Quer me fazer o favor de dizer precisamente o que se passou?

O dono da casa não pareceu muito satisfeito com a desatenção à sua "teoria" sobre o projeto de roubo, mas cedeceu prontamente.

— Eu tinha ido me deitar mais cedo essa noite, pois estava um tanto indisposto. Minha mulher deita-se sempre cedo. Portanto às dez horas já estava a casa toda fechada, e eu no meu quarto tentava conciliar o sono. Nada ouvi. O ladrão parece ter entrado depois de arrombar uma das janelas, conforme o senhor viu. Encaminhou-se, em seguida, para o cofre, cuja colocação parecia conhecer, visto como este está bem disfarçado atrás de um biombo e, não obstante, ele o achou.

O detective absteve-se de observar que, longe de disfarçar alguma coisa, um biombo chamaria a atenção para ele. O outro prosseguiu:

— O mais estranho, todavia, é que ele nada roubou. Abriu o cofre, examinou tudo e retirou-se. Descobri que ele tinha estado aqui esta manhã, quando desci para tomar café, e precisei tirar um documento do cofre.

— Que havia no cofre além de documentos e dinheiro?

— Joias... um colar e dois braceletes. Umás fotografias e... creio que é só. Ah! Não! Há também um laço de fita que pertenceu ao cachorrinho de minha esposa, que morreu.

Com verdadeiro entusiasmo de amador, o dono da casa contava aquele detalhe insignificante, compreendendo que às vezes o que parece sem importância é o que na realidade leva à captura do criminoso.

O detective, ao ouvir aquilo, perguntou logo:

— Diga-me. Este detalhe a respeito do laço estava explicado?

— Não compreendo.

— Havia algum papel, alguma coisa, enfim, que revelasse a razão da presença daquele laço de fita no cofre?

Se não fôsse positivamente incrível dizer que um inglês corou, eu afirmaria que o dono da casa tinha visto com desprazer as suas faces se tingirem de vermelho.

— Bem, o senhor compreende...

Na realidade o detective não entendia nada, porém acenou tranquilizadamente com a cabeça, o que animou o outro a prosseguir:

— Minha mulher é muito sentimental e... bem, ela escreveu uma poesia... O senhor compreende, não é? Ela... ela gostava muito do bichinho e... É uma poesia muito... muito comovida. Começa assim:

"O laço perfumado por seu pêlo"...

Assim, mais ou menos.

O detective tentou, sem conseguir, conter o sorriso que lhe aflorava aos lábios.

— O senhor acha graça? — disse logo, constrangido, o dono da casa. Eu sei que...

— Por favor, não pense em desculpar-se nem em procurar pretextos. Na verdade eu estava sorrindo porque já sei quem foi o ladrão. Só há um homem em Londres capaz de uma coisa dessas. Quando o senhor quiser posso prendê-lo.

— Prenda-o. Prenda-o. Ora essa! Arrombou minha janela e... Ele é canhoto, não é verdade?

— Não — disse impiedosamente o detective. Depois, com pena das veleidades de investigador do dono da casa, acrescentou:

— É ambidestro. Pode ter usado a mão esquerda.

As sobrancelhas franzidas se desceram com alívio. O amador não fora derrotado.

— Eu sabia — disse com ar solene.

O verdadeiro detective saiu antes que estourasse numa gargalhada.

★

Atribui-se em geral a um dom quase sobrenatural do detective a descoberta do criminoso. Isso é história inventada pelos romancistas. Na realidade, a investigação merece aquela frase que alguém já pronunciou a respeito do gênio: "é uma longa paciência". Um conhecimento de todo o "background", que os permite agarrar de um momento para outro qualquer ladrão conhecido, é uma grande ajuda, porque os criminosos amadores ou ocasionais são menos numerosos que os detectives ocasionais e amadores. Assim, mal ouviu falar no caso do laço de fita, O'Leary pensou em Harry Simpson, o criminoso sentimental.

Não havia quem não tivesse ouvido falar em Harry Simpson. Lá, na Scotland Yard, ou nos meios da aristocracia da gatunagem londrina. Ele era, na realidade, um grande ladrão, de uma habilidade tão grande que nunca seria preso, nem a polícia poderia provar que ele estava envolvido em qualquer caso, se não fôsse o seu sentimentalismo. Dessem-lhe uma vítima truculenta e ele se desempenharia às mil maravilhas; mas se houvesse laços de fita, cachos cortados ou uma flor emurchecida entre as páginas de um livro, e ele não conseguiria fugir à comção extraordinária que o perturbava. Chorava como uma criança.

Indagavam os cúmplices, perplexos:

— Que faremos deste choramingas?

Mas conservavam Harry entre os seus em virtude da sua enorme habilidade de arrombador.

Sabendo da aventura que ele tivera

aquela noite, O'Leary foi procurá-lo na pensão onde ele morava.

— Olá, Harry, como vai?

— Vai-se indo como se pode, inspetor.

— Hum... Alguma novidade por aqui?

— Não, senhor.

— Sabe o que aconteceu ontem?

— Onde?

— Numa casa de família... Um cofre foi arrombado. Porém como havia um sentimental laço de fita perto do dinheiro o ladrão nada roubou...

Harry empalideceu:

— Você não terá estado por lá, por acaso, Harry?

O ladrão teve um sorriso amarelo:

— Eu? Por que isso?

— Não conheço nenhum ladrão tão sentimental quanto você?

Harry, refeito do susto, teve positivamente um sorriso angelical:

— Isso é brincadeira dos rapazes, inspetor. Além disso eu estou regenerado.

— Regenerado?

— O senhor não acredita? Foi assim: uma tarde eu ia passando pelo parque, quando uma linda menina de cabelos dourados me chamou. Depois de conversar com a menina compreendi o que havia de bom, puro e elevado nesta vida... Não pude mais roubar. Hoje, se eu quisesse não poderia, é uma impossibilidade física...

Antes que Harry acabasse a história, O'Leary se levantara e dissera, irritado:

— Às vezes você me faz perder a paciência, Harry.

Mas a verdade é que este não era o meio de tratar Harry, porque este só poderia ser levado com doçura...

Batendo a porta O'Leary afastou-se.

★

Foi uma semana mais tarde que Harry recebeu a visita de um cavalheiro cujo nome não é preciso revelar. Este senhor fez ver ao sentimental arrombador que tinha em perspectiva um trabalho... de arromba. Em vista disso, a decisão de não roubar mais de Harry ficou conside-

COMO SIMPSON ROUBOU AS JOIAS...

Conto de EDGAR WALLACE

(CONTINUA NA PAG. 43)



O marechal Montgomery no seu gabinete de trabalho em território alemão, onde os nazistas jamais pensaram que ele penetrasse. O bravo cabo de guerra faz, ali, a sua vida normal de militar, despachando seu expediente no castelo Schloss Ostenwald, e tomando as providências necessárias para o ritmo seguro de seus exércitos. Sem a clássica boina que o acompanhava nas jornadas de guerra, tranqüila e pacatamente, Montgomery prova assim que um dos chefes da invasão aliada consegue impor-se ao povo e aos soldados. Lá fora, uma sentinela britânica está sempre alerta para informá-lo do que vai ocorrendo.

O Q. G. DE MONTGOMERY NA ALEMANHA

Aqui dentro Montgomery está agora vivendo. Esta é uma vista em conjunto do castelo Schloss Ostenwald, onde o comandante inglês se instalou. Outrora apenas os nazistas entravam no castelo, mas hoje são os vitoriosos da tremenda guerra de quase seis anos que ditam ordens. E o povo alemão sabe, enfim, que eram falsas as garantias de Hitler. Esse povo está pagando bem caro o crime feio de bater palmas ao desmoralizado fuehrer...

Do B. N. S., especial para
a REVISTA DA SEMANA

Muito se tem falado, desde a Vitória completa dos exércitos aliados libertadores, do quartel-general do marechal Montgomery em pleno território germânico. Trata-se de um dos centros mais importantes do governo e administração militar aliada no solo conquistado do Reich.

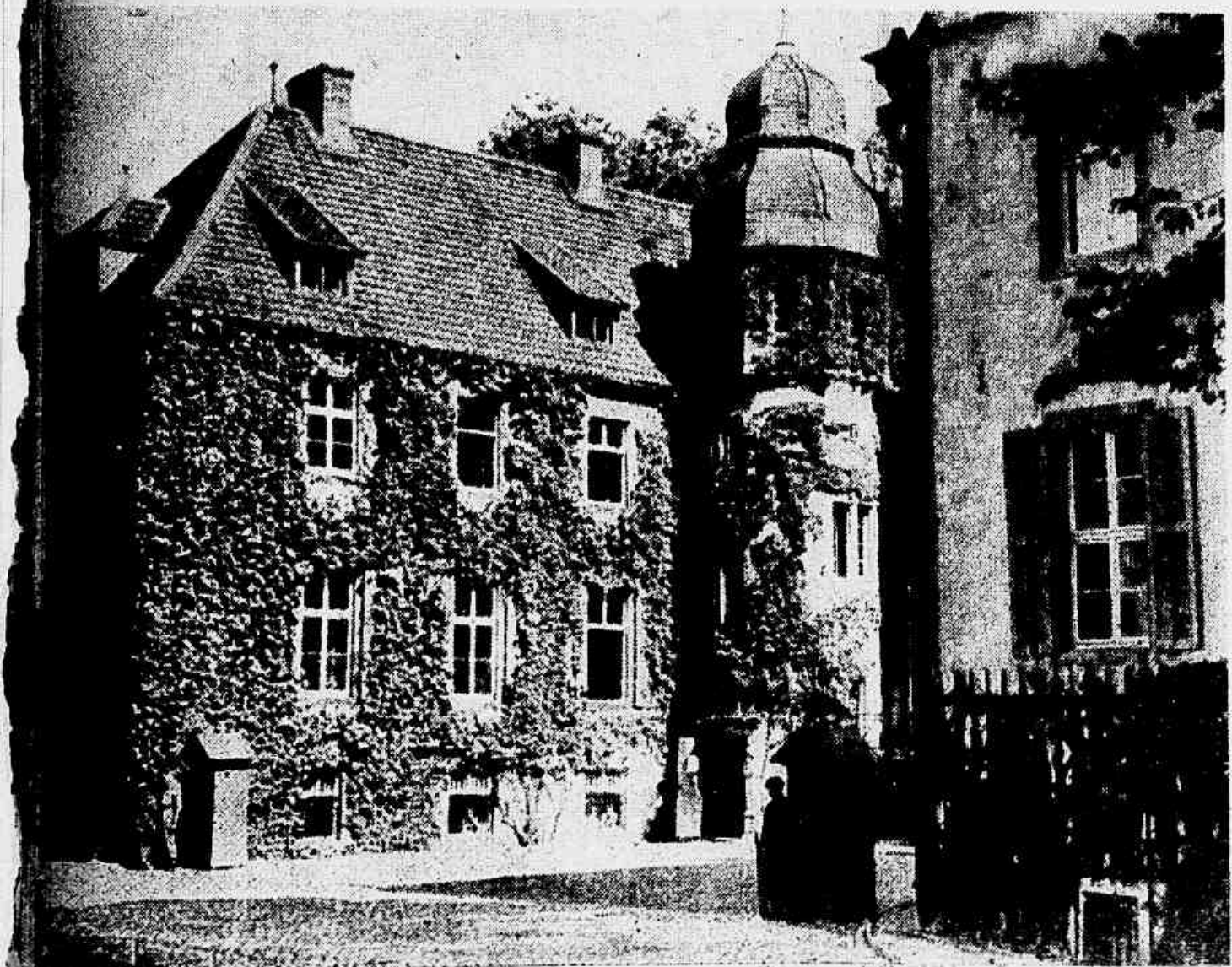
É dividido em grandes zonas para facilitar o controle conjunto e coordenado das três principais potências vitoriosas, Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética, além da França, cujo Primeiro Exército de Tassigny constituiu igualmente um dos fatores essenciais ao êxito das operações finais na frente ocidental européia que conduziram ao término feliz da guerra no continente.

Na realidade, o quartel-general de Montgomery acha-se magnificamente instalado num edifício que se caracteriza, tanto externa como internamente, pelo seu conforto e sobretudo pela sua beleza. O novo "lar" do grande soldado britânico, herói de tantas campanhas sensacionais, que tiveram o seu início na famosa arre-

metida do deserto africano contra as hostes aguerridas do "Afrika Korps" de Rommel, é um formoso castelo alemão do século XVII, denominado Schloss Ostenwald e adquirido pelo barão Von Vincke. Antes mesmo da vitória, esse castelo havia sido abandonado pelo seu dono diante da investida das tropas comandadas pelo marechal Montgomery. Situa-se ele entre Osnabruck e Hanover.

É desse local que o notável chefe militar inglês dirige o controle da área de ocupação britânica em solo germânico e dirige ainda as forças do Segundo Exército, hoje empenhado em novas tarefas consolidadoras do triunfo.

O castelo Schloss Ostenwald exibe um belo conjunto de linhas arquitetônicas soberbas e aristocráticas. Seus salões são luxuosamente adornados de móveis caros e objetos de arte dignos de atenção pelo seu valor e raridade. Sem dúvida o aposento mais simples é o próprio gabinete do marechal Montgomery, composto apenas de algumas cadeiras, uma ampla mesa moderna e algumas gravuras selecionadas pelo próprio cabo de guerra in-

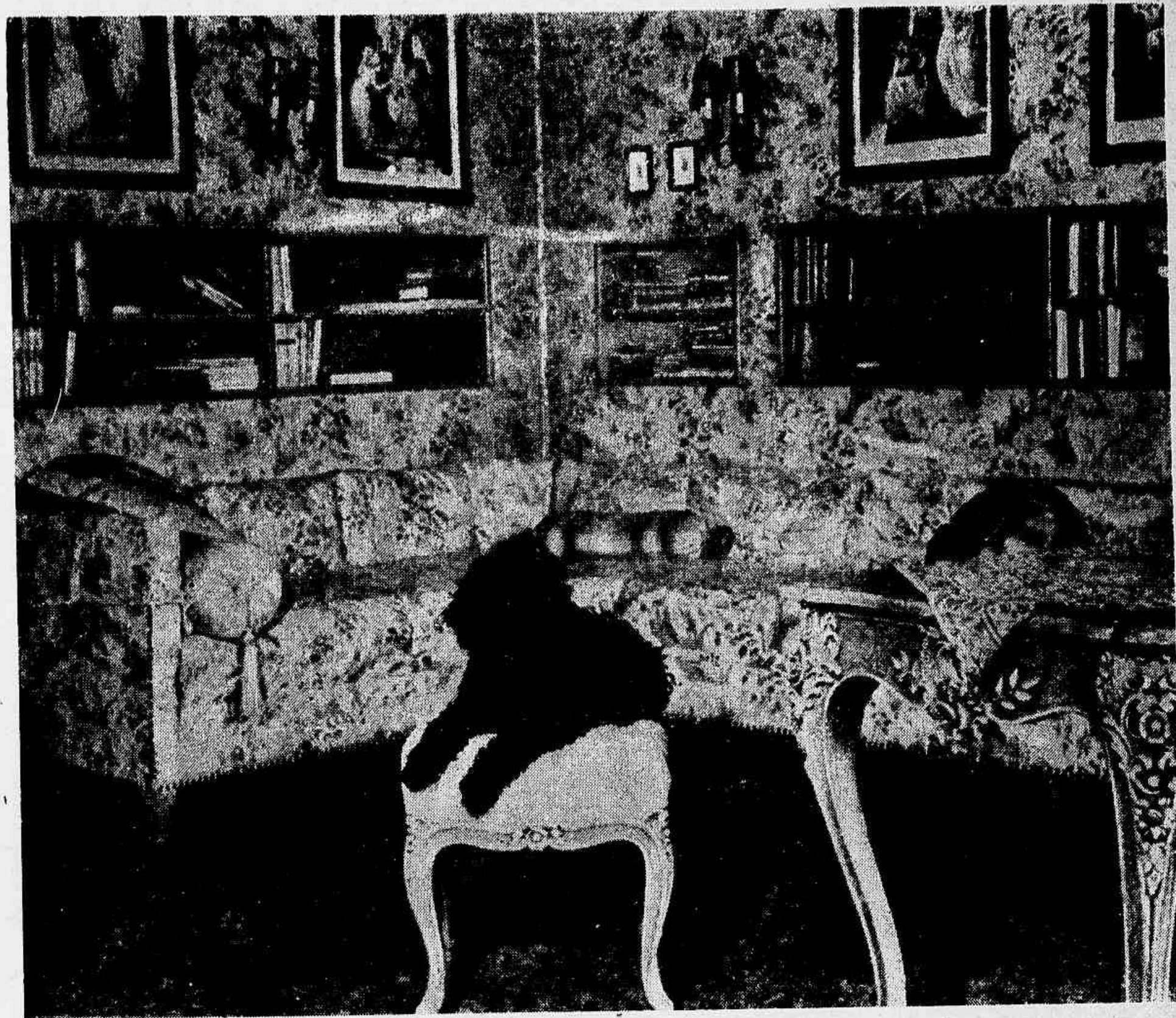


glês, Montgomery costuma trabalhar em trajes civis, usando frequentemente um simples "pull-over" sobre a camisa aberta, como se pode ver numa das fotografias que acompanham estas notas. Uma outra nos mostra um dos recantos mais típicos do castelo, com um fino mobiliário em barroco-rococó. Numa banquetta descobrimos o cãozinho "Puddle", apresentado a Montgomery pelo pessoal da Embaixada Britânica em Paris.

Este é o novo ninho da Águia, situado em pleno coração do território do extinto III Reich. Em seu quartel general, após dirigir as duras operações que culminaram pela vitória final contra a Alemanha nazista, Montgomery controla agora toda a zona de ocupação britânica, tarefa que, sobre exigir todo o seu vigor de grande soldado, requer ainda raras qualidades políticas e administrativas.

Uma vez alcançada a meta final da guerra no continente europeu, seria ele, já somente pelas suas ações destinadas de comandante de campo dos exércitos invasores ingleses, um nome glorioso a figurar na história. Teremos entretanto agora, a somar aos incalculáveis serviços que a democracia fica devendo a esse glorioso cidadão, o mérito de ter sido o primeiro governador do território alemão ocupado pelos ingleses. A sua energia de soldado libertador, o seu senso político, a sua inteligência de administrador progressista, tudo isto faz de Montgomery um dos maiores cidadãos da Inglaterra de hoje.

Maior significação tem pois para os ingleses a casa da qual oferecemos aqui alguns aspectos fotográficos. Ela é como que um pedaço de terra da Grã-Bretanha transplantado para o coração da Alemanha ocupada. Esse castelo é hoje o símbolo da vontade libertária do povo inglês, que levou os soldados da demo-



Um recanto do interior do castelo de Schloss Ostenwald, vendo-se, em primeiro plano, um dos cães de estimação do marechal Montgomery. Esse animal o acompanhou mesmo nos períodos culminantes da sua campanha de guerra, e agora descansa, feliz, livre do perigo das balas assassinas dos nazistas. Quando foi edificado o castelo, longe andavam os germânicos de esperar que algum dia servisse de alojamento para um vitorioso soldado britânico, em seus domínios. Mas o que parecia absurdo e mesmo impossível, aconteceu...

cracia a demolirem os poderosos exércitos nazistas, dentro mesmo do seu "habitat".

A terrível fortaleza de Berchtesgaden,

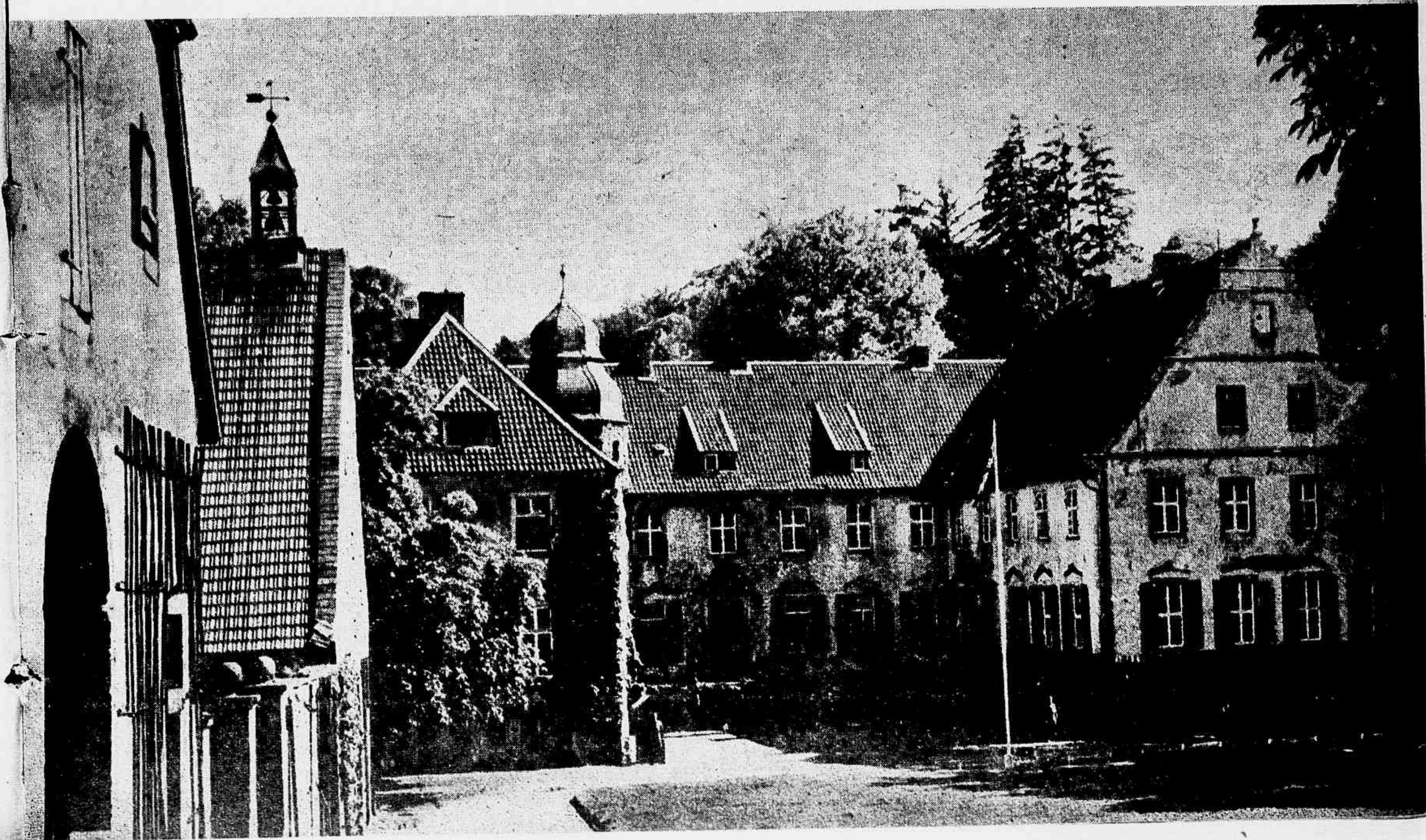
onde Hitler se entricheirava contra todos os imprevistos, foi ocupada e está hoje em mãos dos soldados da liberdade.

Russos, ingleses e americanos dominam

agora todo o país. Sucedeu-se à era de Adolf Hitler, o mais militarista dos civis, a época de Montgomery, soldado da de-

mocracia e cidadão libertador.

Outro flagrante do castelo alemão onde agora o marechal Montgomery dita ordens para os súditos alemães. Trata-se de uma grande propriedade, construída há séculos e que tem seu histórico. Ali dentro sempre os instintos militares dos germânicos prevaleceram, até quando, agora, uma guerra redentora, a trôco de muito sangue e muito sacrifício, deu nova aplicação a esses domínios. O castelo Schloss Ostenwald está, agora, ocupado por soldados que nasceram na Grã-Bretanha e que dali partem, todas as manhãs, em marchas de vigilância pelos distritos adjacentes. Hitler, se porventura existe, há de morder-se de raiva... Mas isso aconteceu...



SOUZA CORRÊA

ESCRAGNOLLE DORIA

NA longa era vitoriana da corte inglesa de Saint James, dois diplomatas estrangeiros gozaram a privança do príncipe de Gales, anos e anos herdeiro presuntivo de coroa sobre cabeça materna.

Os diplomatas amigos de quem tardou a ser rei na Inglaterra e imperador nas Índias foram dois homens de nacionalidades aproximadas por idioma comum e por séculos de História.

Chamaram-se Luiz Maria Pinto de Soveral, marquês de Soveral, ministro português em Londres, e João Arthur de Souza Corrêa, chefe da legação brasileira na capital britânica e do Conselho de S. M. o Imperador do Brasil.

Wladimir D'Ormesson, portador de nome bem conhecido na diplomacia francesa, sob o título de **Enfances Diplomatiques**, reuniu lembranças de juventude passada em meios diplomáticos, os das diversas cortes européias nas quais o pai de Wladimir D'Ormesson representou a França.

Uma dessas cortes foi a de Lisboa, reinante em Portugal D. Carlos I, do qual era então ministro dos Negócios Estrangeiros o marquês de Soveral.

Vamos conhecê-lo um pouco pelo testemunho de D'Ormesson, cujo pai tinha momentos de mau humor contra a anglofilia de Soveral.

"Ministro de um país de papel mínimo no tabuleiro de xadrez internacional, salvo no terreno colonial pela imensidade das possessões portuguesas, Soveral contudo era um personagem europeu.

Estreita amizade com o príncipe de Gales — tardio Eduardo VII — cercava Soveral de invejável prestígio.

Embora fôsse ele singularmente feio, batixote, gordo por demais e quase de cabelo azul a poder de escuro, Soveral era entretanto um dos diplomatas mais elegantes do Velho Mundo.

Por muito tempo embaixador na Inglaterra, Soveral ocupava posição brilhante na corte de Saint James. Permaneceu em Londres após a queda da monarquia portu-

guesa e morreu em Londres nobremente nel ao seu rei exilado."

Quando ministro dos Estrangeiros, coube a Soveral papel destacado na resolução da ruptura de relações diplomáticas entre o Brasil e a Inglaterra, reproduzindo em menor grau a tensão e o dissídio da Questão Christie, terminada por desagravo solene aos nossos brios de país então de muito apoio na força moral de nação organizada e portanto respeitada.

O Império virou-se a braços com a Questão Christie, a República teve de enfrentar Questão com o governo inglês. Tal a da ocupação pela Grã-Bretanha da ilha da Trindade, despovoado pedaço de Brasil sempre mais à guarda do Atlântico que do possuidor.

Em 1895, o vaso de guerra "Barraconta arvorou na ilha a bandeira inglesa na ausência da brasileira. Apesar de saber a Trindade pertencente a Portugal, desde 1700. Depois nossa a ilha, a Inglaterra por vêzes, tentou ocupá-la, navegadores franceses olhando-a com cobiça ao singrarem de passagem para portos de destino.

Em janeiro de 1905 entendeu a Inglaterra chamar a si a Trindade, estendendo anexação silenciosa à ilha de Martin Vaz. Seis meses ficou o Brasil na ignorância da singular posse mansa e pacífica gozada por falta de notícias, e de certo não as dariam os ocupantes.

Chegadas novas ao Brasil protestou este ajudado por indignação popular. Na defesa de direitos nacionais saíram defensores, não de quartéis, sim de arquivos. Foi a hora dos documentos, dos papéis velhos dos quais ninguém moía nos apertos da prova de direitos.

Recusando propostas do governo inglês, a cuja frente estava Lord Salisbury, o Brasil, por papéis velhos fortalecendo argumentações, manteve o seu ponto de vista, o da sua posse inteira das duas ilhas transferidas à sorrelha; tudo através dos não poucos incidentes que as questões diplomáticas acarretam a chancelarias.

Para derrota a Questão Trindade facilitando a desocupação da ilha, concorreu medianeiro o governo português no qual, ministro dos Estrangeiros, figurava o marquês de Soveral, o amigo dileto do príncipe de Gales, também tal o nosso ministro em Londres, o conselheiro Souza Corrêa.

Iniciara este vida pública no Brasil, na sua marinha de guerra e por esta tivera primeiro contacto com a Inglaterra, servindo-a na campanha da Criméia.

Deixando carreira naval, por se conhecer míope demais para bom oficial de marinha, Souza Corrêa solicitou entrada em nosso corpo diplomático. "Para enxergar de perto, a diplomacia era a melhor carreira", segundo Oliveira Lima.

Adido de legação em 1859, Souza Corrêa, pôsto a pôsto, chegaria a ministro em 1885, na corte de Madrid. Iria "enxergar de perto" Washington, Roma junto à Santa Sé, Haia e finalmente Londres em 1890, justo quando se tinha de tratar do reconhecimento da República no Brasil com o governo de Sua Graciosa Majestade, cabível o adjetivo mesmo a rainha idosa, qual a então reinante.

Londres era **home sweet home** para Souza Corrêa. Secretário de legação, ali serviria com Penedo, chefe prestigiado. Mais tarde Souza Corrêa, quando por seu turno chefe prestigiado, teve também junto de si um secretário de legação que lhe aproveitaria lições. Foi Oliveira Lima.

Da observação diária de Souza Corrêa, ficou em Oliveira Lima uma série de lembranças que escritos dele põem presentes.

Memorializando, Oliveira Lima mostrou Souza Corrêa fiel às tradições da elegância do trajar masculino do inglês de fina roda, cónscio que o homem bem vestido é o que não dá na vista, ao invés do arrivista restacuera.

Conforme Oliveira Lima, Souza Corrêa mostrava "certo gosto pelas pedras preciosas", não para as exibir, mas para as possuir e admirar. "O alfinete de gravata era a única joia que usava, nem seu trajar britânico comportaria maior ostentação". O homem de gosto apurado não se iguala ao novo rico, amigo de brilhantes e de tudo quanto neles faizque ao menor movimento.

O prazer de adquirir e manejar gemas, disse Oliveira Lima, era em Souza Corrêa o único traço de ascendência judaica, por parte materna.

A situação privilegiada de Souza Corrêa em Londres derivava em alto grau da intimidade dele com o príncipe de Gales, e a este Souza Corrêa apresentara Soveral.

O homem visitado frequentemente por Eduardo sem-rei da Inglaterra, os herdeiros presuntivos são semi-reis; o homem que sem estirpe e fortuna, conseguira romper o círculo da aristocracia inglesa; o homem que tanto andava de braço dado com príncipes à espera da coroa como com Rothschild, rei de milhões era o mesmo homem que, nas tardes da legação do Brasil, se mostrava o mais simples possível, acamando-se com seus auxiliares. Sabe-se que o **five o' clock tea** foi introduzido em Londres por Catarina de Bragança, a portuguesa que, na corbeille nupcial, levava como dote ao espôso, Carlos II, Tanger e Bombaim.

Acrescenta Oliveira Lima: "O mesmo Souza Corrêa que na sua legação tomava o chá das cinco horas com os seus secretários, singelo de modos e contando anedotas, eu o vi no **Traveller's Club** saudando com um adeus de pontas de dedos os nomes mais ilustres da nobreza inglesa".

Os interesses políticos e financeiros do Brasil em Londres dividiam a atenção de Souza Corrêa. De tal atenção eram pontos cardiais Dovening Street, a residência do premier inglês, o Foreign Office, centro dos fios da política inglesa mundo afora, a City e a Delegacia do nosso Tesouro Nacional, nela a honorabilidade do Brasil a par da honorabilidade de representante nosso, o Conselheiro Azevedo Castro.

Em vida diplomática teve Souza Corrêa dias gratos e outros ingratos, entre estes os da defesa de nossos direitos sobre a ilha de Trindade, pequena, vulcânica, recifenta mas desejada como base naval.

Apresentado protesto nosso contra a ocupação inglesa de Trindade, Souza Corrêa teve de resguardar interesses pátrios. Deram-lhe muitas preocupações e aborrecimentos, os de toda questão espinhosa, o nosso negociador contando embora com a boa vontade de Lord Salisbury.

A amigo no Brasil, escrevia Souza Corrêa em desabafo íntimo. Para mostrar ao confidente quanto a questão lhe custava esforço, dizia o missivista:

"Foi preciso que eu remexesse céus e terra senão o negócio da Trindade ficava como o das Malvinas."

Souza Corrêa mostrava, na citada carta, Salisbury queixoso. Não compreendia este por que o governo brasileiro silenciava quanto a propostas confidenciais transmitidas à revelia de Phipps, o ministro inglês no Brasil.

Primeiro ministro — e de que nação! — Salisbury melindrava-se por ser tratado "com a maior sem-cerimônia".

Picado, chegou Salisbury a dizer a Souza Corrêa: "Parece que representamos opereta de Offenbach".

Mais informações epistolares de Souza Corrêa:

"Salisbury sugere mediação para o caso da Trindade lembra Maria Cristina, rainha regente de Espanha para mediadora, lembro eu o presidente do Chile."

Particularmente, O Foreign Office informou Souza Corrêa. O governo inglês, após sondar o governo português, suspendera negociações por dois meses e meio.

Encerrado, Souza Corrêa tornou-se terminante junto ao Foreign Office. Diplomáticamente pôs ponto nos "ii" e diz: "Se Portugal oferecia mediação de modo formal (e disse Salisbury não fazia questão) e se se entender que a Trindade pertence ao Brasil, a este, sem detença, fôsse a ilha entregue".

Consoante informação epistolar de Souza Corrêa, "a negociação foi apressadamente concluída por Soveral, no momento seriamente ameaçado em Lisboa por negócios do Transvaal, deparando-se ao ministro português ensejo de restabelecer crédito na opinião pública da pátria".

Nossos direitos reconhecidos, a Trindade de novo ia ser Brasil, descido mais um pano sobre mais uma questão diplomática.

Não muito depois desaparecia Souza Corrêa, pela manhã encontrado morto na sua residência. O homem, o diplomata, haviam sido sempre discretos. No só da noite, sem testemunhas, a morte levou Souza Corrêa.



Conselheiro JOÃO ARTHUR DE SOUZA CORRÊA
(Nascido em Pernambuco e falecido em Londres)

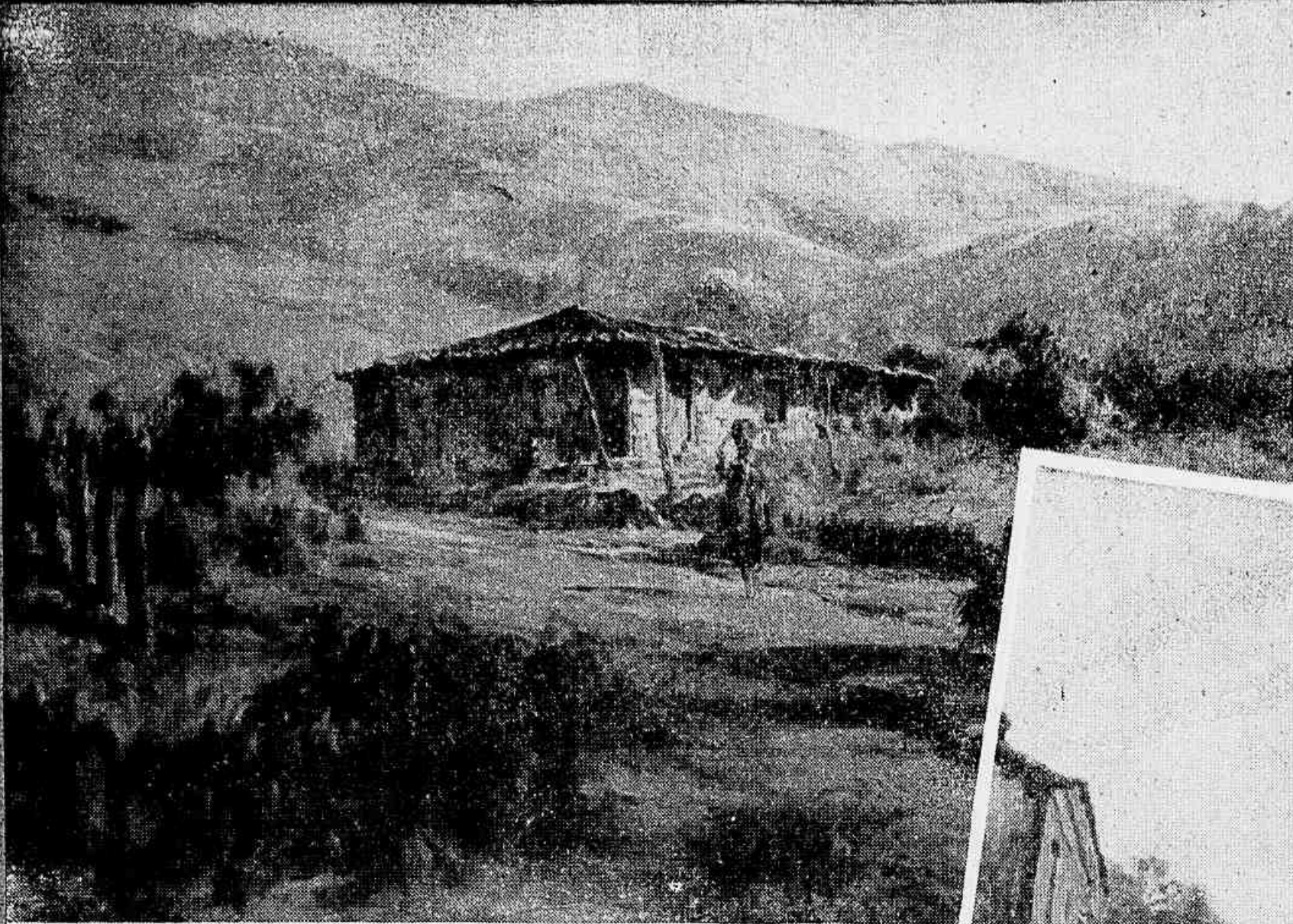
"Dez mil automóveis particulares voltaram a trafegar."
(Dos jornais)

PAPAGAIO! E SÓ TEM
UM LITRO POR DIA!...

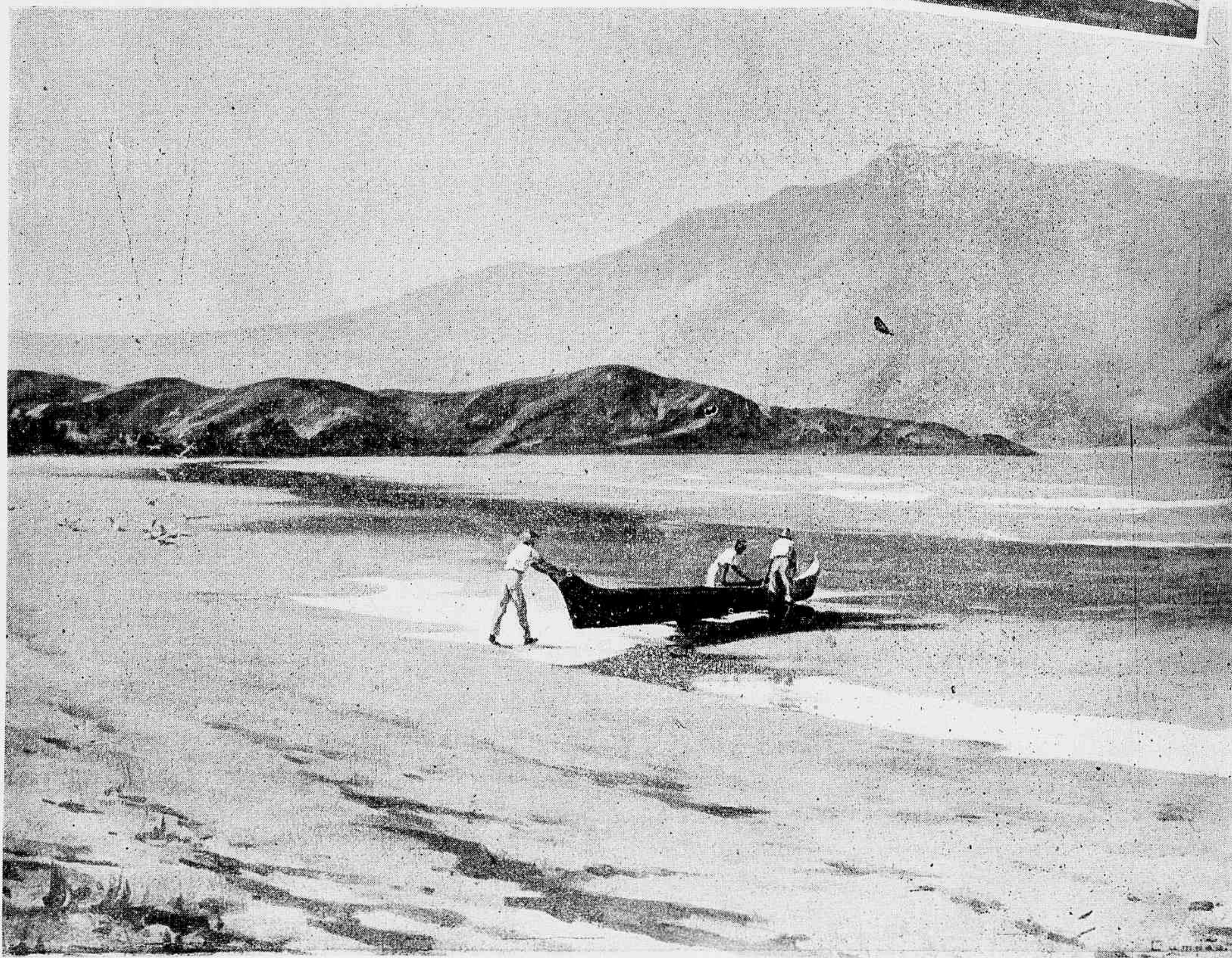
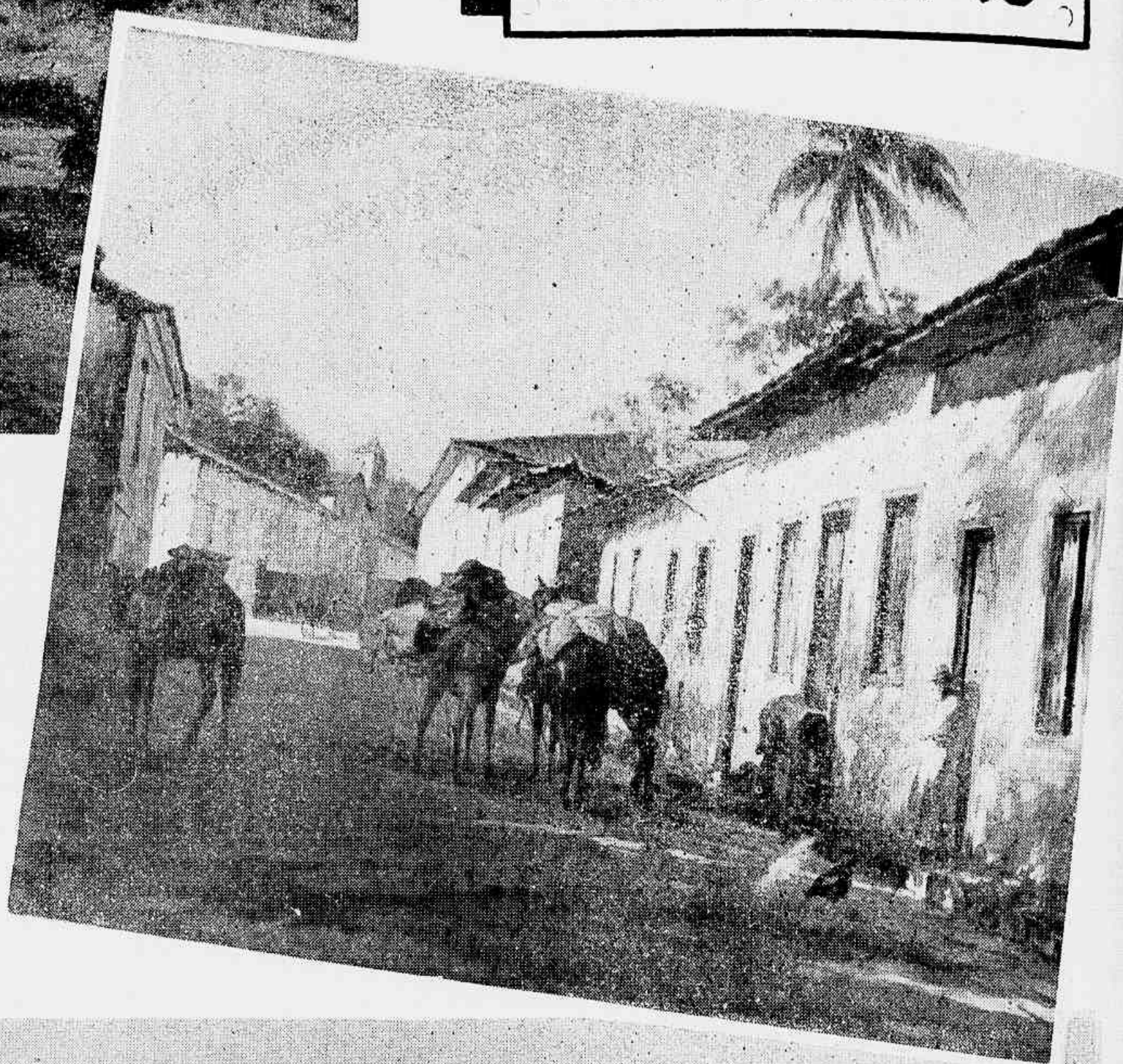
LOTADO



ARTES PLASTICAS



Um perfeito pintor brasileiro êsse José Marques Campão, que expôs os seus óleos e aquarelas de 16 a 31 do mês passado na "Galeria Lebreton". As suas paisagens, reproduzindo coisas e aspectos do "hinterland" brasileiro e do litoral bárbaro de São Paulo, são perfeitos retratos do Brasil, que o pintor nos oferece através o colorido esmaecido que é a sua principal característica. Os seus trabalhos são quase todos decalcados em motivos paulistas, mas além dêsses êle nos ofereceu também, em sua recente exposição, quadros de Minas Gerais e Goiaz, todos apresentando cenas típicas da vida dêsses Estados. Nesta página, três dos quadros expostos. Ao alto, "Depois da Geada" (Monte Seão); ao centro, "A Tropa" (Goiaz); em baixo, "Canoeiros do Pontal".





NOS BASTIDORES FEMININOS

OS nossos vestidos, minhas amigas, não são apenas um adorno que passa, uns metros de seda ou de linho que a gente usa e depois joga fora. Não! Absolutamente, não! Os nossos vestidos são como as páginas misteriosas de um diário, cujas folhas se desfazem à medida que as preenchemos; são como as pétalas de uma grande rosa de carne: cada pétala que se acaba é um pouquinho da rosa que se esvai.

Pedaco da nossa vida, partícula de sonhos, cúmplice amável e discretíssimo, quantas vezes o vestido que se rompe simboliza uma chaga que se abriu!... Um vestido se acaba! E' como se morresse uma quimera! Nas suas dobras, no seu tecido desbotado e nos seus velhos atavios ainda perduram os traços da ventura que passou, ainda recende o aroma que embalou o morto coração! Cada vestido nos fala de uma alegria, de um momento bom que não volta mais, da sensação que nos sacudiu ou da emoção que nos embalou.

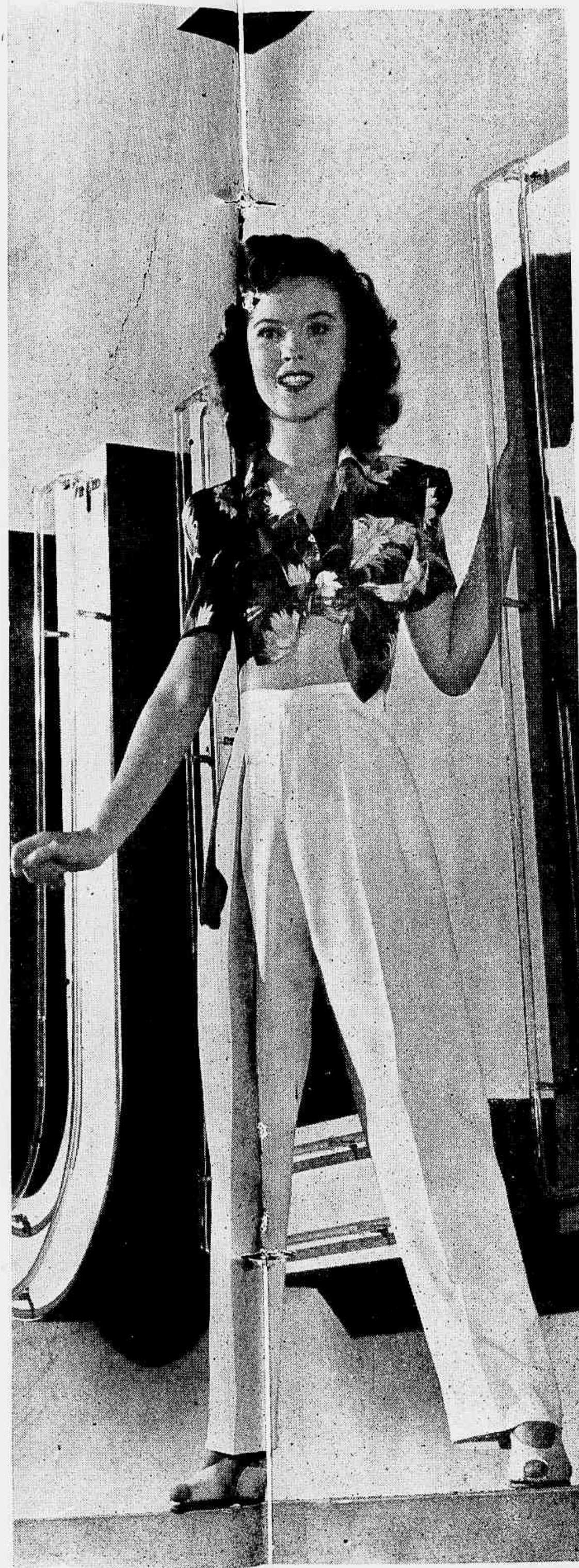
O guarda-roupa de uma mulher é como um calendário de rendas e de perfume. Contar os vestidos é contar os prazeres ou os desencantos de cada dia.

Um vestido novo é uma promessa fagueira; um vestido velho bem pode ser uma mortalha. Um vestido novo é uma esperança que ri; um vestido velho é uma saudade que chora!

Jesy Barbosa

SHIRLEY TEMPLE (Columbia)

MODELOS SHIRLEY TEMPLE



Três maravilhosos modelos juvenis, nestas páginas, ao bom gosto das nossas leitoras. Todos foram escolhidos do guarda-roupa de Shirley Temple, a graciosa estrelinha da Columbia. À esquerda, um beíssimo vestido em duas peças e duas cores. Linho azul-marinho e linho rosa. Os botões, também em duas cores, acompanham as tonalidades da "toilette". Ao centro, um sorriso de Shirley, que enfleia um graciosíssimo conjunto esportivo: calça de linho branco e blusa em chita americana. Finalmente, à direita, um magnífico modelo juvenil sugestivo e encantador. Saia de linho azul-escuro com bolsos bordados em azul-claro; blusa em lase branca.



Conto de NATHANIEL HAWTHORNE

A experiencia do dr. Heidegger

Ilustração de José Antonio

Velho dr. Heidegger, homem assaz original, convidou certa vez quatro amigos seus para que se reunissem em seu gabinete. Eram três cavalheiros de barbas brancas: o sr. Medbourne, o coronel Killigrew, o sr. Gascoigne e uma senhora maltratada, a viúva Wycherly. Todos eles eram velhos e melancólicos personagens, que tinham sofrido reveses na vida e cuja maior desgraça consistia em que de há muito não gozavam já o repouso do fimulo. O sr. Medbourne tinha sido no vigor de sua idade um próspero comerciante, mas perdera toda sua fortuna em arriscadas especulações e era agora pouco menos que um mendigo. O coronel Killigrew malbaratara seus melhores anos, sua saúde e sua energia em pecaminosos prazeres, que lhe acarretaram uma infinidade de aborrecimentos, como a gôta e vários outros tormentos do corpo e da alma. O sr. Gascoigne era um político arruinado, homem de má

reputação, má reputação essa que o havia perseguido até que o tempo apagou-o da memória da presente geração, tornando-o obscuro em vez de infame. Quanto à viúva Wycherly, contavam todos que fora de beleza extraordinária em seus dias de mocidade, mas que tinha vivido muito tempo em profundo isolamento por causa de certas histórias escandalosas que levantaram contra ela a opinião da sociedade. E' digna de ser mencionada a circunstância de que os três velhos cavalheiros, o sr. Medbourne, o coronel Killigrew e o sr. Gascoigne, tinham sido noutros tempos pretendentes da viúva Wycherly, e estiveram uma vez a ponto de cortar um o pescoço do outro para gozar do privilégio de seu amor. E antes de prosseguir, quero

também deixar consignado que se murmurava que tanto o dr. Heidegger como seus quatro convidados se encontravam às vezes um tanto fora de suas atribulações, coisa não de todo surpreendente em se tratando de pessoas velhas e atormentadas por atuais sofrimentos ou por angustiosas recordações.

— Meus velhos e queridos amigos — disse o dr. Heidegger, fazendo-os sentar —, quero que me ajudeis numa das pequenas experiências com que costumo divertir-me a sós em meu laboratório.

Se temos de dar té à história, o laboratório do dr. Heidegger era um dos mais curiosos lugares: uma câmara escura, moblada à antiga, adornada com teias de aranha e coberta de pó desde tempos imemoriais. Encostadas à parede viam-se várias estantes de roble, cujas prateleiras inferiores estavam cobertas de brochuras gigantescas e livros góticos em tomos, enquanto a parte superior guardava os pequenos livros em duodécimos com capa de pergaminho. Sobre a estante central havia um busto de Hipócrates com o qual, segundo fontes autorizadas, costumava manter consultas o dr. Heidegger em todos os casos difíceis de sua profissão. No canto mais escuro do aposento havia um armário de roble, alto e estreito, através de cuja entreaberta porta se divisava confusamente um esqueleto. No espaço compreendido entre duas estantes pendia um espelho mostrando sua alta e empoeirada superfície dentro duma desbotada moldura dourada. Entre muitas outras maravilhosas histórias que se contavam acerca deste espelho, dizia-se que as almas de todos os pacientes mortos do dr. Heidegger habitavam dentro de sua borda, e que onçavam com ele sempre que olhava naquela direção. O lado oposto à câmara estava decorado com o retrato



de corpo inteiro duma jovem dama, vestida de seda e brocado, em descolorida magnificência, e de semblante tão pálido como seu atavio. Havia meio século que o dr. Heidegger esteve a ponto de casar-se com a jovem senhora; mas aconteceu que, atacada de ligeira indisposição, tomou uma das receitas do seu noivo e morreu na manhã do casamento. Resta ainda mencionar a principal curiosidade do laboratório: um enorme livro, encadernado com couro negro e fechado com pesados broches de prata. Não tinha letras na lombada e ninguém poderia dizer o título da obra. Contudo sabia-se perfeitamente que era um livro de magia, e uma vez que o apanhou a empregada, simplesmente com a intenção de limpar-lhe a poeira, o esqueleto se moveu em seu armário, o retrato da dama botou um pé no chão e vários rostos de fantasmas assomaram ao espelho enquanto que a bronzeada cabeça de Hipócrates franzia o cenho e dizia: "Solta!".

Tal era o laboratório do dr. Heidegger. Na tarde de estio a que se refere nossa história, havia uma pequena mesa redonda, preta como ébano, no centro o cômodo, sustentando uma ânfora de cristal facetado, de belo feitio e delicado lavor. Os raios do sol penetravam através da janela, entre os pesados festões das cortinas de damasco desbotado, e caíam discretamente sobre a ânfora de maneira que um suave resplendor se refletia nos cinzentos rostos dos cinco velhos reunidos em torno. Também havia quatro taças de champanhe sobre a mesa.

— Meus velhos e queridos amigos — repetia o dr. Heidegger —, posso confiar em vossa cooperação para realizar uma experiência extremamente singular?

E' preciso notar que o dr. Heidegger era um velho cavalheiro muito original, cujas excentricidades tinham chegado a ser a base de mil fantásticas histórias. E é possível que algumas dessas invencionices, dito seja para minha vergonha, possam remontar até minha própria e verdadeira pessoa; de modo que, se algumas passagens deste conto chocam a credulidade do leitor, suportarei agradavelmente o estigma de novelista.

Quando os quatro visitantes ouviram o doutor falar de sua famosa experiência, não imaginaram maravilha maior que a morte dalgum rato por meio dalguma bomba

pneumática, o exame de qualquer porcaria no microscópio, ou alguma outra bobagem semelhante, com as quais tinha o hábito de importunar seus amigos. Mas, sem esperar respostas, o dr. Heidegger atravessou capengando a sala e voltou com aquêle enorme livro encadernado com couro negro, que a opinião geral declarava ser de magia. Descerando as prateadas fechaduras, abriu o volume e tirou dentre suas góticas páginas uma rosa ou o que algum dia foi uma rosa, porque então as verdes fôlhas e pétalas de púrpura tinham adquirido um tom pardacento, e a flôr inteira parecia prestes a converter-se em pó entre os dedos do doutor.

— Esta rosa — explicou suspirando o dr. Heidegger —, esta mesma rosa que aqui vêdes murcha e quase desfeita, floresceu há cinquenta anos. Deu-me Silvia Ward, cujo retrato ali está; e eu tencionava levá-la ao peito no dia de nosso casamento. Cinquenta e cinco anos e conservei como um tesouro entre as páginas d'êste velho livro. Pois bem; acharíeis possível que esta flôr de meio século pudesse reviver algum dia?

— Que idéia! — exclamou a viúva Wycherly com um impertinente movimento de cabeça. — E' o mesmo que

(Continua na pág. 48)





Com um sorriso brejeiro, aqui temos Miss Shirley Temple vestindo uma "toilette" graciosamente singela. Saia em fustão azul e branco, e uma blusinha simples de organdi branco.



Em plena graça da sua mocidade em flôr aqui temos de novo Shirley Temple, com uma "toilette" em organza negra, cuja gola em organza branca lhe dá um cunho bastante original. Na cintura um laço de "gros-grain".

O general Bramble me convidou para passar o Natal no campo.

"Este ano só convidei meu cunhado, Lord Tullock, e minha cunhada. Não será, portanto, muito divertido, e por isso eu lhe peço que me desculpe; mas se o senhor não teme nem a solidão nem o inverno inglês, teremos muito prazer em recebê-lo e falar dos bons tempos que passaram."

Sabia que meus amigos tinham sofrido, durante o ano, a dor de perder um filho de dezoito anos, que morrera caído do cavalo numa caçada. Tinha pena deles e desejava vê-los. Aceitei.

Lord e Lady Tullock me intimidavam um pouco, mas, logo que os conheci, alegrei-me com sua presença. O general Bramble é capaz de permanecer três horas fumando cachimbo, perto da lareira, sem dizer uma palavra. Mrs. Bramble borda ou trabalha, também em silêncio. Lord Tullock é um agradável tagarela. Foi embaixador em diversos países e — coisa surpreendente — parece conhecê-los; sua mulher é de uma feiura muito graciosa e vestida tão pobremente quanto impõe a conveniência.

O rosto de Mrs. Bramble estava sulcado de lágrimas, porém ela nunca me falou de seu luto. No primeiro dia, unicamente, quando eu subi para me deitar, ela parou um instante diante de um quarto contíguo ao meu e me disse: "Era seu quarto", e virou a cabeça.

Na véspera de Natal passámos a noite na biblioteca; achas de lenha queimavam com chamas altas na chaminé; a vasta

sala era iluminada exclusivamente por velas: à luz da lua percebia-se, através das vidraças enquadraadas por lâminas de chumbo, o jardim branco sobre o qual a neve descia em vôo largo. O general fumava seu cachimbo; Mrs. Bramble trabalhava; Lord Tullock falou da noite de Natal:

— Há cinquenta anos — disse ele — no meu condado, muitos velhos camponeses acreditavam ainda que durante essa noite os animais falam como os homens. Lembro-me de ter ouvido contar por minha ama a história dum empregado de uma fazenda, que, incrédulo, se escondera no estábulo para verificar a lenda. No momento em que soou a primeira pancada de meia noite, um dos cavalos virou a cabeça para o outro: "Teremos trabalho dentro de oito dias", disse.

— Sim — respondeu o outro. — Esse criado é pesado.

— E' pesado — continuou o outro — e a encosta que sobe ao cemitério é dura.

Oito dias mais tarde morreu o criado.

— Hum — fez o general. — Sua ama tinha conhecido mesmo o homem?

— Muito bem: era seu irmão — disse Lord Tullock.

Ele permaneceu silencioso algum tempo. Contemplei as chamas altas que crepitavam na lareira, como bandeiras na tempestade. O general não se movia. A agulha de Mrs. Bramble desenhava sobre a talagarda longas pontas de côres vivas.

— Na Suécia — reiniciou enfim Lord Tullock — vi frequentemente camponeses da Daleradria prepararem a ceia dos fan-

tasmers. Lá, durante a noite de Natal, os mortos voltam às casas onde passaram sua vida. Antes de se separar, os habitantes da fazenda acendem um grande fogo, colocam velas novas, cobrem a mesa com toalha de linho, bem alva, limpam as cadeiras e cedem o lugar às sombras. No dia seguinte de manhã encontra-se no solo um pouco de terra; pratos e copos foram movidos e um cheiro estranho paira ao ar.

— Hum — disse, baixinho, o general. Pareceu-me que Lord Tullock tinha falta de tato. Olhei para Mrs. Bramble. Ela parecia tranqüila mas eu quis mudar o assunto da conversa.

— Para mim — disse — o Natal sugere a mesma idéia que a Shakespeare. Lembra-se?

"And then, they say: no spirit dare stir
[abroad,
The nights are wholesome; then no plaints
[strike,
No fairy takes, nor witch has power to
[charm."

— Mas nós sabemos que a esse respeito Shakespeare não tem razão — disse Lady Tullock, muito séria. — Edward, querido, quer contar nossa aventura de Tullock Castle?

— Ouví-la-ei com muito prazer — disse eu.

— Well — disse Lord Tullock — há exatamente cinco anos, na noite de Natal de 1920, como eu tivesse uma ligeira dor de cabeça e estivesse fazendo um bom

O CUCO

Conto de
ANDRÉ MAUROIS

lrio sêco, desejei dar um passeio para tomar ar, por volta de meia noite. Sai de casa. Diante da grade do parque, tomei o caminho que é circundado pelas cercas bastante altas e que naquela noite estava bem iluminado por uma lua brilhante e um céu estrelado. Depois de ter andado mais ou menos uma meia milha, percebi, de longe, sobre gelo branco, uns vestígios escuros que atravessavam a estrada. Aproximando-me, verifiquei que era sangue e, procurando a proveniência dessa pequena corrente, descobri que a cerca, naquele recanto fazia um ângulo reentrante e que nesse abrigo jazia um corpo. Aproximei-me: era um cadáver. Voltei para casa correndo, chamei os criados. Envié alguns para prevenir a polícia; ordenei aos restantes que tomassem tochas e me seguissem. Retomámos o mesmo caminho e andámos muito tempo, tempo de mais, me pareceu, mas não se via nada, e eu procurava em vão o vestígio de sangue. Enfim, após no mínimo duas milhas, eu disse: "E' impossível. Eu seguramente não tinha ido tão longe. Devemos ter passado o lugar. Vol-

Continua na pág. 45



"MENTHOLATUM
MATOU NA CABEÇA
O MEU
RESFRIADO!"



MENTHOLATUM

É usado por
multidões contra
RESFRIADOS
que atacam a
cabeça e o nariz.



PROPORCIONA ALIVIO RAPIDO

No tanque ou na pia
Minerva auxilia!
Pra roupa ou panelas
Minerva é pra elas!



Sabão MINERVA torna
as panelas lindas e
limpas como jóias.



Sabão MINERVA
lava mais por
menos dinheiro.



Sabão
MINERVA
garante uma
higiene per-
feita às rou-
pas do bebê.



Mas, cuidado! O Sabão
Minerva está sendo
imitado na cor, mas
não na qualidade. Ao
comprá-lo, verifique
bem a marca. Minerva,
agora é assim...

O SABÃO MINERVA SAI BARATO
PORQUE PROTEGE O QUE LHE É CARO!

Livros

RITMOS DISPERSOS, versos de Pedro Alves de Oliveira Júnior. — Belo Horizonte, 1945.

O Sr. Pedro Alves de Oliveira Júnior andou dispersando por todos os temas que mais ou menos se lhe ofereciam a sua natural vocação de verzejador. Louvou a grandiosidade e todas as formosuras dos panoramas da sua terra natal que é Minas Gerais; celebrou a entrada do Brasil na guerra e o valor, tão eloquentemente assinalado na Itália, das Forças Expedicionárias; exaltou a política de paz e cordialidade mantida pelo Brasil para com os outros países da América; enalteceu a memória dos heróis e mártires da fé cristã; desenvolveu conceitos morais e filosóficos; aplicou a certos costumes o preceito clássico de rir ou fazer rir à custa deles; e ainda lhe sobrou inspiração para alguns versos de amor.

Para mostrar como as dificuldades técnicas seduzem o Sr. Oliveira Júnior e com que facilidade ele as resolve, damos o soneto-acróstico da primeira página do volume:

Guarda sereno e forte da nação
Enfreada e grande nos seus feitos.
Teu culto bem merece a aclamação
Unissona que elevam pátrios peitos.

Luminosa figura de varão
Ilustre e caro, cujos bons conceitos
Obtidos são bem mais que a afirmação
De que lutas tão só pelo Direito.

Valente chefe da brasilidade,
Aclamado por essas multidões
Revigoradas na fraternidade,

Guia nosso Brasil, sem ambições,
Ao porto do Progresso e da Esperança,
Sem vacilar, com firme segurança!

Ritmos
Dispersos



AQUELAS MURALHAS CINZENTAS, novela de Paula Dantas — Belo Horizonte, 1945.



Injuriado grosseiramente e de surpresa, um homem crava o seu canivete de algibeira no ventre do insultador. Em geral, esses atos, em defesa dos quais se alegam os impulsos da honra ofendida, são olhados com benevolência. No caso em questão, benévola ou severamente tratado, o réu "pegou" dois anos de penitenciária. São as suas observações e as suas emoções que este livro encerra. Por estas páginas passam tipos diversos de condenado: o criminoso nato, de ímpetos irresistíveis; o de acaso ou pela força das circunstâncias, que se fez assassino ou ladrão como poderia ficar inofensivo e honrado a vida inteira; o que em vez da sentença de cadeia devia ter recebido um prêmio ou alguma espécie de louvor... O preso 2.000 escuta aquelas confidências ou expansões das horas de repouso. Todos os companheiros lhe falam com sinceridade. E algumas vezes a franqueza das narrativas vai ao cinismo absoluto. Em outras histórias, verdadeiros desgraçados abrem o coração, porque o segredo do seu infortúnio, com a injustiça que o envolve, deixou de caber lá dentro ou acabaria fazendo-o estalar... E sempre o 2.000 encontra nos sentimentos dos camaradas que a má fortuna lhe proporcionou motivo de interesse, alguma coisa digna de ser literariamente registrada.

Diz o Sr. Paulo Dantas, no prefácio do volume, que "o verdadeiro romance do cárcere ainda não foi escrito e exige uma técnica toda especial, totalmente impossível de ser realizada por um estrepante." A primeira dessas proposições não nos parece muito justa... Só a literatura russa ofereceria romances bastantes e todos "verdadeiros", para formar considerável biblioteca. E, se o presente livro constitui de fato uma estréia, por si mesmo desmente aquela "impossibilidade total". Parcialmente, pelo menos, *Aquelas muralhas cinzentas* alcançam o fim desejado.

CATARINA DO BRASIL, estudo histórico de Olga Obry, prefácio de Pedro Calmon, da Academia Brasileira de Letras — Atlântica Editora — Rio de Janeiro, 1945.



A Sra. Olga Obry consagrou a esta obra inteligência, esforço e tempo que, antes do perfeito conhecimento e tal realização, alguém poderia considerar, se não mal empregados, excessivos para o assunto. O trabalho se estende por duzentas e cinquenta páginas; e nos seus doze capítulos se tratou de autenticar, com toda a expressão e todo o relevo, a figura da mulher a quem, até então, a História fizera referências de passagem mas a Poesia e a Arte haviam revestido de sublimidade.

A Sra. Olga Obry dá ao livro um sub-título singular: *A Índia que descobriu a França*. É um modo de dizer, está visto, puramente literário. Nesse terreno, porém, e engenhosamente defendido, tem a sua justificação. Com estilo tudo se justifica ou se torna plausível. Mas, em verdade, não foi propósito da Sra. Obry deslumbrar-nos com as galas da frase nem com as audácias do paradoxo. A sua intenção foi contar exatamente a vida de Paraguassú, a índia da Bahia, batizada Catarina em França e desposada pelo português Diogo Alvares Correia, a quem os tupinambás denominaram Caramurú: homem de fogo ou dragão saído do mar. A viagem do casal à França, celebrada no poema de Santa Rita Durão, passa, aos olhos de prestigiosos historiadores e pesquisadores, por mera fantasia. A autora do presente livro apura, restabelece os fatos. Não precisou para isso de recorrer a maravilhas de originalidade literária. Valeu-se, porém, dum escríptulo na averiguação e duma clara, airoza linguagem que tornaram o trabalho, além de valioso, cativante. Fez, tanto quanto possível, obra sua. E o Sr. Pedro Calmon a aprova e felicita encerrando assim o prefácio:

"Com o erudito propósito de situá-la devidamente (Catarina Alvares) no espaço e no tempo foi que a autora deste livro o fez, balanceando os depoimentos, cotejando as fontes, citando os papéis antigos e novos que tratam de Caramurú e da fiel Paraguassú. Muita coisa ainda há que dizer no processo que se reabre. Mas sempre se conseguiu o indispensável, que é a revisão dele, para que Catarina Alvares adquirisse no panorama da cultura brasileira a importância próxima e o lugar certo que lhe cabem."

Novos

AH KING, contos de W. Somerset Maugham, tradução de Lígia Junqueira Smith — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.

W. SOMERSET MAUGHAM



AH KING

COLEÇÃO NOBEL

O autor ilustre destes contos teve ou imaginou que tivera, nas suas excursões pelo Extremo Oriente, um criado chinês de estranhas mas, em conjunto, preciosas qualidades. Chamava-se Ah King. Entendia magistralmente de todo o serviço doméstico, sorria sempre; não havia centratempo que o fizesse perder a calma nem situação de que se mostrasse aborrecido. Em contraposição com essas virtudes cada vez mais raras na classe, Ah King lavava-se na banheira e com as toalhas do amo; quando o devia acompanhar em alguma viagem, sumia-se mistericamente e só no último momento, com o trem já a largar, o navio já a levantar ferro, reaparecia com o ar mais natural deste mundo e respondendo à censura do patrão: "Tempo de sobra. Trem espera sempre." Era incorrigível mas, bem e a iludidos os prós e os contras, merecia o ordenado que definitivamente, o chinês, com grande surpresa do homem de letras, desatou a chorar. Tinha-se afeiçoado deveras ao patrão, sem absolutamente lh'o dar a entender. E foram as suas lágrimas que induziram Somerset Maugham o pôr o nome de Ah King na capa do presente livro.

O primeiro conto, *Péadas na floresta*, tem por assunto um crime de amor e de traição. Na Malásia, um homem chamado Cartwright, que trabalhava no comércio da borracha e, em razão duma crise dessa mercadoria, ficara sem emprego, foi generosamente acolhido por um plantador bastante rico. Indo ête, algum tempo depois, à cidade próxima, buscar dinheiro do banco para pagamento do pessoal, foi assassinado de noite, em plena floresta. A polícia empregou inutilmente todas as diligências que lhe pareciam possíveis. E o hóspede casou com a esposa do seu protetor. Mais tarde, vem a descobrir-se, casual mas evidentemente, que foi Cartwright o matador. Dadas, porém, as circunstâncias do crime e as condições dos novos esposos, esposos e cúmplices, a autoridade competente resolve fazer como se continuasse ignorando a natureza dos fatos — isso por várias razões, entre elas a de ter conhecido "números criminosos, a quem, em suma, não podia considerar piores do que as pessoas comuns."

Essa narrativa é deveras empolgante, como a intitulada *O saco de livros* — que envolve transparentemente um amor incestuoso — e, a bem dizer, todas as que formam o volume.

* * *

FABIOLA ou A IGREJA DAS CATACUMBAS, romance do Cardinal Wiseman, arcebispo de Westminster, tradução de Xavier Placer — Editora Ocidente — Rio de Janeiro, 1945.

WISEMAN



FABIOLA

Não traz esta edição notícia alguma ou simpls referência que oriente quando à individualidade do autor. Pela capa, dir-se-ia até que era um Wiseman... com qualquer de nós. Trata-se dum homem que, como prelado e escritor, altamente ilustrou os dois títulos. As enciclopédias assinalam com louvores nada comuns a sua vida e as suas obras.

Nicolau Patrício Estêvão Wiseman, de antiga família irlandêza, nasceu em Sevilha, no segundo ano do século passado. Educado na Inglaterra, num colégio católico, estudou depois teologia em Roma, onde se ordenou e foi, bastante moço ainda, professor de teologia. De volta a Ushaw, no condado de Durham, onde tinha feito os primeiros estudos, obteve a cadeira de literatura oriental do mesmo colégio de que fora aluno. Pelos seus esforços e diligências junto ao papa Pio IX, em seguimento aos que já empregara junto a Gregório XVI, conseguiu o restabelecimento completo da hierarquia católica na Inglaterra. Em 1850 foi feito arcebispo de Westminster e elevado ao cardinalato. A política romana tinha suscitado entre os protestantes ingleses uma corrente de ressentimento e hostilidade que exigia da parte do primaz da igreja católica, além dos dotes e recursos sapientes, um espírito de prudência, um tato diplomático dos mais apurados. Wiseman soube, com efeito, arredar, destruir ou ladear todas as dificuldades do seu caminho. Cercou-se de respeito e afeição. E, aproveitando o tempo como lhe reclamava a grande tendência laboriosa, veio a deixar alguns volumes de sermões e conferências, estudos importantes de história, linguística, arqueologia, e dois romances: *A luz do santuário* e *Fabiola ou A igreja das Catacumbas*.

O leitor desprevenido julgará encontrar no presente livro poderosa influência do famoso romance de Sienkiewicz, traduzido, por assim dizer, em todas as línguas e que na nossa conta numerosas versões. Ora, quando Wiseman morreu, aos sessenta anos, estava Sienkiewicz com menos de vinte e ainda longe da celebridade literária. Assim, pois, se uma das obras proviesse da outra, seria *Quo vadis?* que se teria inspirado em *Fabiola*. O cardeal Wiseman deu ao seu entretcho, como aos seus diálogos, intensa feição doutrinária. O escritor polonês seguiu mais de perto a documentação histórica; o autor de *Fabiola* cuidou principalmente de exaltar a fé cristã implantada e fortalecida pelo sacrifício das gerações. Duzentas anos depois de Nero e dos primeiros mártires, a perseguição a sacerdotes e fiéis da doutrina de Jesus oferecia os mesmos espetáculo, atroz: as denúncias e as prisões, os encarceramentos e as flagelações, o lançamento às feras. E' esfacelado por uma pantera que morre o herói principal desta história. E, por entre os cenários da Roma de então, que o autor reconstituiu com propriedade e segurança magistrais, toda aquela vida ressuscita nas suas sublimidades e nos seus horrores.

J. L.

* * *

NAÇÃO ARMADA — Recebemos o n. 68 de *Nação Armada*, correspondente a Julho de 1945. É uma edição especial com maior numero de paginas, dedicada à Força Expedicionaria Brasileira, e fartamente ilustrada.

* * *

A CHINA EM GUERRA — Recebemos um exemplar do discurso comemorativo proferido por Sua Excia. o Sr. Cheng Tien Koo, embaixador da China no Brasil, a propósito do 9.º ano de resistência chinesa contra o Japão.

* * *

GUIA DA CENTRAL DO BRASIL — Recebemos o N.º 2, correspondente a 1945, do "Guia da Central do Brasil" em boa hora editado pelo Serviço de Turismo e Publicidade da Central do Brasil.

A edição em apreço, de aspecto grafico tão bom quanto o anterior, em ótimo papel e fartamente ilustrado apresenta-se melhorado no texto e, por isso, tem maior utilidade que a anterior.

E' o "Guia" uma publicação que recomenda os seus organizadores.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, ao qual reanima dando-lhe nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino.

Encontra-se á venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Formula do Prof. AUSTREGESILIO

Remetemos, pelo reembolso postal — Cr\$ 25,00 o Vidro

Produtos Panvital — Rua da Estrela n. 6 — RIO DE JANEIRO

OS PERFUMES DE

ROGER & GALLET

PARIS - RIO

fleurs d'amour

EXTRATO - LOÇÃO - PÓ DE ARRÔS - BRILHANTINA.

pavots d'argent

PÓ DE ARRÔS - LOÇÃO - EXTRATO - BRILHANTINA.

vera violeta

LOÇÃO

anthea

PÓ DE ARRÔS CRAVO - HELIOTROPE - VIOLETA.

santal

PÓ DE ARRÔS

jean marie farina

AGUA DA COLONIA A GRANDE MARCA FRANCEZA

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.

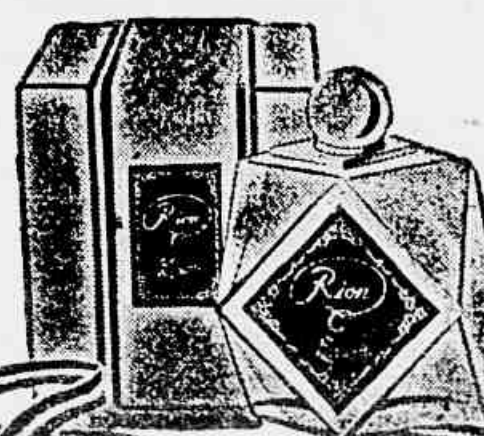


Duas peças em lã verde; dois pequenos e originalíssimos bolsinhos nas espáduas dão uma nota singular ao conjunto. Traje combinado em lã marron e turquesa, enfeitado com pespontos. Modelo em lã bege adornado com pespontos verdes. Vestido em duas peças de angorá azul-marinho.

PARA A HORA DO CHÁ

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05



MANHANITA A.

Materiais — 200 gr de lã branca, 20 gr da mesma lã cor de rosa, um jogo de agulhas de 3½ mm de diâmetro, e 70 cm de fita.

O trabalho é todo feito em ponto aberto, que se executa da seguinte maneira:

1.ª carreira — * Tece 3 p. do avesso, 2 p. juntos do direito, 3 p. do direito, 1 laçada, 1 p. direito, 1 laçada, 3 p. do direito, 2 p. juntos do direito. Repetir desde o sinal *.

2.ª carreira e todas as carreiras pares, se tece do avesso.
3.ª carreira — * 3 p. do avesso, 2 p. juntos do direito, 2 p. do direito, 1 laçada, 3 p. do direito, 1 laçada, 2 p. do direito, 2 p. juntos do direito. Repetir desde *.

5.ª carreira — 3 p. do direito, 2 p. juntos do direito, 1 p. do direito, 1 laçada, 5 p. do direito, 1 laçada, 1 p. do direito, 1 p. do direito, 2 p. juntos.

7.ª carreira — * 3 p. do avesso, 2 p. juntos do direito, 1 laçada, 7 p. do direito, 1 laçada, 2 p. juntos do direito. Repetir desde *.

9.ª carreira — 1 p. do direito, * 1 laçada, 1 p. do direito, 1 laçada, 3 p. do direito, 2 p. juntos do direito, 3 p. do avesso, 2 p. juntos do direito, 3 p. do direito. Repetir desde o sinal *.

11.ª carreira — 1 p. do direito, * 1 laçada, 3 p. do direito, 1 laçada, 2 p. do direito, 2 p. juntos do direito, 3 p. do avesso, 2 p. juntos do direito, 2 p. do direito. Repetir desde o sinal *.

13.ª carreira — 1 p. do direito, * 1 laçada, 5 p. do direito, 1 laçada, 1 p. do direito, 2 p. juntos do direito, 3 p. do avesso, 2 p. juntos do direito, 1 p. do direito. Repetir *.

15.ª carreira — * 1 laçada, 7 p. do direito, 1 laçada, 2 p.

juntos do direito, 3 p. do avesso, 2 p. juntos do direito. Repetir * tecendo sempre estas 15 carreiras.

Um dos lados da frente — Montar sobre as agulhas 42 p. e tecer aumentando para a esquerda (lado esquerdo) 2 p. cada 2 carreiras até ter 70 p., tecer 30 cm retos, a esta altura se aumenta para a direita: 3 vezes 1 p. em todas as 2.ªs carreiras para formar o decote. Continuar o trabalho reto até que meça 47 cm. Deixar este lado suspenso e começar a outra frente (direita).

Unir as duas frentes e montar entre elas, para o decote das costas, 40 p. sobre as agulhas (16 cm). Continuar o tecido reto até que a manhinha meça 71 cm, diminuindo os p. na mesma proporção que se aumentou nas frentes. Continuar o tecido reto até medir 92 cm no total, e fechar todos os pontos.

Gola — Montar sobre as agulhas uma quantidade de p. equivalentes à medida do decote e tecer 12 cm em p. Santa Clara, que se trabalha sempre do direito, diminuindo 1 p. em todas as 2.ªs carreiras: de cada extremo para formar as pontas da gola arredondadas.

Fechar os p. Depois de passada com ferro regular, sobre um pano úmido, faz-se um picot de crochet ao redor das frentes em baixo, gola e mangas.

SEU TRICOT



O ingrediente de valor inestimável

VIVIA na Cidade de Bagdad o Sábio Hakim, e muitas pessoas pediam-lhe conselhos, que êle dava graciosamente a todos, nada pedindo em troca.

Certa vez, chegou à sua presença um jovem que recebera pouco pelo muito que havia gasto, e disse-lhe: "Dizei-me, ó Sábio, que devo fazer para receber o máximo por aquilo que dispendo?"

Hakim respondeu-lhe: "Uma coisa

que é comprada ou vendida, não tem valor senão quando contém aquilo que não pode ser comprado ou vendido. Procure pelo Ingrediente de Valor Inestimável."

"Mas, que é êsse Ingrediente de Valor Inestimável?" perguntou o jovem.

Falou então, o Sábio: "Meu filho, o Ingrediente de Valor Inestimável de todo produto no mercado, é a Honra e a Integridade do seu fabricante. Reflita sobre seu nome antes de comprar."

E·R·SQUIBB & SONS

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS DESDE 1858

Há mais de 85 anos a Casa Squibb vem trabalhando em íntima cooperação com a classe médica no preparo de produtos medicinais destinados a aliviar a dor, a combater ou aliviar a infecção e a prevenir a morte prematura. Em milhões de lares o Sêlo da Casa Squibb é um símbolo de confiança, identificando produtos de mérito positivo.



Mesa da Embaixada do Peru



Sra. Euridice Bianchi ao lado do príncipe Gortoriski

Noites de elegancia e arte no Posto Seis

A "boite" do Posto Seis, que é um dos poucos sítios onde a melhor sociedade patricia se diverte, continua em seu louvável propósito de brindar seus requintados frequentadores com espetáculos à altura de seu bom gosto.

Por isso é que o acolhedor e simpático "grill" está sempre à cunha. Por isso é porque ali as ceras são raras e deliciosas; o ambiente agradável e fino; a frequência seleta; e também porque ali as reuniões transcorrem num clima de espiritualizada intimidade que agrada às pessoas de escolhido convívio.

"As Grandes Amoras", "O Milagre das Lanternas" e "Fantasia Chinesa" são qua-

dros do "show" em cena responsáveis também pelas enchentes ultimamente verificadas naquele "music-hall" fidalgo. Entretanto, apesar da beleza desses quadros, o ponto alto do espetáculo é sem dúvida a figura juvenil e magnética de Gloria Warren, primavera "estrela" norte-americana que o Rio todo admirou quando da passagem pelas telas dos nossos cinemas de seu primeiro filme e grande sucesso, "Sempre em meu coração".

Os aspectos que ilustram esta notícia, colhidos pelo nosso fotógrafo, fixam algumas das figuras de nossa sociedade que ali foram afim de esporecer o espírito com os momentos de arte oferecidos pela direção artística daquele sugestivo e atraente "night-club".

Mesa do dr. Jaime Leonel





Agua de Colonia Legítima Rion

Fabricada com finíssimos e selecionados oleos essenciais, a Colonia Rion tem o perfume classico: florido aromatico e refrescante, por todos desejado.

1/8 — 1/4 — 1/2 — 1/1
A VENDA EM TODAS AS BÔAS CASAS

LABORATÓRIO RION

RUA CAMERINO, 100 — RIO DE JANEIRO — BRASIL

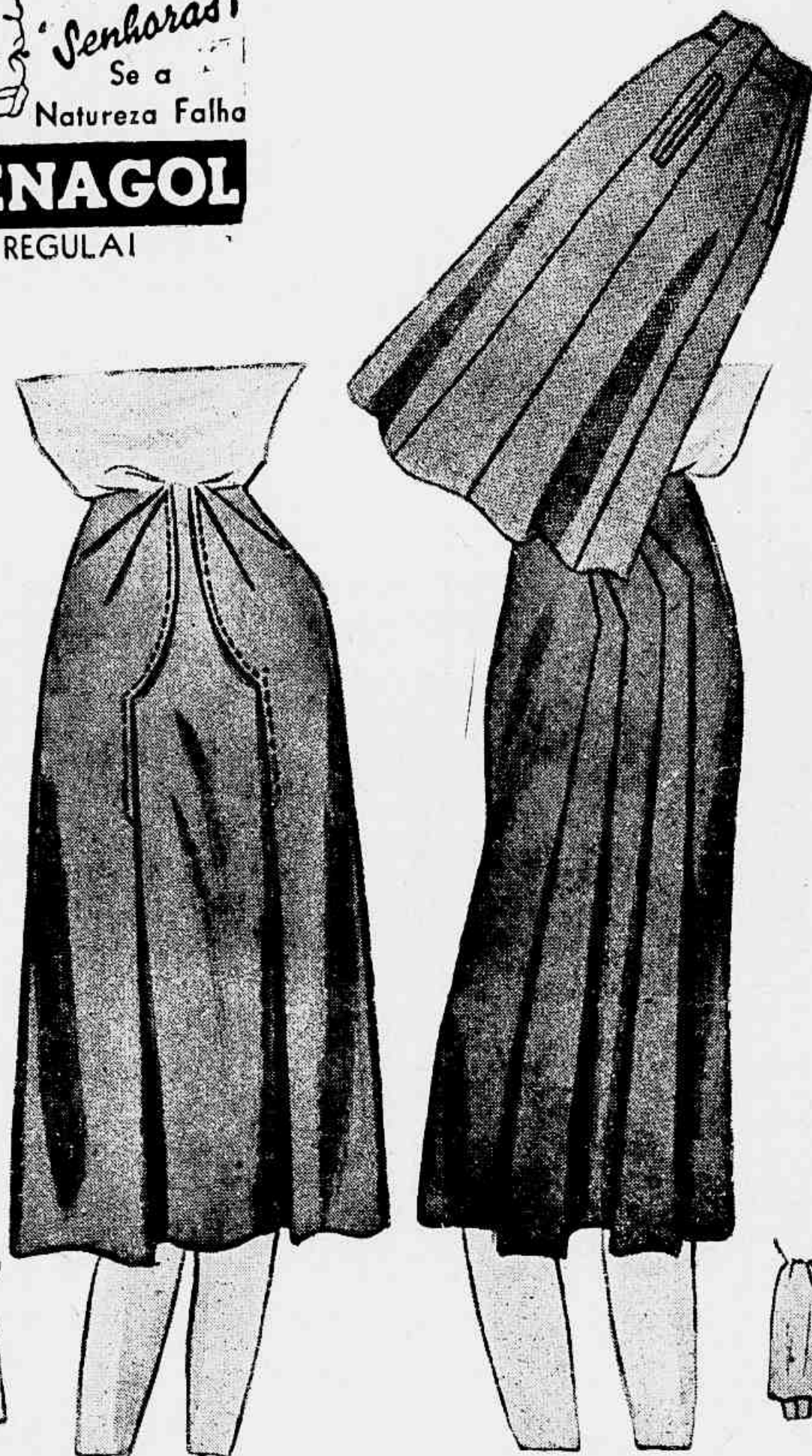
CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

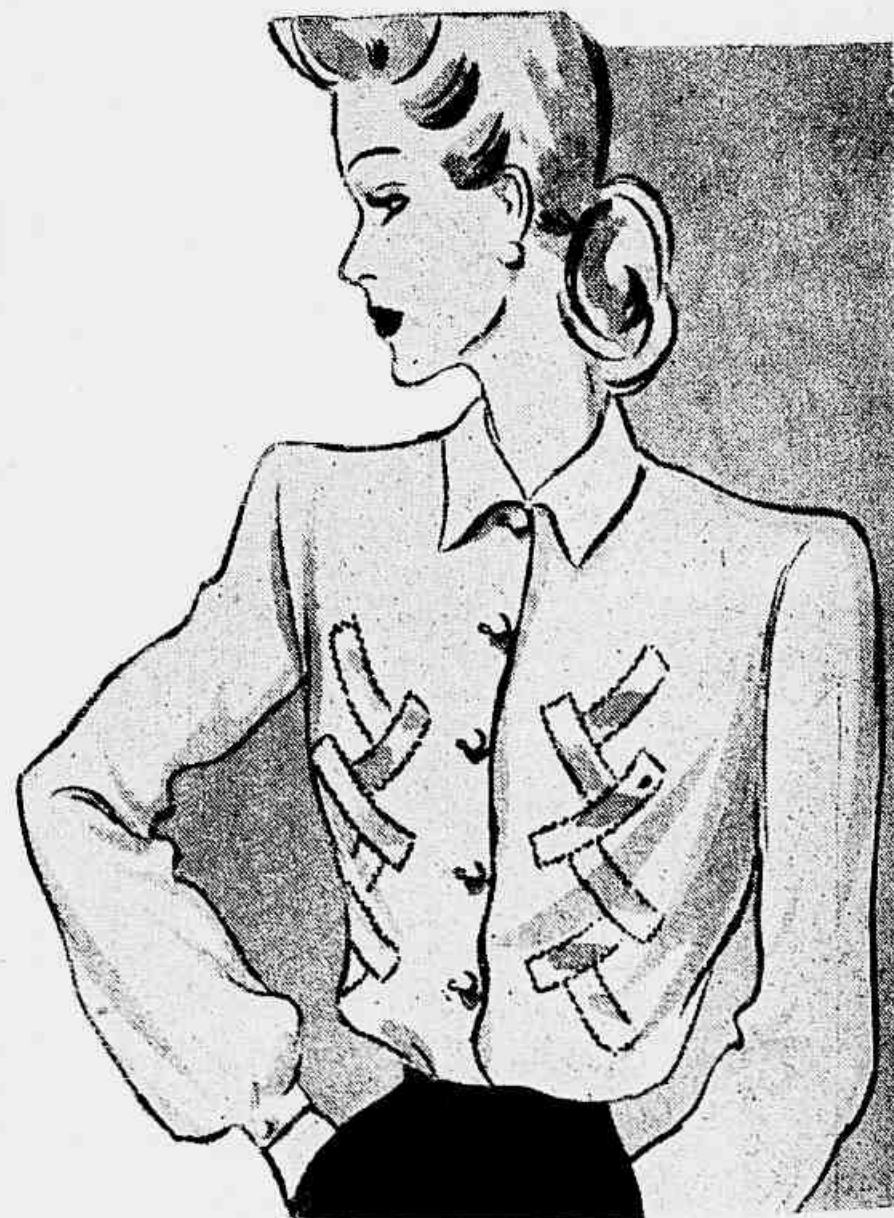
REGULA!

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Muns, Campos
BRANQUETA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



COMPANHEIRAS INSEPARAVEIS

A saia e a blusa são inseparáveis como dois namorados que se adoram. E no entanto, como dois namorados que brigam, muitas vezes uma e outra estão em tristíssima desarmonia: quando as cores não se harmonizam, quando os tecidos não se adaptam ou quando os gêneros não se enquadram. Por exemplo: uma saia cujo fecho é talhado em grande estilo, jamais poderá adaptar-se a uma blusa leve, de gênero esportivo. Uma blusa rendada ou lavrada em finíssimo bordado, também não pode juntar-se a uma saia de gênero esportivo sem que o bom gosto seja ofendido. Usemo-las, a saia e a blusa, mas tenhamos cuidado para que elas não "briguem"...



OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS ME-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 23

Joaquim

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

O primeiro sabonete do bebê

deve ser o primeiro em Pureza e Qualidade

A delicada pele da criança exige todo o cuidado na escolha de um sabonete isento de substâncias nocivas. Prefira, por isso, o Sabonete de Reuter, consagrado, há meio século, por uma sólida reputação de pureza e de qualidade. Também no seu banho, o Sabonete de Reuter vale como um verdadeiro tratamento de beleza da cutis.



I-A

SR-1

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feito quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se apertelham dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Como Simpson Roubou as Joias...

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 23)

ravelmente abalada. Afinal, depois de alguma hesitação, ele se prontificou a fazer o "serviço".

— Quando?

— Amanhã à noite. Nós colocamos um cúmplice como criado e ele desenhou um mapa da casa. Todos terão saído amanhã, inclusive o criado. Você poderá agir sozinho. Tem que procurar o cofre que está colocado debaixo de uma das camas.

— Bem.

— Não se esqueça: debaixo de uma das camas.

★

Foi justamente quando ele entrou no quarto que percebeu que havia alguém dormindo na cama. Entretanto tinha-lhe avisado o cúmplice que estaria só. Como acontecera aquilo? Aproximou-se. Uma menina de cabelos louros estava dormindo placidamente. Harry conteve um suspiro, mas fazendo um esforço olhou debaixo da cama. O cofre estava de fato

escondido ali. Quando ele se abaixou, sentiu subitamente o contacto macio de uma mão na sua cabeça. A luz subitamente inundou o quarto todo e a menina falou:

— O senhor é um ladrão?

Harry estremeceu. Mas, imediatamente, o seu instinto dramático prevaleceu e ele pôs-se a chorar: — Ah! — murmurou num vasto suspiro.

A menina perguntou:

— Não é um ladrão?

— Eu estava com fome... Há muito tempo que não como.

A resposta lógica seria: "que comida procura num quarto de dormir?". Mas a menina ao que parecia tinha aceitado como natural a situação.

— Coitado! E' órfão?

— Sim... Minha mãezinha morreu quando eu era pequenino...

— Transviado para as sendas do crime, conservou contudo um coração de ouro. Posso senti-lo.

Harry quase chorou com aquela tirada sentimental.

— Oh, sim! Eu seria incapaz de maltratar uma menina tão linda. Sou um ladrão cavalheiresco.

— Oh! Como Raffles!

— Exatamente como Raffles.

— Um ladrão romântico.

— Sim. Mas você deve deixar de roubar...

— A fome...

— Pobre coitado! Eu havia esquecido.

— Não se preocupe.

— Mas devo tratar de sua regeneração. E alimentá-lo.

Harry estava no sétimo céu.

— Lá em baixo, na cozinha, deve haver comida.

— Sim...

A menina teve um sorriso encantador:

— Não faça cerimônia. Meus pais não estão. Foram viajar, mas eu fiquei...

— Foi o destino que me fez encontrá-la.

— Sim...

— Oh!

Novo suspiro. A menina insistiu:

— Vá. Coma. Não faça cerimônia. E depois venha falar comigo.

Ele ia sair, com novo "ah!", quando ela exclamou:

— Esperel

Ele estacou:

— Venha cá — disse ela.

Aproximando-se, ele verificou que ela abrira o cofre e retirara dois colares de diamantes de dentro dele.

— Tome! — disse ela. — Para provar que confio no senhor.

Ele estremeceu.

— Mas...

À BUSCA DA FELICIDADE

Que é todo o esforço da vida humana sendo uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregésilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito. Benal encontra-se em todas as Droguarias e farmácias.

VARIZES

EM SENHORAS

E HEMORRÓIDAS EM GERAL

NOVO TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para tratamento, com ótimos resultados, de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação na dose de três colheres das de chá ao dia, em água açucarada, restitui às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorroidários internos e externos, inclusive os que sangram. Use a pomada no local e beba juntamente o líquido, para debelar tanto varizes como hemorróidas! Não encontrando nas farmácias e drogarias, peça diretamente ao depositário: Caixa Postal, 1874 — São Paulo.

EVITE ISTO!



PETTINATI



SOC. INDUSTRIAL DE CARNES

S. I. C. LTDA.

NEGÓCIO DE GADO EM GERAL

Escritório:

AV. NILO PEÇANHA, N.º 26 - 12.º And. - Sala 1.208

Telefone 42-5677 — RIO DE JANEIRO

ENTREPOSTO SÃO DIOGO

Telefone 43-9129 - RIO DE JANEIRO

— Pegue-lhe. Prove que está regenerando, trazendo esses colares de volta depois de ter se alimentado.

Harry enxugou umas lágrimas de comoção e tomou as joias. Ela apagou a luz e disse:

— Ficarei aqui, assim, no escuro esperando...

Ele abriu lentamente a porta e... descobriu de pé, do outro lado, dois policiais, agentes da Scotland Yard.

★

— Foi o único meio de prendê-lo — disse O'Leary.

— Como arranjou tudo?

— Paguei um dos ladrões do "bas-fond" para dar a ele a notícia de que aquela casa podia ser roubada. Depois contratei uma menina muito conhecida para desempenhar o papel difícil e sentimental... Só assim conseguimos pegar Harry... pelo coração.

— Quem é a menina?

Sem responder, O'Leary tirou do bolso

um recorte de jornal e mostrou-o ao chefe: "Hoje e todas as noites", dizia o recorte. "Annie Laurie no comovente drama de P. Laidley Harris: 'A Menina dos Cabelos Dourados'".

O chefe sorriu.

— Onde está Harry agora?

— Na prisão, esperando processo.

— E como vai ele?

— Ao que parece tornou a regenerar-se por obra da menina. Ele só vai saber que é ela quem o acusa no dia do processo...

Enquanto isso Harry pensava, na sua cela, com um suspiro: "Ah, eu só queria ter uma filha assim... Cabelos dourados... olhos azuis"...

E, comovido, enxugou uma lágrima.

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto? O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAUDE.

KOLYNOS ILUMINA O SEU SORRISO...



PORQUE
DA SAÚDE
À BOCA!

Um sorriso saudavel é o resultado da saúde geral do organismo. Um centímetro de Kolynos na escova seca lhe proporciona este sorriso, não somente porque limpa os dentes, mas porque combate a proliferação das bactérias que provocam muitas molestias infecciosas. A concentração de Kolynos e a ausencia de agua na sua composição o tornam um germicida poderoso e de efeito mais duradouro.

E... como é agradável usar Kolynos! A sua espuma benéfica atinge todos os recantos da boca, as gengivas e a garganta, levando a todo o aparelho bucal uma sensação de frescor que comprova a ação total de Kolynos.

Não é em vão que mais dentistas e mais familias usam e recomendam este creme dental realmente benéfico, que custa muito menos porque rende muito mais.



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ILUMINE seu sorriso
usando o CREME
DENTAL
ANTISSÉTICO!

★ Ouça na Rádio Nacional, às 2.ªs feiras
às 21,35 o Rádio Almanaque Kolynos.

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

O CUÇO

Continuação da pág. 35.

temos". Voltámos. "Vejam, disse eu, é fácil encontrar novamente o lugar. É o ponto onde a cerca forma uma reentrância". Nenhum dos criados se lembrava de ter visto o lugar que eu descrevia. Seguimos novamente a cerca; ela era reta em toda a sua extensão.

Lord Tullock fez uma pausa. Lá fora a neve continuava a cair. Ouvia-se somente o ruído do fio de seda na talagarça e o crepitar do fogo.

— O senhor tinha tido uma alucinação? — perguntei.

O general virou a cabeça para mim mas não disse nada.

— Pensei isso durante muito tempo — disse Lord Tullock — porquanto interroguei em vão a polícia, os transeuntes, os vizinhos. Nenhum crime tinha sido cometido aquela noite na estrada de Tullock; nenhum acidente ocorrera... Passaram-se quatro anos e eu já havia admitido que, naquela noite, um curto momento de loucura perturbara meus sentidos, quando recebi de um de nossos amigos, um arqueólogo, uma carta que me deu muito prazer: "Caro Lord Tullock, me dizia ele. Esta manhã, no curso das pesquisas que empreendi no Museu Britânico, descobri um fato curioso, que está evidentemente relacionado com uma estranha história que o senhor me tinha contado em sua casa durante um fim de semana. Tendo que examinar velhos jornais de seu condado, li que no dia 24 de dezembro de 1820, a seiscentas jardas de Tullock Castle, Sir John Lacy, gentilhomen católico que se dirigia sozinho à missa de meia noite, fôra assaltado por salteadores de estrada. Esses malfetores estavam escondidos para esperar os transeuntes atrás da cerca que naquele tempo fazia, a intervalos, um ângulo reentrante. Foi lá, também, que eles esconderam o corpo, depois de ter roubado sua vítima. Depois dêsse caso, o Lord Lieutenant do condado ordenou a supressão daqueles ângulos. Foi desde esse tempo que a cerca que limita a estrada é reta."

— Queria que o senhor visse a alegria de Edward quando me leu a carta — disse Lady Tullock.

— Isso se compreende — disse gravemente o general.

— Sim — disse Mrs. Bramble com simpatia — isso se compreende.

Olhemos, todos, com espanto.

— Por que? — disse. — Os senhores acreditam que o morto voltará lá para o centenário de seu assassinato?

— O senhor não crê? — perguntou Lord Tullock inquieto.

O general e Mrs. Bramble me contemplaram com ar tão reprovador que eu me calei. Então pensei que sem dúvida as histórias de animais que lavam e as refeições de fantasmas encontravam abrigo seguro naquelas almas acolhedoras. Levantei-me e pedi permissão para me deitar. No meu quarto havia um grande fogo de pinheiro. O ar estava carregado de uma névoa transparente. Adivinhava-se lá fora, sobre as janelas, o algodão mole da neve. Quando apaguei minha vela, somente as chamas animavam o nevoeiro tépido e luminoso. Eu sentia tanto calor que não podia dormir. Pensava em estranhas histórias. Breve, no quarto vizinho, um cuço soou meia noite. Estava fatigado, um pouco nervoso, mas ao mes-

mo tempo parecia-me agradável aquela insônia: era assim como se uma presença misteriosa tivesse trazido ao meu quarto um ar de intimidade e ternura. Ouvi o cuço soar tôdas as horas até a aurora, até a alvorada, quando enfim adormeci.

Quando desci no dia seguinte de manhã, para o "breakfast", um pouco atrasado, Mrs. Bramble, que já estava à mesa carregada de "haddock", "porridge" e marmelada, na grande sala de jantar com painéis de carvalho, perguntou-me como eu passara a noite.

— Para ser completamente franco, dormi pouco. Mas isso não foi desagradável e o cuço me fez companhia.

— Como! — disse o general. — O senhor ouviu um cuço? Você compreendeu, Edith? — disse ele voltando-se para a mulher.

— Mas... sim — disse eu, surpreendido com o tom com que ele pronunciara aquela frase, a mais longa que eu já ouvi

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

sair de sua boca. Então notei que Mrs. Bramble me olhava com atenção como vida e de olhos cheios de lágrimas.

— Devo explicar-lhe — disse ela. — No quarto vizinho ao seu há, com efeito, um cuço. Minha filha, que o ganhara de presente quando era menina, continuava a estimá-lo muito e dava-lhe corda, ela mesma, tôdas as noites. Depois da morte de nossa querida ninguém tocou mais no seu cuço, ninguém mais tocará nele, de sorte que nós o acreditávamos silencioso para sempre; mas ontem à noite, compreende, ontem à noite era noite de Natal...

PARA O SEU BEBÉ!

TALCO
Lady

★ REFRESCANTE
★ BÓRICO
★ PERFUMADO

À VENDA EM TODO O BRASIL



(Hollywood, agosto — Correspondência de LUIS SERRANO) — Ao lado uma foto em que aparece Jimmy Durante junto de nosso correspondente Luiz Serrano. Ao alto Gleen Ford, de regresso da guerra. Gleen volta ao lar feliz, após cumprir o seu dever de soldado americano. Ele é agora outra vez um grande "astro" e um exemplar chefe de família. Em baixo, fotografia distribuída com a seguinte legenda: "Carmem Miranda, famosa atriz da 20th. Century-Fox, foi distinguida por altas patentes brasileiras com um "lunch" realizado em sua honra nos estúdios M. G. M. Na foto, a "estrêla" ladeada pelo major brigadeiro Armando Trompowsky e coronel Henrique Fleuiuss, da Fôrça Aérea Brasileira.





Ao alto, à esquerda: Ingrid Bergman aparece ao lado de Henry Travers, que adaga o cachorrinho "Corky". Esta é uma passagem do filme "Os Sinos de Santa Maria", da R. K. O., onde Ingrid figura como freira e que tem como galã Bing Crosby. Ao alto, à direita: Ingrid e Gregory Peck, numa passagem da película da United Artists "Quando Fala um Coração". Em baixo, à esquerda: Maureen O'Hara, da R. K. O., e, à direita, Jinx Falkenburg, da Columbia, em fotos enviadas de Hollywood por nosso correspondente Luiz Serrano.



Carinhosamente para
"Revista Na Semana"

A Revista
Carinhosamente
Luiz Serrano

A experiencia do dr. Heidegger

(Continuação da pág. 33)

perguntar se um rosto enrugado de velha poderia rejuvenescer alguma vez!

— Olhai! — respondeu o dr. Heidegger.

Descobriu a ânfora e atirou à água a rosa seca. A princípio manteve-se a flôr na superfície, sem absorver qualquer umidade, pelo visto. Depressa, porém, se pôde notar uma transformação singular. As enrugadas e secas pétalas agitaram-se, tomando um colorido vermelho vivo, como se a flôr despertasse dalgum sono letárgico; o esbelto talhe e o conjunto de fôlhas tomaram tonalidades verdes; e por fim a rosa de meio século atrás apareceu tão louça e fresca como quando Silvia Ward a obsequiou ao seu noivo. Apenas luzia completamente aberta, pois algumas de suas delicadas pétalas encarnadas apertavam-se ainda

modestamente sobre seu úmido ovário, onde brilhavam duas ou três gotas de rocío.

— E' naturalmente uma linda ilusão de ótica — disseram descuidadamente os amigos do doutor, pois tinham presenciado maiores milagres em espetáculos de prestidigitação —; fazei o favor de mostrar-nos como se faz.

— Já ouvistes falar da **Fonte da Juventude**? — perguntou o dr. Heidegger. — Aquela que Ponce de León, o aventureiro espanhol, foi buscar, haverá umas duas ou três centúrias?

— Mas, encontrou-a afinal Ponce de León? — perguntou a viúva Wycherly.

— Não — respondeu o dr. Heidegger —, porque nunca a buscou em seu verdadeiro lugar. A Fonte da Juventude, se estou bem informado, encontra-se situada na parte meridional da península da Flórida, não muito longe do lago dos Macacos. Seu manancial está sombreado por diversas magnólias gigantescas, que mesmo contando inumeráveis

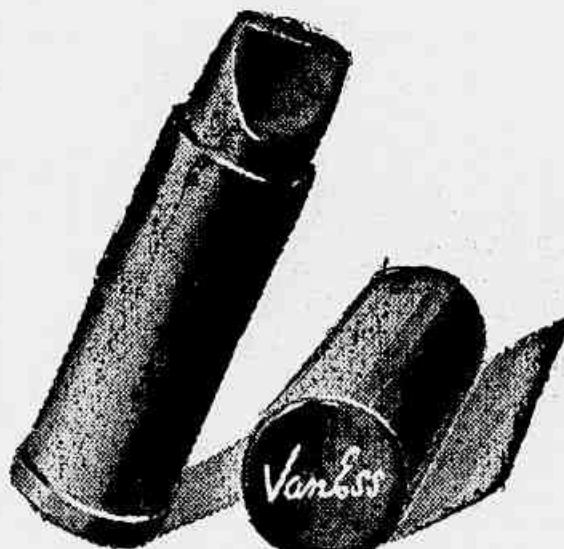


**Apresentar-se... deslumbrar...
e triunfar!
Ventura só reservada
à mulher que sabe usar...**

Uma requintada gama de tonalidades da última moda, realçadas por uma base exclusiva de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

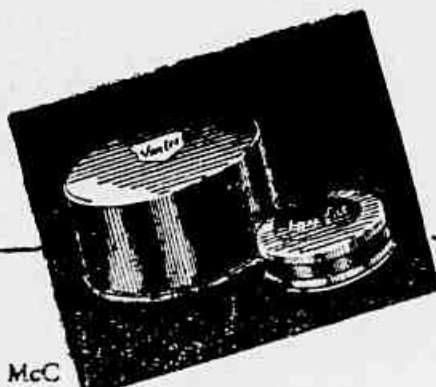
Baton para os lábios

Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!



McC

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.

ANEL "ZODIACO"
A Oitava Maravilha
Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês de seu nascimento. Um presente INESQUECÍVEL, feito de prata fina com OURO 18K., e também todo de OURO 18K. com os signos de platina. Mande dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo, e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio, pelo sistema de Reembolso Postal. Peçam catálogos grátis desta joia maravilhosa. Fábr. de Joias "AZTECA", Rua Regente Feijó, 18, Rio de Janeiro.

STANDARD
CR\$ 100

FEDERAL
CR\$ 160

INCA
CR\$ 260

AMERICA
CR\$ 135

CAPITAL
CR\$ 210

BRASIL
CR\$ 280

séculos se conservam tão frescas como violentas, pela virtude desta água maravilhosa. Um amigo meu, conhecendo minha devoção a esta classe de estudos, enviou-me a que vêdes naquele jarro.

— Cáspite! — murmurou o coronel Killigrew, que não acreditava uma palavra de história do doutor —; e, qual seria o efeito d'este líquido na natureza humana?

— Podereis avaliá-lo por vós mesmo, meu caro coronel — replicou o dr. Heidegger —, e todos vós, meus respeitáveis amigos, sois bem vindos para tomar d'este líquido maravilhoso a quantidade necessária para vos devolver o brilho da juventude. Por minha parte, já tive tantos desgostos antes de envelhecer, que não tenho pressa de tornar-me jovem outra vez. Com vossa licença, observarei apenas o desenrolar da experiência.

Enquanto falava enchia o dr. Heidegger as quatro taças de champanha com a água da Fonte da Juventude. Parecia impregnada de qualquer gás efervescente, porque continuamente subiam pequenas borbulhas do fundo dos copos e rebentavam em prateado rocío na superfície. Como o líquido exalava agradável perfume, os velhos personagens não vacilaram em acreditar que possuiria propriedades cordiais e reconfortantes, e, embora céticos quanto ao seu poder rejuvenescedor, sentiam-se inclinados a bebê-lo imediatamente. Porém o dr. Heidegger deteve-se por um momento.

— Antes de beberdes, meus respeitáveis e velhos amigos — disse —, seria conveniente que, com a experiência que adquiristes durante vossa vida, adotásseis algumas regras gerais de conduta ao defrontar pela segunda vez os perigos da juventude. Analisai que seria um crime e uma vergonha se, com as vantagens especiais de que ides desfrutar, não fôsseis modelos de virtude e sabedoria para todos os jovens de vossa idade!

Os quatro veneráveis amigos do doutor, apenas responderam com uma débil e trêmula gargalhada; tão ridícula lhes pareceu a idéia de que, conhecendo quão de perto segue o arrependimento as sombras do erro, tivessem de extraviar-se novamente.

— Bebei então — disse o doutor inclinando-se. — Regozijo-me de ter escolhido com tanto acerto os sujeitos para minha experiência.

Com mãos trêmulas levantaram as taças até seus lábios. Se o licor possuía em realidade as virtudes que lhe atribuía o dr. Heidegger, não poderia empregar-se em quatro seres humanos o que necessitassem mais precariamente.

Parecia que nunca houvessem possuído juventude nem prazeres, que tivessem sido um produto anormal da natureza, sempre as mesmas criaturas cinzentas, decrépitas e sem viço, que se encontravam em redor da mesa do doutor, tão hirtas de corpo e alma que nem sequer sentiam entusiasmo ante a idéia de rejuvenescer. Beberam a água e colocaram de novo os copos sobre a mesa.

Indubitavelmente pôde notar-se imediatamente certa animação no aspecto dos convidados; algo assim como o efeito produzido por um copo de vinho generoso, com um resplendor de claridade repentina que irradiava nos quatro rostos ao mesmo tempo. Apareceu um rubor de saúde em suas faces, substituindo a palidez terrosa que os fazia assemelharem-se a um cadáver. Entreolharam-se, imaginando

Casa Mesquita



Assistência técnica do ilustre cirurgião ortopedista doutor **Vivaldo Lima Filho**, chefe do Serviço de Ortopedia e Traumatologia do Hospital da Cruz Vermelha Brasileira; membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões; ortopedista do Hospital de Pronto Socorro, da Assistência Municipal.



18 - RUA VISCONDE DO RIO BRANCO
TEL. 42-2970

Especialista em
FUNDAS ELÁSTICAS
FUNDAS DE MOLAS
MEIAS ELÁSTICAS
MEMBROS ARTIFICIAIS
CINTAS ABDOMINAIS
CADEIRAS COM RODAS PNEUMÁTICAS PARA DOENTES; USO DOMICILIAR E URBANO

que algum mágico poder principiava a apagar a profunda e triste sombra que o Tempo tinha deixado de há muito em seus semblantes. A viúva Wycherly ajeitou seu capote, quase sentindo-se de novo mulher.

— Dai-nos mais um pouco desta água maravilhosa! — exclamaram ansiosamente. — Começamos a rejuvenescer, mas estamos ainda muito velhos. Depressa, dai-nos mais um pouco!

— Calma, calma! — disse o dr. Heidegger que, sentado, observava os efeitos do experimento com filosófica frieza. — Levastes muito tempo para envelhecer. Não

duvido de que vos alegrareis em rejuvenescer numa hora. Não obstante, a água está à vossa disposição!

Encheu as taças novamente com o licor da juventude, do qual restava o bastante no recipiente para tornar tão jovens como seus netos à metade dos velhos da cidade. Enquanto estalavam ainda as borbulhas na borda, os quatro convidados do doutor apoderaram-se dos copos e beberam o conteúdo de um único sôro. Seria ilusão? Mal tinha acabado de passar o líquido por suas gargantas quando pareceu apresentar-se uma transformação em tôdas as suas naturezas. Seus olhos tornaram-se claros e brilhantes; uma sombra escura se espalhou por seus prateados cabelos; e encontraram-se reunidos em tórno da mesa do dr. Heidegger três cavalheiros de meia idade e uma dama saída apenas da primeira juventude.

— Minha querida viúva, estais encantadora! — exclamou o coronel Killigrew, que havia conservado o olhar fixo no rosto da senhora, enquanto os vestígios da idade se desvaneciam como a escuridão ante a aurora de um novo dia.

A formosa viúva sabia de longo tempo atrás que os elogios do coronel nem sempre se baseavam na estrita verdade; assim, pulando de seu assento abalçou-se ao espelho, temendo ainda que seu olhar deparasse com o feio rosto de uma mulher de idade. Entretanto os três cavalheiros se comportavam de maneira tal que dava lugar a julgar que a água da Fonte da Juventude possuía certas qualidades espirituosas; a menos que a exaltação de suas idéias fôsse simplesmente o alegre desvanecimento produzido pela súbita desapareição do peso dos anos. A imaginação do sr. Gascoigne parecia encaminhar-se a temas políticos; mas não era fácil determinar-se se suas lucubrações se refeririam ao passado, ao presente ou ao futuro, pois que as mesmas idéias e idênticas frases haviam estado em voga durante os últimos cinquenta anos. Já enunciava a plena voz proposições sobre o patriotismo, a glória nacional e os direitos do povo; já mussitava alguns planos atrevidos em receoso e tímido murmúrio, tão cautelosamente que nem sequer sua própria consciência chegaria a apoderar-se do segredo; ou se expressava de novo com acento mansueto e docta entonação de orador, como se seus ouvidos reais escutassem os bem arredondados períodos de sua arenga. O coronel Killigrew entorva ao mesmo

tempo uma alegre canção báquica, tamborilando em seu copo o compasso do côro, enquanto seus olhos vagavam sobre o risonho semblante da viúva Wycherly. Do outro lado da mesa o sr. Medbourne mergulha em profundos cálculos de dólares e centimos, que diziam respeito particularmente a um projeto destinado ao suprimento de gelo às Índias Orientais ou do aprestamento de baleias para transporte aos icebergues polares.

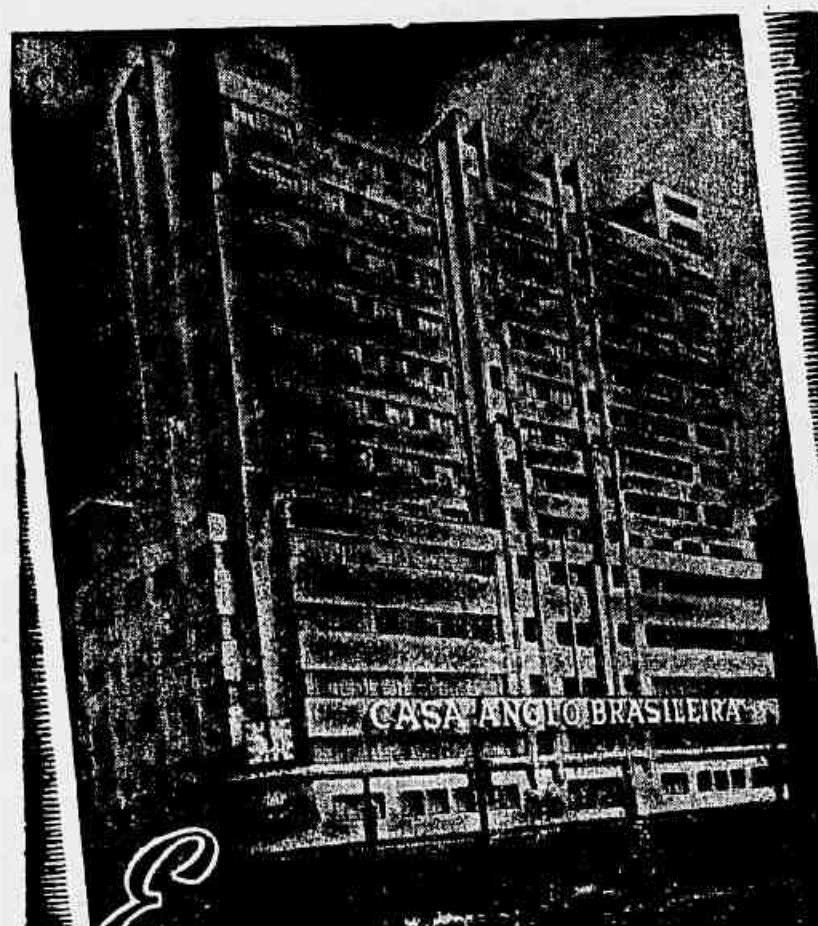
Quanto à viúva Wycherly, permanecia em frente ao espelho fazendo macaquices e cortesias à sua própria imagem e saudando-a como ao amigo mais amado que existisse no mundo para ela. Acercou seu rosto muito perto do espelho para observar se os pés de galinha e as importunas rugas marcadas muito tempo antes haviam desaparecido realmente. Examinou se a neve dos seus cabelos se tinha fundido por completo e se poderia botar para trás seu capuz com inteira segurança. Por fim, voltando-se alegremente, avançou até à mesa numa espécie de passo de baile.

— Meu velho e querido doutor! — exclamou —, por favor, brindai-me outro copo!

— Naturalmente, minha querida amiga, naturalmente! — replicou o complacente doutor. — Vêde! Já tinha os copos cheios.

Com efeito, os quatro copos apareciam cheios até à borda daquela água maravilhosa, cujo delicado rocio efervescente na superfície, semelhava o trêmulo cintilar de diamantes. Estava já tão próximo o ocaso que a sala se encontrava mais sombria que nunca; mas um resplendor suave, análogo ao da lua, emanava da ânfora, repousando igualmente sobre os quatro convidados e sobre a figura venerável do médico. Sentou-se este numa poltrona de roble, de espaldar alto e primorosamente entalhado, com tal ar de antiga majestade que teria podido caracterizar o Tempo, cujo poder jamais havia sido discutido, salvo por esta afortunada tertúlia. Apesar de beberem ansiosamente naquele momento o terceiro copo do licor da Fonte da Juventude, sentiram-se quase atemorizados pela misteriosa expressão da fisionomia do dr. Heidegger.

Mas depressa a alegre efusão da juventude se espalhou por suas veias. Achavam-se agora na ditosa adolescência. Recordavam a velhice, com seu miserável séquito de preocupações, sofrimentos e enfermidades, apenas como



Em São Paulo...

e sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14-Fone: 4-0394 -- São Paulo

um sonho desagradável de que acabavam de despertar alegremente. O frescor da alma, perdido tão cedo, e sem o qual as sucessivas épocas da vida eram somente uma coleção de quadros descoloridos, emprestava outra vez seu encanto ao porvir. Sentiram-se como seres novos criados num universo novo.

— Somo jovens! Somos jovens! — exclamavam em seu êxtase.

A juventude, da mesma forma que a velhice, apagava os caracteres fortemente vinculados da meia idade e assimilava mutuamente a todos aqueles personagens. Era um grupo de rapazes alegres, quase enlouquecidos pelo regozijo exuberante de seus tenros anos. O efeito mais singular de sua alegria era o impulso de zombar das enfermidades e da decrepitude de que tinham sido vítimas até poucos instantes. Riam loucamente de seu extravagante atavio, das jaquetas de amplas abas e dos coletes flutuantes dos jovens, bem como do capuz e vestimenta exótica da deslumbrante senhora. Um deles pôs-se a coxear

em volta da sala como um avô gótico; outro colocou em seu nariz um par de óculos, pretendendo decifrar as góticas páginas do livro de magia; o terceiro tomou assento numa grande poltrona de braços e procurava imitar a venerável dignidade do dr. Heidegger. Todos exultavam, saltando em volta do cômodo. A viúva Wycherly (se uma moça bonita e tão fresca podia chamar-se viúva) aproximou-se dançando agilmente da cadeira do doutor, com o ruborizado rosto brilhando de maliciosa alegria.

— Doutor, velho e querido coração, levantai-vos e dançai comigo! — exclamou. E então os quatro jovens riram mais estrepitosamente que nunca ao pensar na extravagante figura que faria o pobre velho doutor.

— Rogo-vos dispensar-me — respondeu o doutor tranquilamente. — Estou velho e reumático e meu tempo de dançar acabou há muitos anos já. Mas qualquer destes jovens será muito feliz se tiver tão linda companhia.

— Dançai comigo, Clara! — gritou o coronel Killigrew.

— Não, não; eu serei seu companheiro! — proferiu o sr. Gascoigne.

— Fui seu noivo há cinquenta anos! — exclamou o sr. Medbourne.

Todos se agruparam em torno dela. Um segurou suas duas mãos com impulso apaixonado; outro, passou o braço em redor de sua cintura; o terceiro afundou a mão entre os sedosos cachos que assomavam debaixo do capuz da dama. Ruborizada, palpitante, lutando, discutindo, rindo

SOFRE DO FÍGADO? TOME BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

e exalando por seu turno seu hálito ardente à face de cada um dos pretendentes, fazia ela esforços para se desprender, mas sem chegar a livrar-se do triplice abraço. Nunca se tinha presenciado quadro mais vivo de rivalidade juvenil com encanto tão felicitoso como galardão. Sem embargo, por estranha ilusão, devida à obscuridade da câmara e aos antigos vestidos que ainda usavam os convidados, dir-se-ia que o grande espelho refletia a figura dos três anciões, encanecidos e cansados avós, brigando pela fealdade angulosa de uma velha encolhida e enrugada.

Porém eram jovens: pelo menos suas paixões o demonstravam. Inflamados até à loucura pela garridice da moça viúva que não outorgava nem recusava por completo seus favores, os três rivais começaram a trocar ameaçadores olhares. Segurando com uma das mãos o ambicionado galardão, colocaram a outra em suas gargantas, cheios de rancor. Enquanto lutavam aqui e ali, caiu a mesa, espalhando-se a ânfora em mil pedaços. A preciosa água da juventude correu em brilhante arróio sobre o pavimento, umedecendo as asas de uma borboleta, envelhecida ao declinar do verão e que viera morrer ali. O inseto voou agilmente através da sala e foi colocar-se na nevada cabeça do dr. Heidegger.

— Vinde, vinde, cavalheiros! Vinde, madame Wycherly! — exclamou o doutor. — Tenho que protestar seriamente por este tumulto.

Aquietaram-se e estremeceram, porque parecia que o Tempo gris os chamara, fazendo-lhes retroceder de sua luminosa juventude, muito longe, até o gelado e obscuro vale dos anos. Olharam o dr. Heidegger, que tomou assento em sua entalhada poltrona, sustendo a rosa de meio século que tinha apanhado dentre os fragmentos do espalhado jarro. A um movimento de sua mão, os quatro revoltosos retomaram seus lugares com a maior brevidade, pois seu violento exercício tinha-os fatigado ao extremo, apesar da juventude de que julgavam desfrutar.

— Minha pobre rosa de Silvia! — exclamou o dr. Heidegger, expondo-a à luz das nuvens do poente. — Parece que murcha outra vez.

E assim era em verdade. Sob os olhares da reunião continuou definhando-se a flor até que apareceu tão seca e frágil como quando o doutor a tinha tirado de dentro da ânfora. O ancião sacudiu as poucas gotas de rocío que ainda pendiam de suas pétalas.

— Prezo-a tanto agora como em sua úmida frescura — observou o doutor, oprimindo a murcha rosa contra seus lábios trêmulos. Enquanto falava, a mariposa voou outra vez de sua nevada cabeça e caiu no chão.

Os convidados estremeceram de novo. Um frio estranho, que não sabiam se atribuir ao corpo se ao espírito, apoderava-se deles gradativamente. Entreolharam-se e imaginaram que cada minuto que passava lhes arrebatava um encanto, e deixava em seus semblantes sulcos mais profundos onde nada se notava no momento anterior. Seria uma ilusão? A mudança duma vida inteira se limitaria a tão breve espaço, e seriam já apenas quatro anciões sentados com seu velho amigo, o dr. Heidegger?

— Envelhecemos tão depressa, outra vez? — exclamaram dolorosamente.

Assim era em realidade. A água da juventude possuía somente virtudes mais passageiras que as do vinho. O delírio que provocava tinha desaparecido. Sim! Eram velhos outra vez. Com impulso repentino, demonstrando ser ainda mulher, a viúva comprimiu suas roxas mãos contra o semblante, desejando que a tampa do ataúde caísse sobre ela, já que não podia tornar a ser bela.

— Sim, meus amigos; sois velhos outra vez — disse o dr. Heidegger — e, aí!, a água da juventude derramou-se toda pelo chão. Bem; não o lamentarei; pois ainda que a fonte brotasse nos próprios umbrais de minha porta, meus lábios não haveriam de tecá-la; não, ainda que o delírio que produzisse durasse anos em vez de instantes. Esta é a lição que me ensinastes!

Porém os quatro amigos do doutor não aproveitaram para si a lição. Resolveram organizar uma peregrinação à Flórida e beber de manhã, à tarde e à noite na Fonte da Juventude.



LANA TURNER figura na produção Metro-Goldwyn-Mayer "A FELICIDADE VEM DEPOIS"

A encantadora
LANA TURNER

candidata-se a um Novo Rádio G. E. *Tom Natural*

A maravilhosa fidelidade da reprodução acústica dos novos rádios G-E *Tom Natural* lhe permitirá desfrutar, pela primeira vez, em toda sua puríssima riqueza tonal, a inteira gama de sons das suas músicas favoritas.

Logo que as fábricas da General Electric puderem reiniciar a sua produção para o mundo ela aplicará aos seus rádios os mais recentes aperfeiçoamentos técnicos, como o novo "Equilíbrio Acústico", o "Altofalante Coordenado", e outros importantes inventos eletrônicos e acústicos saídos dos seus laboratórios, e que, atualmente estão sendo utilizados com exclusividade nos aparelhos militares.

Além da sua superioridade técnica, os rádios G-E *Tom Natural* se apresentarão em gabinetes

que serão verdadeiras obras de arte, saídas das mãos de famosos mestres de estilística para satisfazer às pessoas de mais apurado gosto, como V. S.

Faça como a encantadora Lana Turner, e considere que bem vale esperar até poder adquirir o novo e maravilhoso rádio G-E *Tom Natural*.

Ouçá os "FESTIVAIS G. E." às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22.05, em ondas médias (980 kcs.) e curtas (30,86 metros). Um programa musical com atrações para todos os gostos.

ADIANTAMENTOS COMPROVADOS NA FRENTE DE BATALHA

A General Electric ainda é uma das maiores fabricantes de aparelhos de rádio para uso bélico. Depois da Vitória final, os adiantamentos obtidos pela G-E farão com que o seu novo rádio G-E seja o melhor que V. S. jamais teve.

RADIO
GENERAL ELECTRIC

Na vanguarda em Rádio - FM, AM - Televisão - Eletrônica

Construção à prova do
CLIMA TROPICAL

A investigação científica traz constantes melhoras ao rádio General Electric. Os receptores G-E e suas partes componentes são submetidos, na Câmara Higroscópica G-E, a uma atmosfera artificial mais rigorosa que a dos climas tropicais.



CÃES DE CAÇA

Por HULDINE V. BEAMISH
Copyright B. N. S., especial
para a REVISTA DA SEMANA

Apesar da tendência geral demonstrada pelo público de transformar os cães de caça em animais domésticos, o trabalho desses cães na Grã-Bretanha atingira um alto nível quando irrompeu a guerra. As oportunidades para esse tipo de trabalho naturalmente diminuíram muito com a guerra, e os torneios

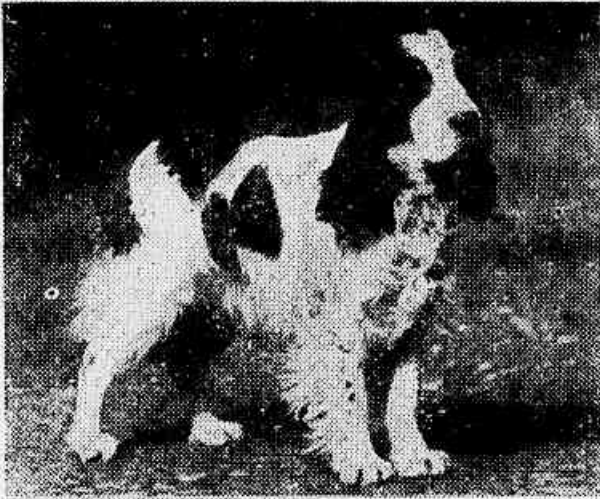
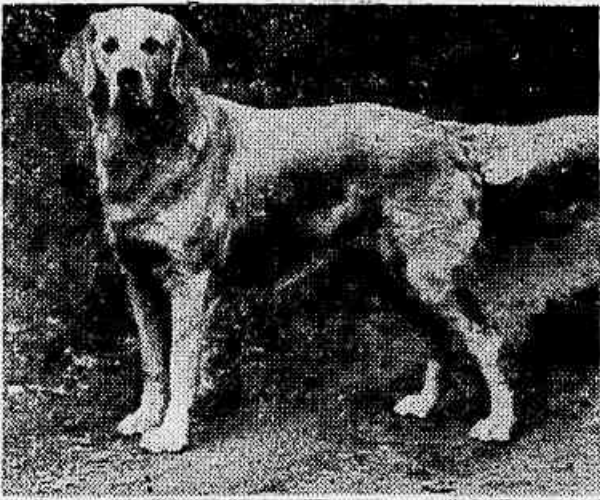
realizados regularmente foram suspensos, exceto na Irlanda. Não resta dúvida, no entanto, que tão cedo as condições o permitam os entusiastas destes cães reiniciarão as suas atividades.

A variedade da caça na Grã-Bretanha oferece largo campo de ação para todos os tipos de cães: a caça dos faisões na Escóssia e em Yorkshire, a caça das perdizes e, na orla marítima, a quantidade infinita de aves de todas as espécies.

Provavelmente o spaniel é o cão de caça mais facilmente encontrado: os exemplares ingleses e escoceses, os cokers e os clumbers. De um modo geral todos esses cães são muito grandes para serem transformados em cães domésticos, mas o cocker, com a sua cara sentimental e longas orelhas, é o preferido do público para esse fim. Muitos cockers genuínos não servem para a caça, pois falta-lhes agressividade.

Na Grã-Bretanha, o cão perdigueiro é menos empregado do que no estrangeiro. O caçador inglês considera o spaniel mais prático em quase todos os terrenos, exceto naturalmente nas amplas charnecas da Escóssia e de Yorkshire. Os tratos de terra na Grã-Bretanha são geralmente mais confinados do que em outros países, razão porque os perdigueiros não têm muita oportunidade de pôr em prática

(Continua na pág. 58)



LEVIN-MODAS

M. LEVIN

Largo de S. Francisco 6

2.º andar.

Tel. 23-0230

Rio de Janeiro.

**PÍLULAS
DE
BRISTOL**

Vegetais e
açucaradas

Combatem suavemente
a preguiça intestinal.

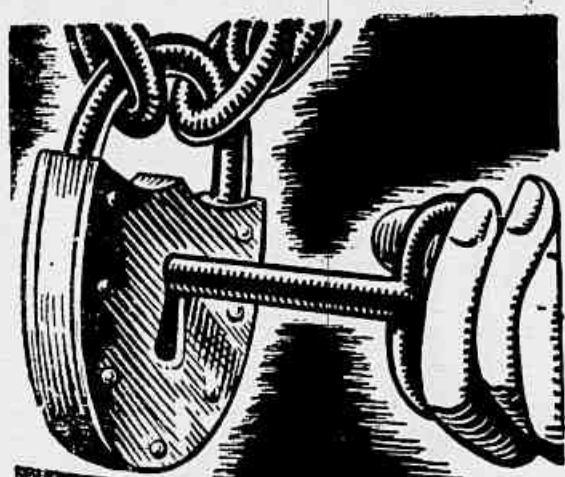
Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

Água de Colônia
Brilhantina
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Arroz

O sonho côr de rosa
dos perfumes!

A VENDA
EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

VAMOS GANHAR DINHEIRO!



criando galinhas!

Sim! A criação de galinhas é hoje uma ocupação agradável e lucrativa. Não perca esta oportunidade. Faça uma pequena granja no seu quintal. Nada é mais fácil do que criar galinhas!

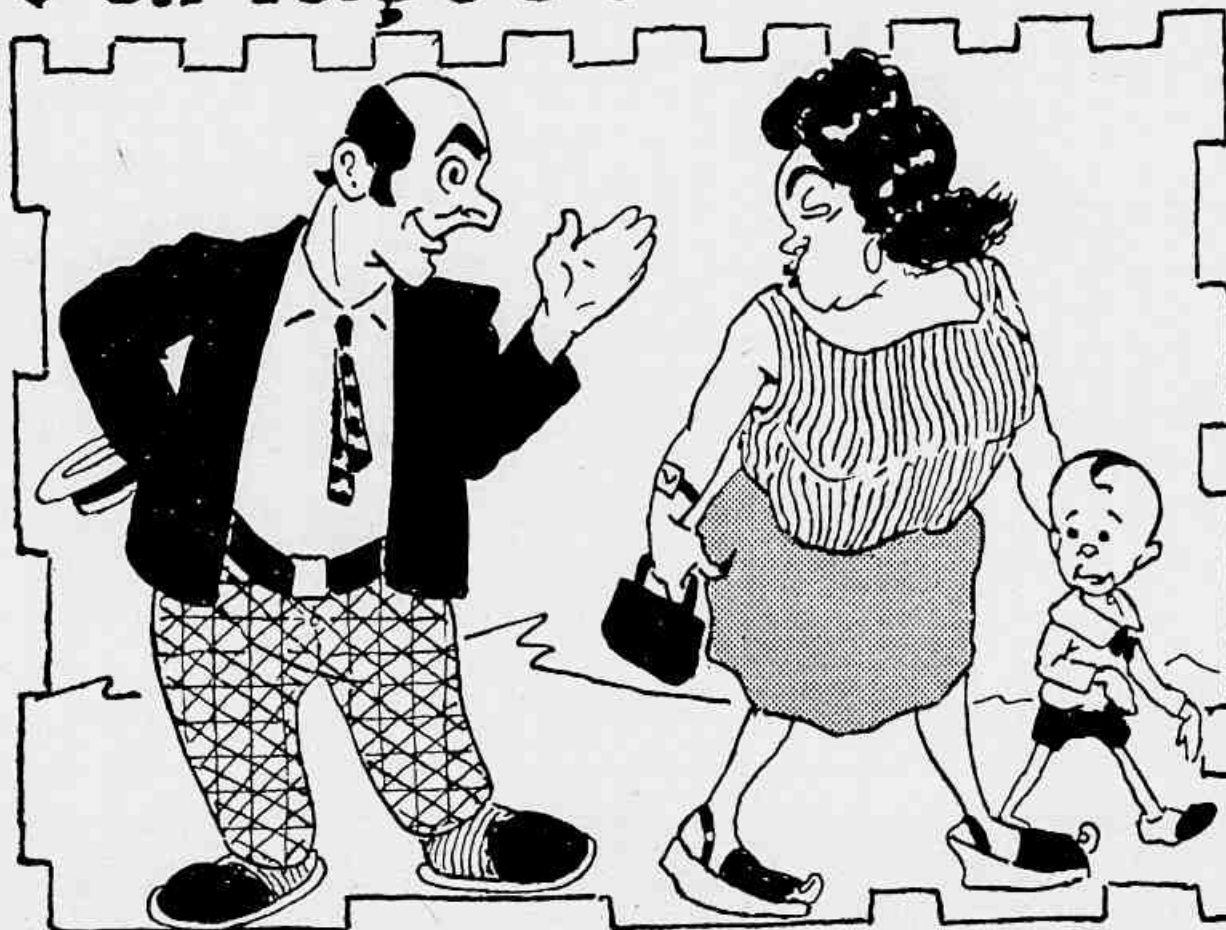
GRATIS: Peça hoje mesmo o nosso interessante folheto "No meu quintal uma granja." É grátis e sem compromisso de sua parte.

SCAL
O CAMINHO CERTO EM AVICULTURA

Rua do Lavradio, 17 - Fone 22 7999
C. Postal 776 - Rio de Janeiro

Vaga Publicidade

Variações e avariações



- Vou para baixo, no elevador.
- Perdão. Vae no embaixador...



- Não lhe tenta a aviação?
- É-me difícil a conquista do ar.



- Já reparou como é complicado a gente tratar direito sobre o Direito das gentes?



- Não fuma?
- Fumo, mas não trago. Filo...



- Isso é modéstia, dizer que não tem importância.
- É sério. Hoje estou sem um centavo...



- Ganhei lindo estúdio de cabeça.
- Bélo! Sempre a cabeça diz tudo.

CARMEN — Bravos! Que bela detective me saiu você. Como é que soube tanta coisa da noite para o dia? Será que o rapaz também a interessa, Lenita?

LENITA — Ora, não seja tola! Você bem sabe que eu gosio de gente mais madura. E, além disso, o tal rapazinho, apesar de interessante, não tem os milhões de que eu ando à procura.

CARMEN — Que tristeza, meu Deus! E' horrível uma mulher interesseira como você.

LENITA — Ah, então você preferia que eu me apaixonasse pelo tal sujeitinho? Está sentindo falta de uma concorrente?

CARMEN — Não. Pelo amor de Deus, nem pense numa coisa dessas. E não brinque com uma coisa tão séria. Eu sinto que aquele homem é o homem do meu destino!

LENITA — Então o teu destino é um destino inglório, minha querida.

CARMEN — Hum... você parece uma ave agoureira.

LENITA — Não é isto não, Carmen. Mas é que eu conheço um bocado os homens. E eu já vi que aquele é da raça dos indiferentes. Tome cuidado, menina. Aquêle sujeito tem a pinta dos homens fatais.

CARMEN — Mas é justamente aquele seu ar distante, aquela sua displicência, aquela superioridade que me atraem. Aquilo é que me fascina.

LENITA — Vai, mariposa. Vai atrás de fascínio. E depois não me venhas, de asas queimadas, chorar mais uma loucura. Tome juízo, Carmen. Deixe de caraminholas. Você precisa ter um espírito mais prático.

(Ouve-se uma valsa)

CARMEN — Cale a boca, Lenita. Ele vem ali. E dirija-se para cá.

ANDRÉ (chegando) — Senhorita. Quer dançar esta valsa?

CARMEN — Pois não. Com o maior prazer.

(Cortina musical com a própria valsa)

CARMEN — Há cinco dias que nos conhecemos e eu tenho a impressão de que vivi a vida inteira ao seu lado.

ANDRÉ — Isto é romantismo, Carmen. Puro romantismo. Ou melhor, sugestão.

CARMEN — Não, André. Você é o homem que eu procurava. Ontem, quando passámos na Bahia e fomos àquela igreja em S. Salvador, você não me viu chorando?

ANDRÉ — Bela cidade, hein? Gostaria que o navio houvesse demorado um pouco mais naquele porto.

CARMEN — Não desconverse. Responda. Você não me viu chorando?

ANDRÉ — Vi. E lhe confesso que tive muita pena.

CARMEN — Bela maneira de compadecer-se. Você nem quis saber a razão das minhas lágrimas.

ANDRÉ — Ora! O pranto das mulheres! Vocês choram por uma ninharia!...

CARMEN — Pois a ninharia era você.

ANDRÉ — Era por mim que você chorava? Não gaste comigo os seus sentimentos. Eu não mereço. E além disso apenas o companheiro de viagem, a aventura de bordo e poderia recompensar o seu afeto. Eu já lhe disse que sou

um homem a quem arrancaram o coração. Veja em mim somente isto. Nada, nada mais eu serei para você ou... para uma outra qualquer... habitue-se desde já a me esquecer...

CARMEN — Não é possível, André. Eu andava sem rumo, descrente de mim mesma, a alma vazia, o coração indiferente. Parecia a mais volúvel das mulheres. E no entanto não era. Eu me aproximava dos homens procurando você. E agora, que você me aparece, você me manda esquecer? Não, André. Você não pode ficar junto de mim, mas nada o arrancará da minha saudade, do meu coração.

ANDRÉ — Lamento bastante. Eu desejava ser um episódio amável em sua vida, e agora você me deixará remorsos.

CARMEN — Remorsos? Não. Não tenha remorsos. Você me fez um grande bem.

ANDRÉ — Eu? Que bem fiz eu? Se você está gastando as suas lágrimas comigo?...

CARMEN — Benditas lágrimas! Agora eu sei que ainda tenho alma e que não tenho mais o coração vazio. E agora eu não serei tão só. Terei a sua lembrança enchendo o meu coração.

(Música)

(Porta abre e passos)

JUSTINO (companheiro de infância e criado de André; sotaque do norte) — Já trouxeram o seu café. Tá bemquentinho. Tome um gole agora mesmo. Um cafezinho assim aquece o coração.

ANDRÉ — Meu coração não esquenta mais. Isto aqui agora é uma geleira.

JUSTINO — Que é isso, André? Você, moço dêsse jeito, já está de coração gelado? Com tanta moça bonita aqui neste barco será crível que seu sangue não esquenta?

ANDRÉ — O sangue esquenta, Justino. Mas a alma? Onde está a minha alma?

JUSTINO — Ué, gente. Você não está falando? Você não está vivendo? Então não está vendo que a sua alma está aí no seu corpo?

ANDRÉ — Parece, mas não está. Não, Justino. A minha alma não está aqui...

JUSTINO — Então onde é que ela está?

ANDRÉ — Perdida por aí. Atrás de quem não deve. À procura de uma ingrata.

JUSTINO — Ah, agora estou entendendo. Você está com raiva da sua pequena, não é? Eu também pedi p'ra você me trazer até Pernambuco, só p'ra ver se esqueço a Ritoca. P'ra não ter que matar aquela mulata malvada. Mas quanto mais êste bicho avança mais eu estou querendo que êle volte p'ra perto daquela maldita mulher.

ANDRÉ — E'. Mas êle não volta não, Justino. Nós vamos cada vez para mais longe, fugindo como dois covardes. Você ainda vai ficar na sua terra. Mas eu vou para terras estranhas, vou para o desconhecido.

JUSTINO — Mas vamos falar com franqueza: se, de repente, por exemplo, por causa dessa guerra que estão dizendo que vai estourar, o navio desse uma volta para trás, a gente gostava, não é?

ANDRÉ — E' isto mesmo, Justino. A gente foge com vontade de ficar e desejando um motivo para voltar. Mas a guerra não impedirá que a nossa viagem continue.

(Música)

(Ruido de automóvel na estrada)

REGINA (meia voz) — Que tem você, Luiz? Estou lhe estranhando. Você está tão calado. Preocupa-se com o Walter, não é?

LUIZ — Talvez...

REGINA — Por que não conversamos? Você não me associou a este empreendimento? Eu não sou a sua auxiliar? Como é que você emudece desta maneira?

LUIZ — Se você soubesse o meu cérebro como está ardendo! Em que cogitações eu me sinto envolvido! Como eu me venho torturando desde hoje pela manhã!

REGINA — Mas que houve hoje de manhã?

LUIZ — Nada... por favor, não me pergunte nada.

(rumor de pneumático arrebatando)

CHOFER — Hum... que massada. Por esta não esperava eu...

LUIZ e REGINA — Que há? Que aconteceu?

CHOFER — Rebentou o pneu, doutor. Vamos parar um pouquinho. Há aqui um sobressalente. Eu vou substituir agora mesmo.

(Porta do carro que abre; barulho de ferramentas)

CHOFER — Ué!... mas... já não está mais aqui!

LUIZ — O que é que falta?

CHOFER — O pneumático. Havia um aqui. Mas agora vejo que já não está mais. Antes do carro sair alguém mexeu aqui...

REGINA — E agora? Como vai ser?

CHOFER — Agora, o remédio é esperar que passe algum carro por aqui. A gente manda pedir socorro ao sr. Walter, que já deve estar no sítio.

(Ruido de carro que se aproxima)

LUIZ — Olhe. Ali vem um carro. Busine para chamar a atenção.

CHOFER — Mas aquele carro vai para a cidade.

LUIZ — Não faz mal. Nós voltaremos para a cidade.

CHOFER 2 — Precisa de alguma coisa?

LUIZ — Sim. Precisamos. Você vai para a cidade?

CHOFER 2 — Sim. Vou para a cidade.

LUIZ — Então você nos levará. Vamos, Heloisa. (Para o chofer número 1) Olhe, rapaz, desculpe-nos com o seu patrão. Diga-lhe que, diante do acidente, para não chegar em horas tardias em sua casa, nós resolvemos voltar para o hotel. Venha, Heloisa.

(Porta de carro que se fecha; ruido de automóvel na estrada)

CHOFER — O doutor ia para o sítio daquele alemão?

LUIZ — Ia, sim. Você o conhece?

CHOFER — Ele é meu freguês. Agora mesmo eu fui levá-lo.

LUIZ — Você o trouxe da cidade agora, é?

CHOFER — Agora mesmo. Mas a viagem demorou mais porque ele não quis passar por esta estrada.

LUIZ — Ah, sim. Ele não quis passar por nós.

REGINA — Viu, Luiz? Ele nos preparava alguma cilada.

LUIZ — Em todo caso estamos livres, não é?

REGINA — Mas que iria ele fazer?

LUIZ — Não sei. Não me interessa.

REGINA — Não interessa?

LUIZ — Não. Eu só tenho aquele seu riso nos meus ouvidos. Heloisa, por que foi que você riu assim?...

REGINA — Eu vou dizer a verdade, Luiz. Eu ri de você ter dito que eu era a mais verdadeira de todas as mulheres...

LUIZ — E você não o é?

REGINA — Não, Luiz. Eu sou a mais artificial de todas as mulheres. Eu não sou...

(Encerramento)

CAPÍTULO XXIII

LOCUTOR — Luizinha, de posse da notícia do embarque de André para a Europa, fica desesperada. Tia Alzira, Josefa e Zé Pedro procuram por todos os meios acalmá-la, prometendo-lhe tudo o que fôsse possível fazer para se comunicarem com André. Zé Pedro, percebendo pela expressão de Josefa que ela identificara a pessoa que estava no clichê, resolve prometer a Luizinha que encontrará o misterioso André. Com essa promessa Luizinha cria alma nova, combinando com Zé Pedro o dia da partida. Em S. Paulo os acontecimentos continuam na sua marcha sensível para um desfêcho agradável. Entretanto uma sombra de ameaça àquela felicidade aparece com o convite do espião Walter, que faz empêno em que Regina e Luiz fôssem passar a tarde no sítio dêle. Mas a providência fez com que estourasse um pneu no meio da estrada e eles voltassem para a cidade num outro carro. E o capítulo terminou quando Regina dizia a Luiz...

REGINA — Viu, Luiz? Ele nos preparava alguma cilada.

LUIZ — Em todo caso estamos livres, não é?

REGINA — Mas que iria ele fazer?

LUIZ — Não sei. Não me interessa.

REGINA — Não interessa?

LUIZ — Não. Eu só tenho aquele seu riso nos meus ouvidos. Heloisa, por que foi que você riu assim?...

REGINA — Eu vou dizer a verdade, Luiz. Eu ri de você ter dito que eu era a mais verdadeira de todas as mulheres...

LUIZ — E você não o é?

REGINA — Não, Luiz. Eu sou a mais artificial de todas as mulheres. Eu não sou... a mulher que você imagina — com um passado de aventuras empolgantes, cansada de emoções. Eu não sou a mulher que o meu tipo talvez lhe possa sugerir. Muito ao contrário. Eu sou a mais doméstica de todas as mulheres, e o meu ideal é um ideal de paz e de recolhimento.

LUIZ — Mas quem lhe disse que eu a julgo uma "vamp", uma mulher fatal?

REGINA — Ora, todos aqui no hotel imaginam isso de mim.

(Porta abre)

LUIZ — Mas eu não. Eu a conheço melhor, bem melhor do que você pensa. E você, às vezes, se parece tanto com a criatura mais divina que eu já conheci; às vezes você me lembra tanto essa criatura, que eu não poderia jamais olhar para você senão com a mais honesta e a mais pura das contemplações.

REGINA — E como é que ainda há pouco você pensava mal de mim?

LUIZ — Compreenda, Heloisa. Aquela sua risada cheia de reticências me deixou tonto.

REGINA — E no entanto o que eu queria dizer era justamente o contrário do que você pensou.

LUIZ — Foi um mal entendido. Agora estamos de novo na doce paz da compreensão. E qualquer desses dias eu quero lhe contar minha vida. Eu preciso lhe dizer uma porção de coisas. Aí então é que eu irei ouvir minha sentença. Talvez nesse dia você não me queira mais...

REGINA — Mas quem lhe disse que agora eu o quero?

LUIZ — Os seus olhos, Heloisa. As suas mãos que aqui estão dentro das minhas. E eu tenho tanto medo da hora em que você talvez me repudie!...

REGINA — Não pense nestas coisas tristes. Tratem-se, por ora, dos seus documentos, do seu invento que é preciso de uma vez ser apresentado ao governo. Depois, enfrentaremos os outros problemas, que serão bem mais simples do que você prevê.

LUIZ — Quem lhe garante isso, Heloisa?

REGINA — É um palpite... e os meus palpites são bons...

(Automóvel em marcha)

(Música)

(Campainha de porta e porta que abre)

CRIADO — Que deseja?

ZÉ PEDRO — É aqui a residência do dr. André?

CRIADO — É. Mas o dr. André embarca hoje para a Europa.

ZÉ PEDRO — Mas eu tenho um recado urgente para ele. Podia lhe falar agora mesmo?

CRIADO — Infelizmente, não é possível. O dr. André foi almoçar com uns amigos, e de lá mesmo irá a Santos para embarcar.

ZÉ PEDRO — E não seria possível eu ir falar com ele lá mesmo nesse almoço? Dê-me o endereço. Depressa. Por favor.

CRIADO — Eu lhe dava, meu caro, se o soubesse. Mas eu não sei onde ele está. Sei apenas que o almoço era num restaurante qualquer. E agora não dá mais tempo. Olhe, são duas horas. O navio deve sair às três horas...

ZÉ PEDRO — Eu irei a Santos. Vou ver se apanho o dr. André. (Afastando) Eu preciso falar com o dr. André antes dele partir. Eu hei de achar o dr. André...

(Música)

(Batidas numa porta)

JOSEFA — Luizinha... Luizinha...

LUIZINHA (chorosa) — Que é, Josefa?

JOSEFA — Abra a porta, Luizinha. Eu quero falar com você.

LUIZINHA — Entre, Zefinha. Que é que você quer?

JOSEFA — Como estão os seus olhos, minha filha! Olhe aqui no espelho. Veja como os seus olhos estão felos de chorar. E você não almoçou, não comeu nada, ainda. Assim você adocece, minha filha.

LUIZINHA — Eu adoeceia se não chorasse, Josefa. Deixe-me chorar à vontade. Como isto alivia! Como Deus foi bom quando inventou a lágrima. Poder chorar!... É a felicidade dentro da desgraça!

JOSEFA — Desgraça! Que exagêro é esse, Luizinha? Não repita uma coisa destas. Uma palavra tão horrorosa, minha filha. E por causa de uma coisa tão sem importância.

LUIZINHA — Sem importância, Josefa? Como você é egoísta quando me fala desta maneira! Você não pode imaginar o que representa para mim a perda do André. Você não calcula a saudade que eu sinto do André. A falta que ele me faz! O bem que eu lhe quero! E o quanto me dói saber que ele vai embora pensando de mim uma porção de coisas medonhas que eu nem mesmo sei o que são. E não poder ao menos ter uma explicação, e não ter, ao menos, o direito de me defender.

JOSEFA — Eu imagino sim, Luizinha. Eu imagino. Mas eu falo assim para ver se você melhora; se você reage contra esse desespero. Eu tenho tanto medo que isto lhe faça mal!

LUIZINHA — Você tem medo que isto me faça mal, é? Você tem medo que eu emagreça, que eu fique doente, não é? Ah, Josefa! É porque você não tem olhos para ver a minha alma; é porque você não pode enxergar o meu coração. Se você visse a devastação que vai por aqui! De que vale esta beleza, de que vale este corpo, p'ra que serve esta saúde se eu não tenho mais alegria, se eu não tenho mais esperança e a minha alma já morreu?

JOSEFA — Mas Luizinha, você é muito moça, a vida ainda lhe pode trazer tanta surpresa. André ainda pode voltar.

LUIZINHA — Olhe, Josefa: há certas dores que aleijam a alma para sempre. Elas passam, mas deixam uma cicatriz que não fecha nunca mais. E eu sei que tudo o que vier agora não será nunca mais como o que passou. Eu sei, Josefa. Há alguma coisa que morreu dentro de mim!

JOSEFA — Luizinha. Você precisa ser forte como a sua mãe. Eu não quero que você se entregue a esse desespero. Se alguma coisa morreu dentro de você, é preciso que você peça a Deus o milagre da ressurreição.

(Música)

(Batidas numa porta)

JOSEFA — Entre.

(Porta abre)

TIA ALZIRA — Dá licença?

JOSEFA — Oh, tia Alzira. Eu estava ansiosa que a senhora viesse. Eu precisava tanto lhe falar.

ALZIRA — O que há, minha filha? Como vai a Luizinha?

JOSEFA — Era a respeito mesmo da Luizinha que eu queria conversar com a senhora.

ALZIRA — Onde está ela?

JOSEFA — Saiu. Foi ver o afilhado, o netinho do Zé Poveira.

ALZIRA — Pobrezinha. Ela ainda está muito triste, Josefa?

JOSEFA — Luizinha está me preocupando muito, tia Alzira. Não come, parece que não dorme, quase não fala, e eu não sei se devo contar a Heloisa ou se deixo a Heloisa sossegada até terminar o que ela foi fazer em São Paulo.

ALZIRA — Se o que dona Heloisa foi tratar lá em S. Paulo é coisa que depende de sossêgo, o melhor é você deixar. Qualquer dia Luizinha melhora. Não vale a pena a gente se precipitar. Depois, é preciso esperar o Zé Pedro. Ele não foi ao Rio? Vamos ver o que êle arranja por lá.

JOSEFA — Deus queira que êle ainda alcance o tal rapaz. Olhe, tia Alzira, se o Zé Pedro não trouxer uma boa notícia para a Luizinha, vai ser uma coisa horrível! Eu estou assustadíssima com a tristeza daquela menina. Eu não sei o que vai ser de Luizinha. Maldita a hora em que aquêlê homem apareceu aqui. Luizinha vivia tão sossegada...

ALZIRA — Mas não se pode viver sossegada a vida inteira, Josefa. E' a lei do mundo. E triste daquele que não faz parte da engrenagem, que não entra no maquinismo desta vida. E' uma peça inútil. E isto é que é o pior: não ser coisa alguma, não tomar parte no drama. A vida é um teatro. E no teatro o que há de mais triste é a gente não ter o que representar.

JOSEFA — Mas Luizinha está sofrendo de mais. Ela sempre foi assim. A Luizinha sente de mais as coisas que lhe acontecem. E eu tenho medo, tia Alzira, que isto lhe faça muito mal.

ALZIRA — Ora, sossegue, Josefa. Eu, ouviu, eu posso lhe garantir que não se morre de amor.

JOSEFA — Tia Alzira. A senhora tem um mistério na sua vida. Que foi que lhe aconteceu? Como foi que a senhora também veio parar aqui?

ALZIRA — Um dia lhe contarei, Josefa. Por enquanto vamos tratar do caso de Luizinha, não é?

(Música)

ZÉ PEDRO (guiando o automóvel em disparada) — Duas e quinze... foi o diabo aquêlê enguiço! Perdi tanto tempo com aquela complicação no motor...

(Automóvel sempre em disparada)

(Música)

ZÉ PEDRO — Duas e meia! Será que eu ainda alcanço o navio?

(Automóvel em disparada)

(Música)

(Ambiente de cais, à hora de embarque: palestras, adeuses, etc.)

JORGE — Mas que cara é essa, rapaz? Nem parece que vais ao encontro das belas parisienses. Quanta gente

está indo... que tanta gente está indo... com uma missão, com viagem paga. Paris é tua esposa de braços abertos, o desanimado dêsse jeito?

ANDRÉ — E' isso, meu amigo! A vida é assim mesmo! E uma eterna insatisfação...

JORGE — Mas isto passa. Chegando lá você arranja uma francesinha e esquece as máguas daqui.

ANDRÉ — Ah, meu amigo! Ninguém deseja mais esquecer do que eu. O que é esta viagem senão um meio que fui buscar para fugir de mim mesmo? Isto não é uma viagem, é mais uma fuga; é quase um ato de covardia, porque eu estava com medo de mim. E não há nada mais humilhante para um homem do que ter medo de si.

(Música)

(Automóvel em disparada)

ZÉ PEDRO — Lá está o navio. Lá está o cais... che-garei a tempo? Mas será que eu ainda alcanço o tal André?

(Intervalo)

(Automóvel freando e apito de navio)

ZÉ PEDRO — Maldito motor! Automóvel dos diabos! Lá se vai o navio! Coitada de Luizinha! Ela vai ficar tão triste! A pobre da Luizinha! Eu queria tanto levar uma boa notícia para ela!

(Apito de navio)

(Música)

(Navio de passageiros; orquestra executando músicas de danças)

CARMEN — Você já viu o passageiro melancólico? Ou será que êle ainda não veio jantar?

LENITA — Êle hoje ainda não saiu do camarote. Ou se saiu para almoçar devia ter sido muito cedo.

CARMEN — Ainda nem consegui descobrir o seu nome.

LENITA — Você está muito atrasada. Pois eu já sei uma porção de coisas dêle.

CARMEN — Que é que você sabe, hein? Diga-me. Hum... eu estou me interessando tanto por êle, que até já estou com medo.

LENITA — MEDO? De que?

CARMEN — De me apaixonar...

LENITA (rindo) — Apaixenar-se, você? Tinha graça!

CARMEN — Como você está enganada, Lenita! Eu não sou a borboleta que você imagina. Eu sou apenas uma ave sem ninho. Mas no dia em que eu encontrar o abrigo que procuro, você verá como ficarei quieta no meu canto. Ah, se eu encontrasse o amor que me falta! Eu havia de me agarrar a êle com a mesma fúria do nau-frago à sua táboa de salvação.

LENITA — Mas não há de ser com aquêlê. Aquêlê não tem cara de salva-vidas, minha filha. Êle é o tipo do inabordável.

CARMEN — Mas, afinal, você já sabe o seu nome? Como é que êle se chama, hein?

LENITA — Chama-se André Montenegro. E' engenheiro, solteiro e vai à Europa efetivar negócios de uma firma construtora.



CINDERELA que Hollywood nos mandou...

De vez em quando Hollywood nos desilude e nos manda "Cinderelas" que não foram tocadas pela varinha de condão...

Tal não aconteceu, porém, com a encantadora Gloria Warren, que nos cativou com suas maneiras simples e joviais de artista gloriosa... porém ainda não contaminada por esse ambiente desagradável que a celebridade quase sempre traz.

E, tão adolescente quanto sua figura, a sua voz conduziu ontem os frequentadores da "boite" atlântica a passear por esses caminhos melódicos da música.

"Sempre em meu coração"? Não. Sempre no meu, no teu, no nosso coração...





1 O dr. Rogério é íntimo de S. Excia. Tem tanto prestígio, que é sempre a primeira pessoa que o "homem" recebe pela manhã, em seu próprio quarto. E por isto mesmo é, entre o elemento feminino do hotel, uma espécie de Casanova irresistível. Aqui está ele fotografado quando dava o primeiro voo para cima de d. Democracina, proprietária do hotel.



2 S. Excia., diante do integralista Silveira, tira do bolso um lenço verde, enxugando com ele o suor da testa. O "galinha verde" exulta com isso. E, contando como certa a adesão de S. Excia. ao partido pliniano, resolve propor ao Martins, marido de d. Democracina, proprietário do hotel e simpatisante do credo verde, uma campanha contra o comunista Barreto, outro hóspede da casa, que anda lendo Marx, Lenine e Stalin pelas "chaises-longues" da sala de jantar. A foto foi feita quando Silveira esfregava as mãos de puro contentamento.

SUA EXCELENCIA

"Charge" política de Freire Junior, encenada no Teatro Rival pela Companhia Alda Garrido, com a seguinte distribuição:

Mme. Anistia, Alda Garrido; S. Excia., Augusto Anibal; Cônego Olímpio de Melo, Benito Rodrigues; Nini, Itamar Silva; Sua mãe (d. Balbina), Antonia Marzulo; D. Democracina, Rosa

Sandrin; Rogério, João Boavista; Silveira, João Martins; Sua esposa (d. Corina), Suzana Cléa; Martins, Americo Garrido; Barreto, Americo.

A ação passa-se na atualidade, no hotel de D. Democracina, onde estão hospedados todos os personagens, exceção de Rogério, que todas as manhãs, entretanto, visita o quarto de S. Excia.

3 Chegou ao hotel de d. Democracina uma mulher dessas a que podemos emprestar sem medo o qualificativo de "infernal". Chamava-se Anistia. Todos ficaram loucos com ela, inclusive o belo padre Olímpio. D. Democracina tomou-se entretanto de antipatia pela recém-chegada. Disse-lhe, "de cara", que não havia quartos vagos. Mas como o seu marido e o integralista haviam se decidido a pôr o Barreto na rua, sugeriram que ela ocupasse o lugar deste. O cônego ofereceu os seus aposentos. Mas entra o "comuna" e fica-se sabendo que Anistia é sua esposa.

4 O padre Olímpio tinha um "traco": jogar peteca com as moças. Ah! Ele dava a vida por um joguinho de peteca. Anistia conquistara o coração de todos os homens. E o padre, embevecido, via-a rebater com rapidez os seus golpes. Mas continuava o jogo. Anistia porém era boa jogadora e levava sempre a melhor. Ela dá um saque sensacional da mulher do Barreto.



5 Mme. pode saber doce sobre por paráb

7 A ch esposa e rep eram citad hotelzinho mente com

9 Cena ra, v seus cima de não davam ve romper com o seu hostilidades vista de to pedes do l ve S. Excia apreensivos brigões. Ins cados, e a cando cad preta. S. apaziguar. gritam, nun vã de pac mina porém diante do m Corina segu bre espôso na levanta Barreto. S. uma ra



5 Mme. Anistia, além de poetisa, jornalista e mais tudo o que pode ser uma intelectual, era também quiromante. S. Excia. saber a sua sorte. E a bela adivinha lhe vai falando com voz doce sobre o seu futuro. As previsões que ela faz são incertas, fala por parábolas, como qualquer cigana de feira. E S. Excia. sai ignorando a metade do que queria saber.



6 Anistia, com seu jeitão camarada, conquistara todos os homens do hotel. Tanto porém influiu a sua beleza e a sua camaradagem, que ela teve por fim que dar violentos "contra-vapores" nos apaixonados. O que Rogerio (que as mulheres abandonaram quando descobriram que não era político e sim o barbeiro de S. Excia.) tinha sido para as esposas, ela era agora para os maridos. Mas quando estes "voavam" muito alto, ela logo os jogava no chão. Esta é a cena culminante, quando todos os homens do hotel procuram levar a melhor com a mulher de Barreto, que sorri confiante.

do com ele o suor da
S. Excia. ao partido
hotel e simpatisante
que anda lendo Marx.
Silveira entregava as

Martins; Sua
rico Garrido;

Democracina,
o de Rogerio,
de S. Excia.

peteca com as moças.
de peteca. Anistia con-
E o padre, embevecido,
Mas continuava o jogo.
sempre a melhor. Ela afi-
do Barreto.



7 A chegada de Anistia marcou o começo do prestígio de seu espôso. Todos começaram a bajulá-lo, apoiando as suas idéias e repetindo as palavras de sua esposa. Deduções de Lenine eram citadas a três por dois na sala de visitas e na varanda do hotelzinho de d. Democracina. S. Excia. já conversava amigavelmente com o Barreto e com ele se divertia em partidas de xadrez.



8 Chegou o momento em que até S. Excia. quis demonstrar sua simpatia pelo credo do "camarada Barreto". No final de uma palestra tirou do bolso, como quem não queria nada, um lenço vermelho e acenou com ele um adeus ao marxista, retirando-se para o seu quarto. Barreto ficou bem contente, entusiasmado e esperançoso com o fato. Quem entretanto não gostou nada daquilo foi o cônego Olimpio de Melo, tremendo adversário do comunismo. A cara que o jogador de peteca fez diante do lenço vermelho foi de desespero e mágoa.

9 Cena final: Silveira, vendo que os seus golpes para cima de Mme. Anistia não davam certo, resolve romper novamente com o seu marido. As hostilidades se abrem à vista de todos os hóspedes do hotel, inclusive S. Excia. Todos estão apreensivos diante dos brigações. Insultos são trocados, e a coisa vai ficando cada vez mais preta. S. Excia. tenta apaziguar. As mulheres gritam, numa tentativa vã de pacificação. Termina porém o "round" diante do mutismo geral. Corina segura o seu pobre espôso. Democracina levanta o braço de Barreto. S. Excia. ensaia uma rasteira...



Cães de caça

(Continuação da pág. 51)

as suas magníficas qualidades de cães de caça.

Durante os últimos cinquenta anos, o "setter" sobrepujou o "pointer" em popularidade. É difícil apontar a razão dessa supremacia, a não ser que seja pelo fato do "setter" suportar melhor do que o "pointer" a inclemência do tempo.

Das três espécies de "setter" o irlandês vermelho é possivelmente o mais popular, embora o branco e o Gordon sejam mais

bonitos. Os torneios realizados entre "setters" e "pointers" são espetáculos interessantes, e o alto padrão de eficiência alcançado é motivo de grande admiração para os inúmeros admiradores dos cães de raça.

De um modo geral a situação dos cães de caça na Grã-Bretanha é muito boa, não obstante os anos de guerra. A criação e o treinamento foram mantidos, embora em pequena escala, e não há dúvida de que serão apresentados elevados padrões logo que sejam reabertos os torneios.

Cinema

(Continuação da pág. 21)

larias, nas barbearias, nos escritórios ou nos apartamentos da Cinelândia, precisa saber que tudo isso deve a um homem. Um homem que lutou — e venceu. Venceu e morreu com a satisfação de um ideal cumprido. Se em vida não pôde ver a sua Cinelândia definitivamente uma cidade cosmopolita dentro da grande cidade que é o Rio, ele ali está no teatro de seu nome, no hotel de seu nome, no pequeno monumento fronteiro ao Odeon, no trabalho de seus filhos mas, principalmente, na lembrança, no coração, no carinho de todos nós, brasileiros, e particularmente os cariocas. A Cinelândia atingiu sua maioridade. Emancipou-se. Mas, como todo bom filho, não esquecerá aquela a quem deve a sua existência. Serrador, onde quer que você esteja, velho e querido Serrador — muito obrigado... — C.



VOCÊ QUER ADIVINHAR A VONTADE DE QUALQUER CRIANÇA?

ofereça-lhe

Guaraná Champagne

Nada lhe agradará mais do que um bom refrigerante. E refrigerante que seja gostoso e faça bem, só o GUARANA' CHAMPAGNE

GENUINAMENTE
BRASILEIRO

3 COPOS NUMA
CABRITA

É UM PRODUTO

ANTARCTICA

* Continental

Jayme Loureiro & Cia. Ltda.

COMISSÁRIOS E INDUSTRIAIS

EXPORTADORES — IMPORTADORES

CERAS, BORRACHA, PAINAS, RESINAS, ALGODÃO,
TALCO, ÓLEOS VEGETAIS, PENAS, POLVILHO, FI-
BRAS, COLAS E OUTROS PRODUTOS BRASILEIROS



ESCRITÓRIO E DEPÓSITO:

Rua da Conceição, 169-171
(EDIFÍCIOS PRÓPRIOS)

Tels.: 23-2599 e 43-6304 - End. Teleg.: JAYRO
RIO DE JANEIRO

Objeções a Firkusny e parabens a Alice Ribeiro

(Continuação da pág. 20)

ao absurdo, essa mania poderia fazer com que aqueles que vêem senões graves em Alice Ribeiro viessem a achar que, afinal de contas, trata-se de uma péssima cantora, pois por mais que se esforce tem uma voz tão exígua que não consegue dar notas características de um baixo profundo...

Se de fato o volume de sua voz não é grande o timbre é puríssimo, e — o que é mais importante — ela sabe utilizá-la e cultivá-la, demonstrando uma preocupação eloquível no sentido de aperfeiçoar cada vez mais o órgão frágil mas precioso com que a Natureza a dotou.

No concerto que nos ofereceu sob os auspícios da Cultura Artística, tivemos uma série de interpretações magníficas, num programa escolhido com bom gosto e discernimento. Foi um concerto que satisfez a todos, conforme evidenciaram os aplausos do público, que exigiu da cantora alguns extras, gentilmente concedidos.

Roberto Lyra Filho

NOTICIÁRIO

A temporada no Colón prossegue animadíssima, com recitais de Daniel Ericourt, que já esteve aqui, e está anunciada a ida de Rubinstein, que dará alguns recitais na capital portenha.

★

Ao que parece o Colón de Buenos Aires também resolveu fazer uma série de concertos para recreação popular, como temos aqui no Rio. Esta iniciativa incluirá várias séries dedicadas cada uma a uma classe, com programas apropriados. Já foram organizados alguns concertos para os estudantes, com grande êxito.

★

Realizar-se-á no dia 13 de agosto, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, um concerto da Sociedade do Quarteto com um trio de Beethoven, um Quinteto de Cesar Frank e, em homenagem póstuma a Francisco Braga, o "Bendengo", de sua autoria.

HEMORRHOIDAS? tome
Pílulas de Hervé de Bicho
LUC 3518-14-3 925 D.M.S.P.
ENCONTRA-SE EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS
Garantias! Ótimas! Infallíveis!

Espaço vago, motivo ornamental

Pôsto no ângulo de um monumental palacete americano, este moderno e elegante "living-room" é a última palavra em arte decorativa moderna. A porta que abre sobre um vasto terraço é de vidro e ornada por gradeamento de metal dourado. Cortinas brancas de seda forram as vidraças da mesma em toda a sua superfície. Como mobiliário, a peça tem apenas uma estante ornamental de pés cromados e prateleiras de cristal, que não aparece na foto acima e que cobre um dos ângulos diedros; além deste móvel duas poltronas de couro claro e estofamento movediço, uma mesa de metal e plataforma vidrada e uma mesinha de madeira negra. A precariedade do número de móveis, deixando vago um grande espaço, empresta à sala de estar um encanto maior e um aspecto mais luxuoso.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

CIGARROS

Belmont

Belmont

20 CIGARROS

CIGARROS
SOUZA CRUZ

Creusa